

LAFCADIO HEARN

KWAIDAN

HISTÓRIAS DE
FANTASMAS E
OUTROS CONTOS
ESTRANHOS
DO JAPÃO
ANTIGO

F • S F • R •



LAFCADIO HEARN

Kwaidan

Histórias de fantasmas e outros
contos estranhos do Japão antigo

Tradução e prefácio

SOFIA NESTROVSKI

Sumário

[PREFÁCIO: A vida estranha de Lafcadio Hearn — *Sofia Netrovski*](#)

[NOTA À TRADUÇÃO](#)

[KWAIDAN](#)

[A história de Mimi-nashi Hōichi](#)
[Oshidori](#)

[A história de O-Tei](#)

[Ubazakura](#)

[Diplomacia](#)

[Sobre um espelho e um sino](#)

[Jikininki](#)

[Mujina](#)

[Rokurokubi](#)

[Um segredo que morre](#)

[Yuki-Onna](#)

[A história de Aoyagi](#)

[Jiu-roku-zakura](#)

[O sonho de Akinosuke](#)

[Riki-Baka](#)

[Hi-mawari](#)

[Hōrai](#)

[ESTUDOS SOBRE INSETOS](#)

[Borboletas](#)

[Mosquitos](#)
[Formigas](#)

[NOTAS](#)

[SOBRE O AUTOR](#)

[CRÉDITOS](#)

PREFÁCIO

A vida estranha de Lafcadio Hearn^[1]

Lafcadio Hearn é um autor a quem a gente se apegava como se sua existência fosse uma descoberta nossa. Traduzi-lo é uma maneira de revelá-lo, convidar mais leitores a participar. Talvez não o confessem, mas alguns podem ficar frustrados com isso — justo aqueles leitores que o encontraram sozinhos, um tesouro enterrado na poeira de algum sebo ou nos rincões da internet. Conheço o sentimento, e sei também que esse é um prazer difícil de substituir. Mas a presente edição não é a única culpada. Hearn vem sendo amplamente redescoberto, relançado inclusive nos países de língua inglesa onde ficou em boa parte esquecido. A boa notícia — boa para quem? — é que Hearn me parece ser o tipo de autor fadado a ser redescoberto e esquecido ciclicamente, como, digamos, o uruguaio Felisberto Hernández, ou como até algum tempo atrás era o caso do conterrâneo irlandês de Hearn, Laurence Sterne — aquele que Samuel Johnson, o pai da crítica literária inglesa, considerou “estranho demais para perdurar”.

Por que lembrar de Lafcadio Hearn agora? Não é pelo estilo da escrita nem pela sutileza das imagens, nem mesmo pela agudeza dos argumentos — ou não só, porque tudo isso se encontra aqui em alguma medida, e ainda mais em outros autores da época, cujos nomes não é preciso mencionar porque todos nós os adoramos. Acredito que Hearn voltou a ser lançado porque nos identificamos com quem esteve diante do fim do mundo, ou do fim de mundos, e sobreviveu para contar a história (nos dá uma esperança de que a gente também pode

chegar lá). Hearn foi testemunha de mundos que estavam em vias de desaparecer; e é nosso guia carismático pelo avesso, homem solitário e esquisito, de origem jônico-irlandesa, cego de um olho, que escreveu uma obra vasta como uma feira de rua (variada! colorida! com produtos importados!). Foi um autor-viajante das periferias do mundo moderno, ou de lugares que pareciam ameaçados não por guerras, mas pela passagem do tempo. Falou de assuntos que hoje nos interessam por um viés que não encontramos em nenhum outro lugar. Vivendo no Japão, escreveu:

Quando nos tornarmos conscientes de que devemos tudo o que temos de sábio, ou bom, ou forte, ou belo em cada um de nós, não à individualidade que possuímos, mas aos esforços e às dores e experiências de toda a corrente desconhecida de humanos que viveram antes de nós, remetendo até a um passado de mistério inconcebível — aí, a adoração dos ancestrais nos parecerá algo extremamente correto. Filosoficamente, nada mais é que um gesto de gratidão ao passado — morto apenas em termos — vivo, de fato, dentro de nós e à nossa volta. [\[2\]](#)

A sabedoria, a ancestralidade, a experiência coletiva — está tudo aí! E nós queremos aprender com quem vem nos falar em termos que a gente reconhece. Termos que a gente achava que eram nossos. Mas o pacote tem de vir completo, e essa sequência é a continuação de um trecho que, na verdade, havia começado assim: “Bom, acredito que nós, ocidentais, temos de aprender a adorar nossos ancestrais; e isso é o que a evolução vai nos ensinar”.

E aqui já estamos diante de uma situação mais ambígua. Pulo a primeira parte da frase, porque não é o momento de teimar com ela, e passo à segunda: *a evolução vai nos ensinar a adorar nossos ancestrais*. A menção à evolução é uma referência não a Charles Darwin, nossa primeira aposta, mas a um Darwin filtrado pelas ideias de Herbert Spencer, a quem Hearn adorava,

como ficamos sabendo pelo último ensaio deste livro, sobre formigas. Spencer foi o pai do darwinismo social, famoso por ser o autor daquela expressão que começa onde termina e termina onde começa: a “sobrevivência dos mais aptos” (mais aptos a quê? A sobreviver). E no Brasil, não temos o direito à ingenuidade quanto ao darwinismo social: foi dele que descenderam as teorias de superioridade racial do século 19. Sabemos aonde isso foi dar.

Quem trabalha sozinho, sem pares, tende a chegar a lugares estranhos ou a conclusões erradas. É um alívio no caso de Hearn, que se isolou da crítica hegemônica. Sim, Spencer serviu para apaziguar o imaginário da classe dominante britânica de qualquer culpa que ela pudesse ter quanto ao horror da colonização. Só que Hearn lia Spencer com a cabeça sonolenta, sonhadora. Ele estava longe de ser um sujeito prático, e igualmente longe de ter qualquer tendência natural a sentir-se culpado pelos crimes do Império Britânico, ele próprio filho dessa colonização. Não teria sido por aí seu encanto por Spencer. Imagino que Hearn, por pensar como escritor, gostava daquela mistura de jargão científico com imagens de um reino animal selvagem, onde todos lutam contra todos e o sangue não pinga nem escorre, mas jorra. Tudo somado, ler Spencer é quase como ler um livro de terror — o mesmo se aplica, aliás, a Darwin.

Mas chega de Spencer e Darwin. Para começar de fato a investigar Lafcadio Hearn, devemos saber que ele foi não só um autor de histórias estranhas, mas alguém que viveu uma história muito mais estranha do que as que coletou. Seja lendo suas narrativas emprestadas de uma cultura alheia, seja lendo seus relatos de viagem, diários e cartas, temos frequentemente a sensação de estar diante de uma pessoa comprometida com ser quem ela é. O que não é pouco. Foi por viver, repetidas vezes, como estrangeiro que Hearn pôde estabelecer um contorno para si mesmo. São duas as formas de sair de si que ele cultivou ao longo da vida: a primeira foi a leitura, isso de pensar com as palavras de outra pessoa (como você faz agora com as

minhas); a segunda, pelas andanças. Para quem se sente deslocado o tempo todo, a possibilidade de literalmente se deslocar é um conforto, como o que o hipocondríaco moderado sente quando enfim adoece de verdade. A sensação se torna um fato, e o mundo exterior corrobora o mundo interior.

Foi como visitante de culturas a que não pertencia que Hearn construiu as fronteiras para se sentir uma pessoa. Aqui em *Kwaidan*, é ele quem nos espia pelas inserções dos colchetes, pelas notas de rodapé — e, indo mais fundo, pelas alterações que fez nos enredos tradicionais, levando a eles elementos do folclore irlandês ou um quê dos irmãos Grimm. E penso que é por isso que ele nos atrai, por isso que seguimos aderindo ao nicho de leitores de Lafcadio Hearn: porque sentimos que aqui tem uma pessoa. Dizem que a função do leitor é saber discernir o quê, num texto, é *vivo*, e o que só parece. A pergunta ressoa com aquilo que Hearn afirmou em seu gesto de gratidão ao passado. Repetimos: filosoficamente, Lafcadio Hearn ainda vive em nós e à nossa volta? Acredito que seus leitores — os que já estavam aqui desde antes e os que vão chegando agora — dirão *sim*.

Esta é a história de um homem que decidiu ser, como ele próprio definiu, “um devoto da estranheza, do peculiar, esquisito, exótico e monstruoso”.^[3] Foi um sujeito ilhado, segregado dos outros pelo caminho que trilhou e pelas várias situações em que disse *não*. Lafcadio Hearn foi alguém que insistiu na recusa, e só assim pôde conhecer um mundo amplo. Para se tornar um escritor, disse *não* para aquela força de gravidade que você e eu conhecemos tão bem, que está naquela preguiça de se levantar e explorar nosso entorno e nosso interior, passear pelas ruas de fora e pelas ruas de dentro. Mas também é um *não* para aquele empuxo no sentido contrário, que nos deixa ansiosos para nos ocuparmos com qualquer atividade vazia que não exija o esforço de construir, diariamente, um lugar próprio no mundo quando ele não é óbvio e não está dado.

Dizer *não* para só assim ser uma pessoa que escreve, que aceita se expor à investigação daquilo que quase não se deixa ver na ressaca de tédio e pressa que amarra um dia a outro e a outro, em direção não ao infinito mas ao fim — da vida. Na prática, *Kwaidan* só pôde existir porque, algum tempo antes, Lafcadio Hearn respirou fundo com o fígado e escreveu um *não* decisivo. Quando chegou ao Japão, escreveu uma carta para a revista que o enviara para lá:

[Seus] burocratas mentirosos e hipócritas, editores larápios e artistas cuja única habilidade artística é a de peidar 67 vezes por minuto — toscos, trambiqueiros, tratantes, filhos da puta [...] penicos-mijados-sem-alça-e-de-fundo-arrancado — néscios de alma gosmenta formada por dezessete espécies diferentes de merda. [...] Queiram gentilmente compreender que o vosso aborrecimento tem, para mim, o valor de um peido engarrafado, e vossa conta bancária tem menos importância que uma latrina de madeira atingida por um raio.^[4]

De não em não, Lafcadio Hearn construiu uma vida. Nasceu no dia 27 de junho de 1850 numa das ilhas Jônicas do Peloponeso. Viveu na Irlanda, na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Martinica e, por fim, em diversas cidades do Japão, aonde chegou em 1890, prestes a completar quarenta anos. Foi no Japão que escreveu a maior parte de seus livros (um por ano, em média, ao longo de catorze anos), e lá viveu até morrer em 1904, em Tóquio. Hearn nasceu num território em disputa e teve como línguas maternas o grego, o vêneto e o inglês. Aprendeu francês, latim, grego antigo, um tanto de espanhol e do francês *creole*^[5] da Louisiana, mas nunca dominou o japonês. Foi Patrikios Lefcadios Hearn (Πατρίκιος Λευκάδιος Χερν), depois Patrick, Paddy, Raven, Dismal Man, Lafcadio e, finalmente, Yakumo Koizumi (小泉 八雲, que pode ser traduzido literalmente como “Pequena nascente das oito

nuvens”). Publicou 29 livros, entre coletâneas de folclore, relatos de viagem, ensaios, romances, um livro de culinária, dicionários de provérbios e traduções de autores do romantismo francês.

PATRIKIOS LEFCADIOS HEARN

Sua mãe, Rosa Antonia Kassimatis, era nativa da ilha de Lêucade, do arquipélago jônico, o qual pertencera a Veneza, mas que se encontrava então sob protetorado britânico, em vias de ser incorporado à Grécia; seu pai, Charles Bush Hearn, era um cirurgião irlandês a serviço do Exército britânico, aquartelado na ilha por uma temporada. O relacionamento de Charles e Rosa ganhou força depois que um irmão dela esfaqueou Charles em nome da honra da família — Rosa então se prontificou a cuidar do namorado até que ele recuperasse a saúde. Tiveram um filho e o filho morreu. Depois casaram. Tiveram um segundo filho, que decidiram nomear em homenagem à ilha (Lafkada era o nome antigo, em inglês, do local).

Pouco depois do nascimento de Lafcadio, Charles foi enviado em missão colonial às Índias Orientais e manteve escondido de sua família de origem o casamento com uma estrangeira. Dois anos mais tarde, porém, em 1852, providenciou que Rosa e o filho pequeno fossem enviados a Dublin para viver com parentes seus, e deixou-os lá, sem que ela soubesse falar inglês. Charles Hearn visitou-os brevemente em 1853 e logo retomou suas viagens com o Exército. Entre idas e vindas, ele reatou um antigo romance da época de escola, e Rosa, grávida de mais um filho, começou a dar os primeiros sinais de transtornos psíquicos. Ela abandonou Charles para retornar à terra natal com outro homem, um conterrâneo que havia conhecido. Lafcadio, que tinha então quatro anos, nunca

mais veria a mãe, que passaria os últimos dez anos de vida internada num manicômio em Corfu, uma ilha ainda menor que Lêucade. Em 1857, Charles conseguiu que seu casamento fosse anulado, alegando que a certidão não tinha validade, já que não continha a assinatura da mulher — Rosa era analfabeta. A história tem seus enroscos, e não é fácil saber quem é a vítima, talvez apenas a criança indefesa. Que Rosa fosse analfabeta é um fato estranho, pois sua família fazia parte da alta sociedade local e a ilha de Lêucade tinha ótimos níveis de escolarização, inclusive para meninas. E Charles, trocado por outro, mas também ele já envolvido havia algum tempo com a namorada, pagou a Rosa novecentas libras como parte do acordo, uma quantia que não era singela na Irlanda e que deixaria qualquer um rico para os padrões do Peloponeso. Quando Lafcadio completou sete anos, seu pai também o abandonou e se mudou com a segunda mulher e uma nova família para Secunderabad, na Índia. Nunca mais viu o menino. Mandou algumas cartas esparsas contando dos tigres e serpentes do Oriente. Até que, em 1866, morreu de malária no golfo de Suez.

PADDY

Daí em diante, Lafcadio passou aos cuidados de uma tia-avó rica, que o criou com indiferença e, o que não é bem uma solução, opulência. Seus dias eram de pequeno aristocrata órfão. Sua criação foi toda terceirizada, primeiro passando dos pais à parenta um pouco mais distante, em seguida aos criados dela. A governanta o entretinha com histórias do folclore irlandês que conhecia de cor, e assim foi se formando nele um primeiro repertório de contos fantásticos. Sua memória ficaria marcada por esse folclore tradicional e por esse gesto de cuidado. Além disso, Lafcadio, ou “Paddy”, como o chamava a tia-avó, tinha livre acesso à biblioteca da casa: lia o *Paraíso*

perdido (1667), de John Milton (entre muitas outras coisas, talvez seja a melhor enciclopédia sobre demônios já escrita), e *O monge* (1796), de Matthew Lewis, romance gótico que serviu de inspiração para outras das importantes histórias de terror e escândalo que apareceriam mais tarde, como *Frankenstein* (1818) e *Drácula* (1897). Lafcadio Hearn tinha medo de dormir, vítima de pesadelos recorrentes. Como forma drástica de educação ou simples punição (quantas vezes essas duas não ocorrem misturadas), os criados o trancavam à noite num quarto sem luz.

Aos treze anos, foi enviado para estudar em internatos católicos, primeiro na França, onde foi colega de turma de Guy de Maupassant (cujos contos viria a traduzir para o inglês), e depois na Inglaterra. Recebeu com desinteresse a formação religiosa que lhe foi dada; Hearn foi descobrindo que a mitologia grega o atraía mais do que o catolicismo. Disse ter se encantado com os deuses gregos quando entendeu que o cristianismo os condenava “*por causa* de sua beleza”.^[6] Rejeitou o cristianismo como uma doutrina “da feiura e do ódio”.^[7] De quebra, encontrou nessa ruptura um vínculo com a memória que tinha da mãe — sinal de que desde cedo interpretava o mundo pelo contato com livros. É difícil dizer quanto dessa atração pelos deuses gregos era, de fato, uma questão de fé. Podia ser tanto uma solução para ansiedades metafísicas como para as artísticas, ou um pouco das duas. Até o fim da vida, misturada à busca por beleza e estranhamento, uma busca espiritual nunca resolvida o acompanhou. Sua relação com o budismo e o xintoísmo mais tarde se encaixaria aí.

No pátio do internato na Inglaterra, havia um brinquedo — então bastante comum — conhecido como *giant stride*, “passo de gigante”. Hoje é praticamente impossível encontrá-lo, por motivos que logo ficam óbvios. Consistia basicamente num poste com uma roda acoplada no topo, e cordas ou correntes de metal suspensas. As crianças, cada uma delas, deveriam segurar na ponta de uma corda, e então punham-se a correr em círculos,

fazendo com que a força centrífuga as levantasse do chão e lhes permitisse dar passadas gigantescas pelo ar. Acontece que a roda girava de acordo com a velocidade da criança mais forte — aquela que não fosse capaz de acompanhar o movimento era catapultada para longe. A queda podia ser apenas doída e humilhante. Mas também fatal, e há pelo menos um registro de morte na imprensa dos Estados Unidos. Só que um outro perigo era iminente: a corda ou corrente solta ficava livre para acertar o rosto da criança que estivesse atrás. Foi assim que, aos dezesseis anos, Lafcadio Hearn ficou cego do olho esquerdo. E já era bem míope do direito. A falta de visão seria um entrave constante em sua vida. Quando adulto, condoía-se das crianças que tinham de usar óculos e, no nascimento do primeiro filho, desejou antes de mais nada que ele “viesse ao mundo com bons olhos”.^[8] Quando descobriu a história de Mimi-nashi Hōichi, que escolheu para abrir esta coletânea, dizia ser ele próprio o cego tocador de *biwa*.

Os relatos de quem o conheceu fazem muitas vezes referência à vergonha que ele sentia de sua aparência. Pelo esforço, o olho direito ficou maior que o normal. Muito atento à própria imagem, Hearn posava para as fotos de perfil, olhando para baixo, sem mirar a câmara. Quando adulto, cultivaria um apreço pelas figuras da deusa budista Kannon, que tem os olhos quase fechados e encara o mundo não de maneira direta, mas pela fresta das pálpebras.

Lafcadio foi retirado do internato algum tempo depois — não por causa do acidente, e sim porque a tia-avó perdeu a fortuna. A história que Hearn contava era que ela havia caído no discurso de um golpista. Paul Murray, biógrafo recente do escritor, levanta suspeitas de que a tia-avó começou a sangrar as economias quando emprestou as novecentas libras para o pai de Lafcadio desfazer o primeiro casamento. Enfim, estando sem dinheiro, pelo motivo que fosse, a essa senhora pareceu que o sobrinho-neto metade estrangeiro e bastante esquisito já era grande o bastante para saber se virar sozinho. Foi assim que,

aos dezessete anos, ele se viu pobre, órfão e forçado a morar no bairro de East End, como todas as outras crianças pobres e órfãs da Inglaterra vitoriana. Por um tempo viveu na rua, até dividir casa com uma antiga criada de sua tia-avó. Conheceu como poucos o que é ser arrancado de uma classe social e lançado em outra, muito inferior. Aqueles aspectos mais básicos, determinantes na vida da maior parte das pessoas — nossa família de origem, nacionalidade, língua e classe social — não eram sólidos para Hearn. E sem essa base sólida, a vida se precariza, e a pessoa dificilmente encontra saída para a solidão: a que comunidade recorrer quando se precisa de apoio? Com quem se identificar para ver refletidas e interpretadas as próprias experiências? A situação é desoladora. Por outro lado, significa também que não havia uma comunidade imediata lhe servindo de camisa de força; sua mobilidade era maior. Quem não tem família nem nação tampouco tem dívidas com elas. Sei de gente que consideraria isso uma forma de liberdade.

Seguimos.

Hearn enfrentou cerca de dois anos numa Londres caótica e empobrecida. Parte deles numa *workhouse*, instituição vitoriana de controle social que abrigava os mais miseráveis sob uma falsa chancela solidária; na prática, essas casas de trabalho forçado dividiam as famílias pobres e chegavam a pôr os detidos para quebrar pedras, ou para se ocuparem de outros serviços que podem ser descritos metaforicamente como quebrar pedras. Os castigos físicos imperavam, assim como as regras estritas de comportamento. Sobre esse período, Hearn escreveu cartas em modo trágico, contando que acordava no meio da noite com o som de janelas sendo abertas com violência, ou de vidro sendo quebrado, seguido de gritos de dor e agonia; e que ouviu uma vez um barulho que definiu como “de assassinato”.^[9]

Ele guardaria para sempre a mágoa de ter vivido em Londres. Ali, aprendeu a detestar tudo o que estivesse associado às cidades grandes e à modernidade: as multidões

anestesiadas e indiferentes à própria dor, os postes de luz, os telefones, os trens, a sensação de que o mundo muda depressa. Sentia-se vinculado a um clima nostálgico e a um sonho de distância — àquilo que fosse, enfim, verdadeiramente *outro*. E isso ele descobria, como muita gente fez antes dele e seguirá fazendo, na literatura; e acreditava poder encontrá-lo num Oriente que passou a conhecer pelos livros, antes de conhecer em viagem. Ou senão, indo mais longe ainda, para além das divisas geográficas, ele buscava o contato com o outro mundo, um outro além, nas histórias folclóricas de fantasmas e demônios e, enfim, na vida dos insetos, o mais perto que temos, nesta Terra e em terra firme, de entrar em contato com um ser que é realmente distante de nós e que não demonstra muita empatia pelas nossas atitudes. Pela multiplicidade de formas e inescrutabilidade de seus hábitos, são nossos conterrâneos mais exóticos, quase extraterrestres, não estivessem aqui em toda parte (poucas atividades oferecem com tanta clareza a sensação de alteridade quanto estudar os insetos: são os animais que ocupam o planeta em maior quantidade, o que nos leva a pensar que a Terra pertence, no fim das contas, a eles, e nós somos a exceção estrambótica).

DISMAL MAN

Na primavera de 1869, um parente distante, do lado paterno, constrangido por ter um familiar naquela situação, entregou a Lafcadio uma passagem só de ida para os Estados Unidos. Recomendava que, chegando lá, ele fosse buscar acolhimento à porta de outro parente, um completo desconhecido que morava em Cincinnati, Ohio.

Lafcadio aportou primeiro em Nova York, com dezenove anos, magrelo, miserável. Era tímido, media 1,60 metro e tinha uma tendência a crises súbitas de choro. Por algum tempo,

tentou se virar sozinho na cidade. Gostava de andar pelas ruas a esmo e fez um ou outro amigo com quem conversava sobre livros, mulheres e a vontade de conhecer o Oriente. Num dado momento, sem razões claras — talvez tivessem secado os trabalhos esparsos, talvez o assunto com os amigos —, optou por arriscar mais uma mudança e ir a Cincinnati, aquela cidade de imigração alemã, polo cervejeiro e de exportação de carne de porco salgada, conhecida até então como Porkopolis. Difícil imaginar um lugar menos atraente para alguém como Hearn. Mas ele também manifestava essa inclinação: lançar-se a lugares onde seria objetivamente um estranho.

O que se sabe do relato de sua amiga e primeira biógrafa, Elizabeth Bisland (também ela escritora e viajante), é que Lafcadio não tinha dinheiro sequer para comer durante a viagem. Chegando lá faminto, encontrou mais um familiar que não queria saber dele. O sujeito achou melhor aferrolhar a porta. Deu a Lafcadio cinco dólares e se retirou de sua história antes mesmo de fazer parte dela.

Tinha então dezenove anos, e era um estrangeiro no estranho e enorme mundo da América, lamentavelmente atormentado por uma realidade sombria. Como não sabia encarar essa realidade, fazia de tudo para esquecê-la; para isso me serviam os devaneios românticos que eu nutria diariamente numa biblioteca pública.^[10]

Mas Hearn ficou em Cincinnati, e encontrou seu primeiro trabalho fixo numa oficina de tipógrafo, depois de ter tentado a sorte como vendedor ambulante. Não demorou a fracassar — dizem que a personalidade dita nosso destino, e a timidez ditou o dele. Seu lugar era evidentemente outro. Nas gráficas, descobriu que podia ser um trabalhador insistente e apaixonado: ganhou inclusive o apelido de Old Semicolon, “Velho e Bom Ponto-e-vírgula”, uma de suas pontuações preferidas, como o leitor comprovará em *Kwaidan* e em toda a sua obra (imagine alguém cuja personalidade é essa mistura de

preciosismo e fora-de-mundismo tentando ser um bom vendedor). Henry Watkin, um inglês trinta anos mais velho que ele e dono de uma gráfica, o apadrinhou e foi o primeiro a reconhecer sua vocação para a escrita. Ofereceu-lhe pouso na oficina, e Lafcadio passou a morar junto da pilha de jornais velhos. Foi dormindo com a página impressa que se fez escritor.

Por intermédio de Watkin, ele começou a escrever uma coluna policial no diário *Enquirer*, assinando como Dismal Man [Homem Sombrio]. Sua especialidade eram os relatos de crimes violentos: o primeiro texto que publicou tratava de um funcionário de curtume que fora espetado com uma forquilha e oferecido, ainda vivo, à fomalha. *Kwaidan* é uma depuração disso: o horror real do início de sua carreira passa a ser um horror imaginário, e o estilo se desvencilha (não totalmente) do exagero de descrições que falavam, por exemplo, em:

amontoados de ossos humanos em migalhas enlaçados por tendões ardentes [...], grudados pela cola hedionda de pele derretida, cérebros fervidos e coágulos de sangue misturando-se ao carvão.^[11]

Alguns escritores têm uma trajetória que pode ser descrita pela metáfora da evolução, um desdobrar-se de dentro para fora, fazendo florescer uma semente já contida. O que Hearn fez foi expurgar, purificar, refinar. Para vir a ser o autor de *Kwaidan*, precisou desafiar o sucesso fácil do jornalismo sensacionalista: seus textos como Dismal Man o alçaram à primeira página e venderam a ponto de salvar o jornal da beira da falência. O crítico e poeta Gerardo Mello Mourão disse que o gênero mais próximo da poesia é a reportagem: estava se referindo à necessidade de “nomear a coisa, o lugar, a pessoa e a relação entre essas três vigências”, abrindo mão dos próprios conceitos e preconceitos.^[12] A comparação funciona aqui, mas sobretudo por outros motivos: o jornalismo que Hearn praticava era de poeta. Só que o poeta, no caso, era um Byron menor, um romântico sem patota. De modo geral, o jornalismo

nos Estados Unidos do século 19 era, entre anúncios de óleo de cobra e charges maldizendo os estados do Sul, sendo do Norte, ou do Norte, sendo do Sul, um lugar para a experimentação, de busca por uma voz autoral e um meio de sustento.

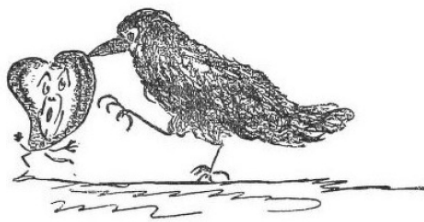
Como jornalista, Hearn foi feliz por um tempo. Pôde contar, por exemplo, a história de Henrietta Wood, mulher escravizada que conseguiu comprar a liberdade mas acabou capturada e levada à força ao antigo senhor. Ela processou seu sequestrador e, com o relato de Hearn em mãos, obteve o maior valor pago na história dos Estados Unidos em reparação pela escravidão, 2 500 dólares.

Lafcadio Hearn embarcou em pautas de variedades que lhe foram sugeridas, como a reportagem irônica (de gosto suspeito) narrando uma escalada sua ao topo do campanário da igreja mais alta da cidade, a partir do qual ele descreveria a vista. A “piada”: Hearn não enxergava quase nada de longe. Encarou a proposta com aquele senso de humor que é sintoma quando a causa é a melancolia. Harold C. Goddard (1878-1950), importante crítico shakespeariano que anda esquecido (terá um momento de redescoberta? — deixo aqui o nome anotado, garrafa lançada ao mar), entende que, para Shakespeare, a melancolia é “sinal de que um sujeito está vivendo de maneira obstruída, incompleta ou no papel errado; vive muito aquém de seu potencial ou na contramão de sua natureza”.^[13] Ou seja, o melancólico quer sempre atingir alguma coisa perdida na distância; a contraparte da melancolia é a sustentação de um ideal. Na busca por elevação, é propício escalar até o topo de uma igreja — se você não sabe como funcionam as igrejas. A ironia tristonha do autor-aventureiro serve de véu para esconder o desejo mais constrangedor e simples de ser notado por Deus.

Esse seu início de carreira foi disparado pela sensibilidade de Henry Watkin, capaz de perceber o potencial para a escrita num jovem que nunca havia escrito nada, ou ao menos não

publicara nada. Os dois se identificavam pelas leituras em comum, pelo gosto por certos livros e autores. Watkin era um anarquista utópico, defensor de um novo modelo de sociedade e de desenvolvimento humano — o que explica por que foi ele, em particular, que se deu ao trabalho de prestar atenção num sujeito tão escanteado como Hearn. Mas foi na paixão por contos fantásticos, como os de Edgar Allan Poe e de E. T. A. Hoffman, que eles verdadeiramente se conectaram. Aliás, o apelido de Hearn desde a época do internato era, justamente, Raven [Corvo], por causa do poema mais repetitivo de Poe, até hoje um predileto das antologias da literatura fantasmagórica. Não foi banal a percepção que Watkin teve. Não é qualquer um que seria capaz de perceber um talento a ser depurado na escrita de quem deixava bilhetes como este:

Vim te procurar... VOCÊ NÃO ESTAVA!!! Então eu parti, e vaguei pelos túmulos da Memória, onde os Goules do Presente abocanham os ossos negros do Passado. Depois me aproximei pé ante pé até a porta e coleí meu ouvido à procura das batidas de seu ridículo coração. [\[14\]](#)



Desenho que Hearn deixou em bilhete para Watkin, sem data

LAFCADIO HEARN

O autor viveu a maior parte de sua vida (até a mudança para o Japão) sem ser considerado um homem branco. Sua origem mediterrânea e irlandesa fazia dele um mestiço na Europa e nos

Estados Unidos. Era filho da colonização britânica, tanto por parte de pai quanto de mãe — só que o pai era aliado do exército colonizador —, e pode parecer estranho para nós, que esperávamos alguma identificação de dois países com um inimigo em comum, mas o que vemos é que, pelo contrário, a cor de sua pele era motivo de constrangimento para seus parentes irlandeses. Já nos Estados Unidos, o fato de ser irlandês era o maior problema: naquele momento de imigração maciça, o sentimento anti-irlandês era corrosivo. Charges de grande circulação retratavam os irlandeses como macacos. E mesmo em relação a sua família, digamos, europeia, ele reclamava uma ambiguidade. Suspeitava que o pai tivesse uma possível origem cigana... Mas não se sabe com que evidências o afirmava. Talvez nenhuma, além do desejo de lançar a própria origem para um lugar ainda mais romântico, mais oriental. Sua fisionomia foi descrita por Bisland como “incomum e marcante, de alguma filiação racial difícil de definir exceto pelo uso do termo ‘exótico’; não exhibe qualquer traço britânico nem irlandês”.^[15] E, diferente dos muitos irlandeses que chegavam aos Estados Unidos fugindo da fome, Lafcadio Hearn tinha uma relação peculiar com a pobreza, tendo crescido como menino rico. Não se sentia irmão dos irlandeses emigrados. Então buscou se aproximar não daqueles que eram seus pais ou menos conterrâneos, e sim da comunidade negra de Cincinnati, com quem sentia uma afinidade maior por não se encaixar naqueles parâmetros de branquitude.



Caricatura de Thomas Nast, de 1867. A legenda diz “O jeito de agir habitual dos irlandeses”. No barril, lê-se, “Pólvora”



Ilustração da *Harper's Weekly*, de 1899, mostrando um “irlandês-ibérico”, um “anglo-teutônico” e um “negro”, o que indica que até bem recentemente na história os irlandeses não eram considerados brancos

Lafcadio Hearn nunca chegou a conhecer seu irmão biológico (que só nasceu quando a mãe voltou ao Peloponeso), junto a quem poderia ter encontrado uma parceria na solidão de sua identidade. “Quando vi sua fotografia”, escreveu a ele, os dois já crescidos,

senti todo meu sangue se agitar — pensei, “Eis aqui um ser desconhecido, em quem vive a alma de minha mãe — que deve conhecer os mesmos impulsos estranhos, os mesmos anseios, os mesmos ímpetos que eu! Será que ele vai me contar sobre eles?”. Eis um outro Indivíduo — será que esse Indivíduo poderia interpretar Este aqui?^[16]

E, no entanto, quando esse irmão se mudou para os Estados Unidos, Lafcadio se recusou a conhecê-lo. Sua “estrutura emocional”, explicaria um amigo próximo, “era a de uma criança”, “sofria por querer ser amado e por não se deixar amar”.^[17]

Em 1874, Hearn casou com uma mulher negra, nascida na escravidão, Alethea Folley, que ele apelidou de Mattie, rimando com seu próprio apelido de infância, Paddy. Era filha de um senhor de escravos irlandês com uma das mulheres que ele escravizara. Até o início da Guerra Civil, em 1861, Alethea tinha sido forçada a trabalhar para membros da família do pai, dada como presente a sua meia-irmã branca. Quando Hearn a conheceu, a escravidão fora abolida nos Estados Unidos fazia menos de uma década. A ressonância das duas vidas é sugestiva, mas não passa disso. Lafcadio era filho de um irlandês com uma mulher mediterrânea, livre; Alethea era filha de um irlandês com uma mulher negra, propriedade dele. Hearn até podia não ser considerado branco dentro daqueles critérios rígidos de pureza racial. Mas certamente não era negro. Para as leis dos Estados Unidos daquela época, Alethea, filha de um europeu com uma mulher escravizada, era inequivocamente negra. Por isso, Lafcadio e ela casaram às escondidas, desafiando as proibições de miscigenação racial que o estado de Ohio ainda mantinha.

Não levou muito tempo até que a notícia do casamento ilegal chegasse aos ouvidos de seus empregadores, e Hearn foi demitido. O jornal concorrente chegou a contratá-lo (por um salário menor), mas ele preferiu abandonar a “feroz Cincinnati”. Sentia-se “ostracizado, transformado em tabu,

criminalizado”.^[18] E seu casamento com Alethea foi descrito como difícil, feito de brigas; Hearn vivia à flor da pele, em permanente desconfiança de que seria abandonado em todas as suas relações. E Alethea, que antes do casamento às vezes se prostituía, foi aos poucos retomando o trabalho. Chegava a ficar dias sem voltar para casa.

Dessa vez, foi Lafcadio Hearn quem fugiu, deixando Alethea para trás. Com o gesto, assumiu uma nova versão de si mesmo, passando a assinar com o nome pelo qual ficou conhecido na literatura. Despiu a identidade irlandesa de Patrick; desvencilhou-se da necessidade de pseudônimos, apelidos e persona literária. Aqui começa sua vida de escritor.

Para além das mais recentes reedições mundo afora, Lafcadio Hearn teve fama perene em dois lugares: na Louisiana e no Japão. Dois de seus livros vêm encontrando novos leitores desde a publicação: o mais conhecido é este *Kwaidan*, que, além de ter aficionados por toda parte, é leitura canônica no Japão, sendo inclusive parte do currículo escolar, lido como documento da cultura tradicional que se perdeu na modernização da era Meiji (1868-1912). Muitos chegam ao livro porque o conhecem primeiro como filme, o clássico do terror japonês de Masaki Kobayashi (1964), baseado em dois dos contos deste livro (“A história de Mimi-nashi Hōichi” e “Yuki-Onna”) e mais dois que Hearn publicou em outros volumes (“Kurokami”, do livro *Shadowings*, e “Chawan no Naka”, de *Kottō*). Outra obra sua que não sai de catálogo é a novela *Chita: A Memory of Last Island* [Chita: uma memória de Last Island],^[19] escrita numa mistura de inglês, espanhol e francês *creole*, publicada em 1889, sucesso de público em seu lançamento e recuperada, com nova relevância, após o desastre do Katrina, em Nova Orleans, em 2005.

A história de *Chita* começa com um furacão que ocorreu em 1856 e destruiu boa parte do sul da Louisiana. Uma ilha — mais uma na trajetória de Hearn — desaparece, consumida pelas

águas do mar, e uma menina de cabelos dourados é encontrada por uma família de pescadores, ainda abraçada ao corpo da mãe que acaba de morrer. Sem que saibam nada sobre seu passado, suas origens, sobre quem, afinal, ela é, e sem que isso seja um impeditivo para que se apeguem a ela, adotam a menina órfã e passam a chamá-la Chita. Cuidam dela com um amor que Hearn jamais teve quando abandonado pelos pais; na história, anos se passam e Chita cresce contente na nova família. Enquanto isso, sem que ela imagine, seu pai continua vivo e enlouquecido pela falta que ela lhe faz. Quando esse pai finalmente descobre, por acaso, que a filha sobreviveu ao furacão, seu arrebatado de alegria é tamanho que ele adoece, delira e morre, arrebatado pelo amor paternal. A essa altura de sua vida, com seus trinta e tantos anos, já fazia muito tempo que Lafcadio Hearn recebera as últimas notícias dos pais, que dirá seus cuidados.

Nova Orleans era uma cidade de paisagens taciturnas. O clima era de velharia, decadência e abandono, descreveu Elizabeth Bisland:

e, portanto, era [...] muito mais afeito aos gostos [de Lafcadio] do que a cidade próspera e em desenvolvimento que havia deixado para trás. [...] Os casarões lúgubres, melancólicos, em que ele se hospedava, em quartos rotos e abandonados — ainda decorados com os trapos magníficos de um passado de riquezas —, e servido por mulheres educadas, tímidas e infelizes, ou por suas antigas criadas; os pátios escuros e cobertos de flores atrás de paredes vazias e bolorentas; os gritos vindo das ruas; as canções noturnas dos vagabundos — toda aquela vida colorida, poliglota e semitropical da cidade apelava continuamente à veia romântica da natureza desse jovem.^[20]

Hearn passaria dez anos na cidade, fascinado com a cultura *creole*. Ocupou-se registrando as expressões populares e as histórias da tradição oral, interessado nas práticas medicinais e religiosas, no vodu e nas danças cerimoniais. A cena musical dos bairros negros era o que mais lhe chamava atenção: Hearn foi testemunha daquele movimento vivo, ainda sem forma definida, e que mais tarde desembocaria no jazz, no blues e, num segundo momento, no rock e seus derivados. Nas cartas que trocou no período, e também em ensaios jornalísticos de uma etnografia intuitiva, estão alguns de seus melhores momentos como escritor. O mesmo vale para os livros de ensaios semelhantes que escreveu sobre o Japão, aos quais remete em algumas notas de rodapé deste volume. Como escritor de viagens, é um observador atento e um narrador vivo, espontâneo — muito mais original do que nos romances, em que concede espaço aos clichês da escrita sentimental da época. No estilo maduro e depurado de *Kwaidan*, Hearn aprendeu a medir a criação de ambiência e a pormenorização do ambiente, algo entre o vago e o substancioso. É uma mistura do diáfano, então em voga na literatura que lia, com aquilo que aprendeu a fazer em suas descrições de viagem, nas quais tudo é formado de detalhes, tudo tem corpo.

Preciso lhe contar de um restaurante chinês onde eu gastava meu dinheiro quando ainda não tinha começado a assumir as tarefas domésticas por conta própria. Ninguém da parte americana da cidade — ou no máximo um ou outro — sabe da existência dele. O dono não faz anúncios, não põe cartaz na porta, e parece fazer o possível para manter secreto seu estabelecimento. O restaurante está situado nos fundos de uma velha casa *creole*, na rua Dumaine — mais ou menos no centro do bairro francês; para chegar até ele, é preciso atravessar um beco escuro. Eu já tinha ouvido falar tantas vezes da sujeira dos chineses, que seria razoável se eu tivesse algum receio de entrar — não fosse a recomendação insistente de um amigo meu espanhol, que hoje é jornalista e

um sujeito romântico. (Aliás, ele uma vez matou um desconhecido aqui em 1865 e teve de fugir do país. Umas palavras acaloradas num saloon, e o sangue espanhol ferveu. O desconhecido caiu de uma vez só, e a facada foi tão certa — “seguindo todas as regras” — que meu amigo conseguiu escapar antes mesmo que as pessoas se dessem conta do que havia acontecido. Então o assassino se enfiou numa escuna espanhola e mandou-se para Cuba, onde permaneceu quatro anos. E quando retornou, não havia testemunhas.)

Mas voltando ao restaurante. [...] ^[21]

O Lafcadio Hearn que anda pelos becos e faz amizade com assassinos é o mesmo Lafcadio Hearn leitor dos românticos franceses preciosistas, sutilíssimos. Assim que Flaubert publicou a novela *As tentações de santo Antônio*, em 1874, Hearn se apressou em traduzi-la. ^[22] A história — escrita não na chave do Flaubert realista de *Madame Bovary*, mas num estilo convulsivo, difícil, místico, como em *Salammbô*, que abria o caminho para a poesia simbolista da geração seguinte — virou uma obsessão para ele, que terminou a tradução acamado pela febre amarela. Não encontrou editor interessado em publicá-la, nem mesmo em ler o manuscrito daquela história vanguardista, tão pouco puritana. Ficou engavetada por mais de vinte anos até sair em 1897 — a tradução foi consagrada nas gerações seguintes e continua em catálogo como uma das principais, senão a principal, versão do conto no mercado anglófono. O mesmo Hearn que saía em caminhadas longas com um telescópio retrátil no bolso, que narrava crimes grotescos e farejava o desconhecido, em busca do vil e do violento, sem se preocupar demais com a própria marginalização nem com o risco das doenças tropicais, é o Hearn leitor de poesia, o Hearn do refinamento absoluto, atraído por forças etéreas, pelo orientalismo livresco e sonhador. A tônica, num caso como no outro, é o tédio diante de um mundo achatado. É mais uma vez a recusa — um pouco de tudo, ou de quase tudo que pudesse ser

considerado sadio, solar e acima de qualquer suspeita. Lafcadio Hearn é um autor que já começa exausto. Poderíamos descrever suas viagens para lugares distantes como escapismo ou, o que dá na mesma, como felicidade provisória.



Ilustração de Hearn em carta para Page Baker, representação de uma vespa voando, sem data

Em 1885, ele publicou seus primeiros livros de não ficção. Lançou *Gombo Zhèbes*,^[23] um “dicionário de provérbios *creole* selecionados a partir de seis dialetos”, com frases coletadas da Louisiana, Martinica, das Ilhas Maurício, de Trindade, da Guiana Francesa e do Haiti — desse último, vem, por exemplo, “*Chien connaitt comment li fait pou manger zos*”: “O cachorro sabe como ele faz para comer ossos”. De Trindade, “*Causer cé manger zoreïes*”: “A conversa é a comida das orelhas”. Da Martinica, “*Zié beké brilé zié nèg*”: “Os olhos do branco queimam os olhos do negro”.

Em seguida, lançou o primeiro livro a registrar a cozinha local, *La Cuisine Créole: A Collection of Culinary Recipes from Leading Chefs and Noted Creole Housewives, Who Have Made New Orleans Famous for its Cuisine* [A cozinha *creole*: uma coleção de receitas culinárias dos principais chefes e de reconhecidas donas de casa *creole*, que fizeram Nova Orleans famosa por sua cozinha].^[24] Publicou-o anonimamente, a princípio, para não ser tachado de “autor de livros de receita”. E apesar de não saber cozinhar, juntou-se a um amigo e a uma cozinheira para abrir um restaurante na cidade, que chamou singelamente de The Hard Times [Tempos difíceis, como os de Dickens]. Investiu cem dólares — o equivalente a dois meses de salário — nesse que seria, como dizia o anúncio, “o restaurante mais barato do Sul”, cobrando cinco centavos de dólar por

prato. Passado um mês, seu amigo e parceiro fugiu com a cozinheira, levando consigo também o dinheiro — mais um abandono na conta de Lafcadio Hearn.

Hora então de mudar de ares. Em 1887, Hearn embarcou para a ilha da Martinica, no Caribe, onde passaria quase dois anos num outro mundo que estava prestes a desaparecer. A cidade de St. Pierre, onde ficou hospedado, seria destruída doze anos mais tarde por uma erupção vulcânica. Seus escritos de viagem, publicados primeiro na revista *Harper's Monthly*, e depois reunidos em 1890 no livro *Two Years in the French West Indies* [Dois anos nas Índias Ocidentais Francesas], tornaram-se o registro definitivo dessa cultura perdida. Os relatos foram mais uma vez matéria-prima para a ficção de Hearn, como ele havia feito em *Chita*. Publicou a novela *Youma: The Story of a West-Indian Slave* [Youma: a história de uma escravizada das Índias Ocidentais], inspirada numa insurreição.^[25] A história, trágica, é centrada no amor inter-racial de uma mulher branca com um homem negro. Aliás, não é de se ignorar que Hearn digerisse a própria experiência pela ficção, imaginando as circunstâncias de sua vida na pele de personagens femininas, seja em *Chita* ou em *Youma*. Há uma recusa, consciente ou não, dos modelos de masculinidade disponíveis. Nisso ele se aproxima de outros autores da literatura inglesa do fim do século 19, como Oscar Wilde e Walter Pater, e se afasta dos escritores de relatos de viagens que ostentavam uma virilidade heroica, como Robert Louis Stevenson e Rudyard Kipling — embora eles também buscassem uma alternativa à vida urbana da civilização europeia. (Uma anedota como exemplo: Kipling, num poema tardio, reclamou que a vida na Inglaterra tinha se tornado artificial — que toda manteiga já havia sido substituída por margarina.)^[26]

A história de *Youma* foi serializada na *Harper's Magazine* e rendeu a Hearn uma quantia considerável em direitos autorais. Mais tarde, ele optaria por abrir mão dessas e outras

compensações por seus escritos. Não tinha talento para a vida prática. Era aristocrático em seu imaginário. Desde a adolescência, no entanto, não havia nada em sua vida material que corroborasse essa disposição mental; mas aceitar o prosaísmo da classe burguesa não era algo a que ele estivesse disposto. Não foi à toa que sentiu o chamado de um Japão que ainda possuía um quê de feudal. O país representou, para ele, nas palavras do escritor Roger Pulvers, “um santuário para sua imaginação”.^[27]

YAKUMO KOIZUMI

Durante a temporada na Martinica, Lafcadio Hearn levava consigo, como um talismã, um leque de papel japonês com um desenho de bambu sobreposto a um horizonte de mar e céu. “O desenho pode parecer banal a meus amigos do Norte”, escreveu, “no entanto, me provoca um prazer que é quase dolorido”.^[28] Desembarcou no Japão em 4 de abril de 1890, poucos meses antes de completar quarenta anos. Chegando lá, ficou espantado: disse que até as árvores pareciam ter alma. Logo escreveu uma carta a Elizabeth Bisland:

Somos nós os bárbaros! Isso não é apenas um pensamento: é uma convicção tão certa quanto a morte. Tudo o que eu queria era poder reencarnar num pequeno bebê japonês, para que eu pudesse ver e sentir o mundo com tanta beleza quanto [o percebe] um cérebro japonês.^[29]

Viajou inicialmente a convite da *Harper's*, com o plano de passar cerca de um mês e escrever mais relatos serializados, como havia feito na Martinica. Acabou ficando catorze anos no arquipélago. Nessa longa estada, veio a se casar com uma mulher japonesa, filha de um samurai, e com ela teve quatro

filhos. Trocou a cidadania irlandesa pela de seu novo país (para que a mulher e os filhos pudessem ter direito a herdar a casa onde viviam), e morreu em Tóquio, onde foi enterrado seguindo os preceitos budistas, como poucas vezes havia acontecido com alguém nascido no exterior: com o caixão coberto de crisântemos e uma coroa de louros. Sete sacerdotes recitaram sutras, e uma gaiola de pássaros foi aberta para que a alma do falecido pudesse seguir com eles nas alturas.

Mas sem adiantar demais a história: tendo chegado havia pouco na cidade portuária de Yokohama, pronto para iniciar o trabalho, Lafcadio Hearn atentou para certa raposice na maneira como a *Harper's* tinha combinado seu pagamento (comparado ao cachê do ilustrador enviado para acompanhá-lo, que ganharia quatro vezes mais), e deu vazão ao acúmulo de mágoa e rancor pelos anos de dedicação ao jornalismo, enviando aos empregadores aquela desbragada carta de recusa, chamando-os de “filhos da puta perversos patéticos pervertidos covardes vis e avilanados” (as rimas internas, assonâncias e aliteraões no inglês sugerem o quanto ele se divertiu com a escrita: “*miserable beggarly buggerly cowardly rascally boorish brutal sons of bitches*”). Aí está: alguém com um senso de mundo mais aburguesado não se daria esse luxo. A empáfia não cabe na boca do pequeno burguês.

Depois disso, só arranjou meios para sobreviver graças à intervenção de um britânico que se condeu de sua situação e lhe arranhou uma vaga como professor de inglês numa escola em Matsue, pequena cidade costeira a cerca de 230 quilômetros de Kyoto. Dali em diante, Hearn encontraria enfim algum conforto financeiro dando aulas em diferentes escolas e universidades no Japão, sempre contando com a ajuda de amigos europeus — em nenhum momento da vida ele havia sido tão branco. Atravessou os sucessivos períodos de admiração pelo Ocidente e de xenofobia próprios da era Meiji, que em poucas décadas catapultou o Japão direto do feudalismo para se ombrear com as potências capitalistas mundiais. Nessa aceleração brusca, as referências estrangeiras e as tecnologias ocidentais tomavam o

lugar do tradicional, daquilo que fizera Hearn viajar tão longamente para encontrar. É irônico que, por mais que tenha se dedicado à cultura antiga em seus escritos (todos eles em inglês), foi um agente da ocidentalização, oferecendo aulas de inglês para a juventude japonesa.

De início, parecia salvo da própria melancolia e das próprias contradições. Aquela primeira cidade em que morara no Japão, Matsue, foi sua preferida. Era um paraíso intocado e ainda resguardado da modernização — uma ilha às avessas, isolada por um mar de montanhas. A linha de trem saindo da capital parava a algumas cidades de distância; era então preciso atravessar, de vilarejo em vilarejo, pelo caminho das montanhas, até encontrar a cidade, que pouco antes ainda havia sido um feudo, com seus castelos que falavam de um passado glorioso. A descoberta de Matsue oferecia a Lafcadio Hearn tudo o que ele buscava no Japão, como aliás já tinha buscado em cada uma de suas outras viagens: o lugar do autêntico. Pela mesma razão, detestou conhecer Tóquio e ver a modernidade engolir seu sonho de pureza. Foi em Matsue que conheceu um antigo samurai, deposto do lugar social que ocupara antes das transformações do país. O samurai falava inglês e lhe arranhou um casamento com sua filha, Setsuko, de 22 anos, que já não podia contar com a antiga posição do pai para garantir um par melhor. Ela falava apenas japonês, o que assegurava a incomunicabilidade do casal. Hearn nunca chegou a dominar o idioma, mas o casamento foi duradouro e gerou quatro filhos nativos. Foi com relutância que ele ensinou inglês a Setsuko, alegando não se tratar de uma língua que favorece a beleza das mulheres: o orientalismo vitoriano cheira forte demais a colonização, independentemente das sutilezas ou contradições que uma história peculiar e individual possa ter.



Ilustração de Hearn em carta para Mitchell McDonald, “Belezas da vista — paisagem de Tóquio a Yokohama”, Tóquio, maio de 1899

E é de fato uma história peculiar. Mas que não desfaz as dúvidas que vêm quando lemos certas passagens de Lafcadio Hearn ou pensamos em aspectos de sua biografia. Como muitos outros exploradores de sua época,^[30] ele acreditou, num primeiro momento, ter encontrado numa cultura distante uma terra de inocência. Hearn é um viajante tardio dessa tradição. Foi ao Japão ciente disso, acreditando ter pouco de novo ou revelador a contribuir a respeito de uma cultura já bastante registrada em páginas europeias. Ele percebia, lamentava e, acima de tudo, se irritava com o que entendia como contaminação do seu desejo por um paraíso perdido, que não estava mais totalmente a seu gosto. Mas aqui e ali, em cenas de crianças brincando junto a templos e estátuas de buda, reconhecia um ambiente luminoso, onde “a religião não obstrui a luz do sol”.^[31] Suas descrições de cenas cotidianas são as leituras de um esteta, meditativo e encantado. Ele vê no Japão uma alegria macia, nostálgica de si mesma, ainda que esteja olhando para o momento presente, como se o país todo estivesse tomado por uma sensação de fim de férias.

Noite dessas fui parar numa região pouco explorada de Tóquio — uma cidade inteira incandescente, de lanternas de dez metros de altura, decoradas com padrões esquisitos. Interessei-me sobretudo pelos vendedores de insetos. Comprei algumas gaiolas cheias de insetos que cantam à

noite, e estou agora empenhado em escrever um ensaio sobre eles. O som que essas criaturas produzem é muito mais extraordinário do que se pode imaginar; mas o costume de comprá-las não está calcado apenas no amor pela música. Não: o que acontece é que essas orquestrinhas oferecem aos cidadãos uma sensação de deleite bucólico. É a mesma que há nos bosques e morros e na água corrente e em céus estrelados e no ar puro. Os vaga-lumes são engaiolados por esse motivo.

Não seria essa uma maneira de refinar nossas sensações? Apenas um povo poético seria capaz de imaginar esse luxo: comprar as vozes do verão para que produzam a ilusão de natureza onde não há nada além de lama e poeira. [\[32\]](#)

Lafcadio Hearn passou a gostar cada vez mais de bichos e cada vez menos de gente. Depois de sua morte, a esposa Setsuko Koizumi publicou uma breve biografia a seu respeito, *Reminiscences of Lafcadio Hearn* (1918), em que narra, em mais de uma cena, o companheirismo de Hearn com os animais e o desânimo diante dos humanos. Numa dessas cenas, ela conta dele indo ao quintal da casa para dividir seu almoço com uma cobra. “Estou te alimentando”, ele disse à cobra, “para que você não tenha que comer os sapos”. Em outra, ele vê um grupo de crianças se divertindo em maltratar seu gato de estimação na água de um lago e corre para socorrê-lo. Embrulha o gato ensopado em seu casaco e o leva de volta à casa, maldizendo a crueldade das crianças. “Naquele momento”, conta Setsuko, “senti uma grande admiração por ele”. [\[33\]](#)

Em sua última década de vida no Japão, Hearn saía pouco de casa e não fazia questão do convívio social. Foi desenvolvendo um horror a situações formais ou a qualquer ambiente onde se esperasse que fosse vestido de maneira diferente da habitual: usava sempre a mesma camisa preta, de uma mesma costureira de Yokohama, um chapéu de feltro de aba larga, botas militares japonesas e um quimono, se fizesse frio. Às vezes, de repente,

era tomado por um impulso e saía para comprar brinquedos para os filhos, e comprava até não sobrar mais dinheiro.

Tinha prazer na companhia da mulher e dos filhos, mas sua energia estava investida na escrita: concentrava-se como num transe. Chegou a ponto de não perceber, numa ocasião, que sua candeia havia se apagado e enchia o quarto de fumaça — teria sufocado por desatenção, se Setsuko não tivesse aparecido para socorrê-lo na hora certa. Punha sal no café e pegava a garrafa de uísque quando queria alcançar a de saquê.

A literatura francesa, a arte europeia, nada disso o interessava mais: pareciam-lhe vulgares e exageradas. Fumava seu cachimbo à tarde, gostava de sashimi e dizia sonhar com outra vida em que pudesse ser sacerdote budista.

Escreveu este *Kwaidan* numa parceria que inventou com Setsuko. A pedido dele, ela saía pelos sebos e coletava histórias antigas de um Japão que ficava cada vez mais parecido com um sonho. Setsuko fazia uma curadoria, afinava seu gosto ao do marido e decorava as histórias prediletas. À noite, à luz baixa, quando tudo estivesse quieto, recitava e encenava-as para ele. Talvez fizesse suas próprias alterações sem dizer nada; talvez ela também inserisse os, por assim dizer, colchetes, notas de rodapé e invenções de sua autoria. Ou seja, não era simplesmente que as histórias encantavam Lafcadio, mas também a maneira como eram contadas — que continham algo da pessoa que as contava. E foi partindo do trabalho dela, que permaneceu anônimo e íntimo, que Lafcadio pôde compor o seu. Pela manhã, Lafcadio anotava o que havia escutado na noite anterior. Juntou as histórias do Oriente às influências de sua vida pregressa, do folclore irlandês que outra mulher, em outra circunstância, contara só para ele. No fim do livro, ele dá a volta completa e fecha com uma história de sua infância, memória pessoal lançada ao cânone do folclore impessoal. Foi uma maneira de recuperar uma unidade em meio à fragmentação interna e às reinvenções de si que fez ao longo da vida. Precisou de um caminho longo para se encontrar.

Setsuko foi autora do primeiro gesto criativo por trás deste livro. Lafcadio foi autor do segundo gesto criativo, uma continuação e resposta ao primeiro. É isto *Kwaidan*, fruto composto. Que outros nomes tem o amor?

SOFIA NESTROVSKI

*Autora de A história invisível (Fósforo, 2022), entre outros.
Traduziu Sobre aquilo em que eu mais penso: ensaios, de Anne
Carson (Editora 34, selecionados em parceria com Danilo Hora).
É corroteirista e apresentadora do Vinte mil léguas: o podcast de
ciências e livros, com Leda Cartum (Megafauna/Instituto
Serrapilheira).*

Nota à tradução

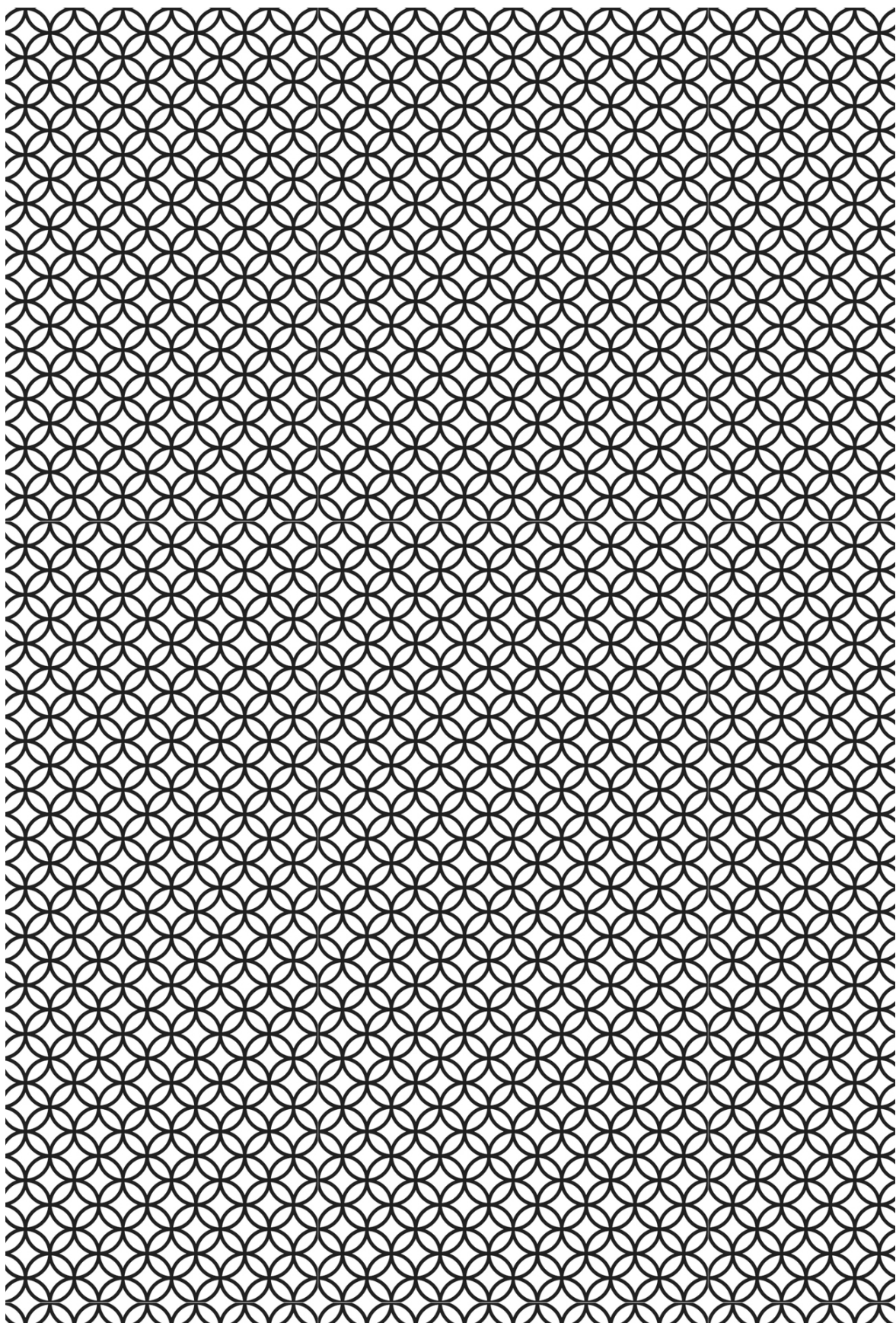
Lafcadio Hearn se valia do sistema Hepburn de romanização do japonês, estabelecido em 1867 com base nas pronúncias do inglês e do italiano. Uma versão atualizada desse sistema é ainda bastante utilizada, embora um outro mais recente, Kunrei-shiki, tenha sido adotado como padrão internacional. Nesta tradução, manteve-se a grafia de Hearn, com exceção de palavras já dicionarizadas em português (como “Tóquio”, não *Tokyo*), de grafias de uso amplamente difundido que facilitem a identificação do termo e do emprego do acento agudo no “e”, que a princípio remete à pronúncia francesa, mas que pode causar confusão para o leitor brasileiro, já que não deve ser interpretado como indicativo do som aberto de “é”.

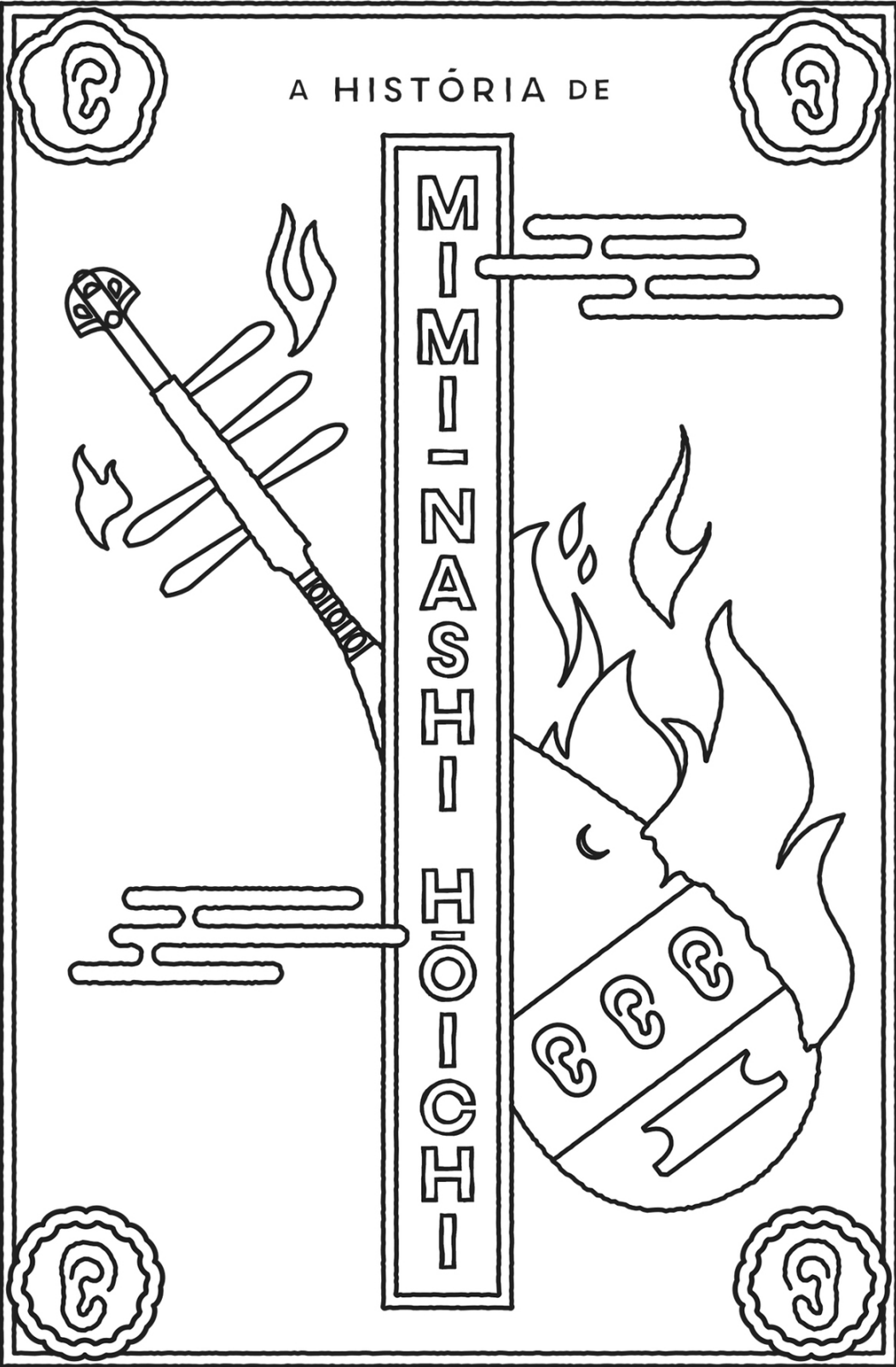
O uso de pontuação do autor é idiossincrático. Foi respeitado até certo ponto por ser expressivo, e não fruto de um desconhecimento da língua escrita — Hearn era um revisor incansável dos próprios manuscritos. Mas alguns ajustes foram feitos para evitar frases agramaticais ou atrapalhadas no português. Todas as inserções de colchetes são do autor. O mesmo vale para as notas de rodapé, salvo indicação contrária.

Kwaidan

A maior parte dos *Kwaidan*, ou *Contos estranhos*, foi retirada de velhos livros japoneses, como *Yasō-Kidan*, *Bukkyō-Hayakkawa-Zenshō*, *Kokon Chomonskū*, *Tama-Sudaré* e *Hyaku-Monogatari*. É possível que alguns tenham origem na China, como o excepcional “O sonho de Akinosuke”, que certamente procede de uma fonte chinesa. De todo modo, o japonês que a contou deu-lhe cor e forma novas ao tomá-la de empréstimo, aclimatando-a... Uma história esquisita, “Yuki-Onna”, me foi contada por um granjeiro de Chōfu, Nishitamagōri, na província de Musashi, que disse se tratar de uma lenda do vilarejo onde nasceu. Não sei dizer se essa história chegou a ser registrada em japonês em algum momento, mas a crença extraordinária que ela narra decerto já existiu em boa parte do Japão e sob muitas manifestações diferentes... O incidente do “Riki-Baka” foi uma experiência pessoal; registrei quase exatamente o que aconteceu, apenas mudando um sobrenome mencionado pelo narrador japonês.

L.H.
Tóquio, Japão, 1904





HÁ MAIS DE SETECENTOS ANOS, em Dan-no-ura, no estreito de Shimonoseki, houve a última batalha da longa contenda travada entre os Heike, ou clã Taira, e os Genji, ou clã Minamoto. Foi ali que os Heike foram completamente extintos, inclusive suas mulheres e seus filhos, e também o imperador bebê, hoje lembrado como Antoku-tennō. E aquele mar e aquela praia são assombrados há setecentos anos... Em outra ocasião, pude lhes falar dos estranhos caranguejos que vivem lá, os tais caranguejos Heike, que têm um rosto humano no dorso e dos quais se diz serem os espíritos dos guerreiros Heike.^[1] Mas há muita coisa estranha para ver e ouvir naquela costa. Nas noites escuras, milhares de fogos-fátuos pairam sobre as areias ou sobrevoam as águas. São luzes pálidas, que os pescadores chamam de *oni-bi*, ou fogo demoníaco; e toda vez que um vento forte sopra, do mar chegam gritos que parecem o clamor da batalha.

Em outras épocas, os Heike eram muito mais inquietos que hoje. Rondavam os navios que atravessavam o mar noite adentro e tentavam afundá-los; a todo momento, espreitavam nadadores para arrastá-los até o fundo. A fim de apaziguar esses mortos, construiu-se o templo budista Amidaji, em Akamagaseki.^[2] Também se construiu um cemitério por ali, perto da praia; e nele foram erguidos monumentos com os nomes do imperador afogado e seus principais vassalos; e os rituais budistas eram realizados regularmente em memória de seus espíritos. Uma vez finalizados o templo e os monumentos, os Heike pararam de assombrar como antes, mas ainda assim agiam de maneira esquisita de tempos em tempos — o que mostra que eles ainda não tinham encontrado a paz absoluta.

Há alguns séculos, vivia em Akamagaseki um cego chamado Hōichi, famoso por seu talento ao recitar e tocar *biwa*.^[3] Desde a infância ele fora treinado para recitar e tocar, e ainda moço superou seus professores. Como *biwa-hōshi* profissional, ganhou fama sobretudo por recitar a história dos Heike e dos Genji — conta-se que, quando ele cantava a batalha de Dan-no-ura, “nem mesmo os *goblins* [*kijin*] podiam conter as lágrimas”.

No início de sua carreira, Hōichi era muito pobre, mas encontrou um bom amigo que o ajudou. O monge de Amidaji gostava de poesia e de música, e com frequência o chamava para tocar e recitar. Bastante impressionado com o extraordinário talento do jovem, o monge mais tarde o convidou a morar no templo; a oferta foi aceita com gratidão. A Hōichi foi dado um quarto; e, em troca de comida e hospedagem, pediam que deleitasse o monge com música nas noites em que não tivesse outros compromissos.

Numa noite de verão, o monge foi convocado a realizar os rituais budistas na casa de alguém que havia morrido; ele foi até lá com seu assistente, deixando Hōichi sozinho. Era uma noite de calor, e o cego desejou se refrescar na varanda que havia em frente a seu quarto. A varanda dava para um pequeno jardim nos fundos do Amidaji. Hōichi ficou à espera do monge e tentou amenizar a solidão tocando *biwa*. Deu meia-noite, e nada do monge. Continuava quente demais para entrar, então Hōichi permaneceu fora. Finalmente ele escutou passos que se aproximavam pelo portão dos fundos. Alguém atravessou o jardim, avançou em direção à varanda e parou bem na sua frente — mas esse alguém não era o monge. Uma voz grave o chamou pelo nome — de maneira abrupta e sem cerimônias, como um samurai que convoca um subordinado:

— Hōichi!

Hōichi estava assustado demais para responder; a voz o chamou de novo, soando como uma ordem severa:

— Hōichi!

— *Hai!* — respondeu o cego, assustado pelo tom de ameaça da voz.

— Eu sou cego! Não tenho como saber quem me chama!

— Não há nada a temer — exclamou o desconhecido, falando de maneira mais suave. — Estou hospedado perto do templo e me enviaram com uma mensagem. Meu senhor atual, um sujeito do mais alto coturno, está hospedado em Akamagaseki, acompanhado de muitos nobres. Ele desejava ver o local da batalha de Dan-no-ura e hoje foi visitá-lo. Tendo ouvido falar de seus dotes para recitar a história da batalha, ele agora deseja assistir a sua apresentação: você deverá pegar a *biwa* e me seguir até a casa onde essa augusta assembleia o espera.

Naqueles tempos, a ordem de um samurai não era ignorada à toa. Hōichi calçou as sandálias, pegou a *biwa* e seguiu o desconhecido, que o guiou com destreza, embora o obrigasse a andar muito depressa. A mão que o conduzia era de ferro; e o tinir das passadas do guerreiro dava provas de que ele vestia a armadura completa — era provavelmente um guarda palaciano em serviço. O susto inicial de Hōichi havia passado; ele começou a imaginar que aquela era uma ventura auspiciosa, pois, lembrando-se do que lhe assegurara o samurai a respeito do “sujeito do mais alto coturno”, pensou que o senhor que desejava escutar sua recitação seria nada menos que um *daimyō* [4] de alto escalão. De repente o samurai parou de andar, e Hōichi percebeu que eles haviam chegado a um grande portal; e ele se admirou, pois não se lembrava de haver nenhum portal daquele tamanho naquela parte da cidade, com exceção do que estava na entrada do Amidaji.

— *Kaimon!* — [5] gritou o samurai; ouviu-se o som dos portões se abrindo, e os dois entraram.

Atravessaram o espaço de um jardim e de novo pararam diante de uma entrada; e o samurai bradou, em voz alta:

— Aos que estão dentro! Trago comigo Hōichi.

Então chegaram sons de passos apressados, e de portas deslizando, e de vozes de mulheres conversando. Pelo linguajar das mulheres, Hōichi compreendeu que elas eram criadas domésticas de algum lar nobre; mas não podia imaginar para onde havia sido levado. Mal teve tempo de conjecturar. Após ter recebido ajuda para subir uma série de degraus de pedra e ter deixado sobre o último suas sandálias,

como o instruíram, foi guiado pela mão de uma mulher por extensões intermináveis de madeira envernizada, e precisou desviar de tantas pilastras que seria impossível lembrar quantas eram, e por amplitudes incríveis de pisos acolchoados, até o centro de um vasto aposento. Pensou haver ali um grande número de pessoas excelentes reunidas: o farfalhar da seda era como o som das folhas numa floresta. Também ouviu vozes murmurando — falavam em tons sussurrados, e a fala era a das cortes.

Disseram-lhe que ficasse à vontade, e Hōichi encontrou à sua disposição uma almofada para se ajoelhar. Depois que se acomodou e afinou seu instrumento, ouviu a voz de uma mulher — que ele adivinhou ser a *rōjo*, matriarca responsável pela ala feminina:

— Pede-se que recite a história dos Heike acompanhada pela *biwa*.

Acontece que, para recitar a história inteira, seria preciso muitas noites; por isso, Hōichi arriscou uma pergunta:

— Como não se pode contar a história toda em pouco tempo, será do augusto desejo que agora eu recite qual parte dela?

A voz da mulher ofereceu a resposta:

— Recite a história da batalha de Dan-no-ura, pois é a que inspira a piedade mais funda. ^[6]

Então Hōichi elevou a voz e cantou o canto da batalha nos mares inóspitos — fazendo sua *biwa* soar às maravilhas como as investidas dos remos e a urgência dos navios, como o silvo das flechas no ar, os pisoteios e gritos dos homens, o retinir do aço contra os capacetes e o mergulho dos corpos ceifados que afundam na correnteza. E à sua direita e à sua esquerda, nas pausas da música, podia escutar o murmúrio de vozes o exaltando:

— Que artista prodigioso! Jamais ouvimos músico assim em nossa província! Não há em todo o império cantor como Hōichi!

Então com ânimo redobrado, ele tocou e cantou ainda melhor que antes; e aprofundou-se o silêncio de admiração a seu redor. Mas ao final, quando ele revelou o destino daqueles que são mais delicados e indefesos — a penosa morte das mulheres e crianças, e o salto para a morte de Nii-no-Ama, ^[7] levando a criança imperial em seus braços —, todos os ouvintes se uniram num lamento sem fim, de uma angústia de

arrepiar; e a partir desse momento os soluços e as lágrimas foram tão veementes e descontrolados que o cego se assustou com a intensidade da tristeza que havia provocado. Por muito tempo o pranto continuou. Mas pouco a pouco os sons do lamento diminuíram; e, mais uma vez, na ampla quietude que se seguiu, Hōichi ouviu a voz da mulher que ele supunha ser a *rōjo*.

Ela disse:

— Embora nos tivessem garantido que o senhor era um músico extremamente talentoso na execução da *biwa*, e um recitador sem igual, não sabíamos ser possível haver alguém tão hábil, como ficou demonstrado esta noite. Nosso amo tem o prazer de anunciar que pretende lhe oferecer uma recompensa justa. Mas ele quer que o senhor se apresente de novo nas próximas seis noites — ao cabo das quais ele deve seguir para a augusta viagem de retorno. Amanhã à noite, portanto, o senhor virá a essa mesma hora. O samurai que o trouxe hoje irá buscá-lo... Há ainda outro assunto sobre o qual devo lhe informar. É imprescindível que não fale com ninguém a respeito dessas visitas, enquanto durar a augusta estadia de nosso amo em Akamagaseki. Como está viajando à paisana,^[8] ele proíbe qualquer menção a isso... Agora o senhor está livre para voltar ao templo.

Depois de agradecer, Hōichi foi conduzido pela mão de uma mulher até a entrada da casa, onde o mesmo homem que o havia guiado antes esperava para levá-lo de volta. Ele o deixou na varanda dos fundos do templo, e ali se despediu.

O dia estava prestes a raiar quando Hōichi entrou; sua ausência do templo, porém, não foi notada — o monge, que chegara a uma hora muito avançada, imaginou que ele estivesse dormindo. Ao longo do dia, Hōichi pôde descansar um pouco e nada comentou a respeito de sua estranha aventura. No meio da noite seguinte, o samurai voltou para buscá-lo e o levou até a augusta assembleia, diante da qual Hōichi se apresentou novamente e obteve o mesmo sucesso da véspera. Mas por acaso essa segunda ausência foi descoberta; ao voltar pela manhã,

o cego foi convocado à presença do monge, que lhe disse, em tom de repreensão, ainda que amigável:

— Ficamos muito angustiados por você, amigo Hōichi. É perigoso sair assim, cego e sozinho, em hora tão avançada. Por que saiu sem nos avisar? Eu poderia ter pedido que um criado o acompanhasse. Por onde andou?

Hōichi respondeu, evasivo:

— Perdoe-me, gentil amigo! Precisei tratar de um assunto pessoal; não podia resolver a questão em outro horário.

O monge ficou mais surpreso do que magoado com a resposta vaga de Hōichi: soava pouco natural, e ele suspeitou haver algo errado. Teve medo de que o rapaz cego tivesse sido enfeitiçado ou enganado por algum espírito maligno. Não lhe fez mais perguntas, mas em segredo instruiu os criados do templo a observar as ações de Hōichi e a segui-lo, caso voltasse a sair após o anoitecer.

Já na noite seguinte os criados viram Hōichi deixar o templo; eles logo acenderam suas lanternas e o seguiram. Mas era uma noite chuvosa e muito escura, e antes que os homens do templo pudessem chegar à estrada, Hōichi havia desaparecido. Era evidente que ele havia caminhado muito depressa — o que era de se estranhar, devido a sua cegueira e às más condições da estrada. Os homens correram pelas ruas, perguntando por Hōichi em todas as casas que ele costumava visitar; ninguém, porém, tinha notícias dele. Finalmente, ao voltarem para o templo pelo caminho da praia, foram surpreendidos pelo som furioso de uma *biwa* tocada vigorosamente no cemitério de Amidaji. Com a exceção de alguns fogos-fátuos que costumavam aparecer em noites escuras, tudo era trevas, em todas as direções. Mas no mesmo instante os homens correram até o cemitério; e, ali, com a ajuda de suas lanternas, encontraram Hōichi, sentado sozinho na chuva diante do memorial do túmulo de Antoku-tennō, fazendo sua *biwa* ressoar e cantando alto a canção da batalha de Dan-no-ura. E atrás dele, e à sua volta, e em toda parte, os fogos dos mortos queimavam como velas, acima de cada um dos túmulos. Jamais tamanha assembleia de *Oni-bi* havia se mostrado aos olhos de homens mortais...

— Hōichi-san! Hōichi-san! — gritavam os criados. — Você está enfeitiçado!... Hōichi-san!

Mas o cego parecia não ouvir. Com vigor ele punha sua *biwa* para vibrar e soar e tinir — cada vez mais louco, cada vez mais descontrolado, ele cantava a batalha de Dan-no-ura. Eles o seguraram e gritaram em seu ouvido:

— Hōichi-san! Hōichi-san! Volte conosco para casa imediatamente!

Em reprimenda Hōichi respondeu a eles:

— É inadmissível que me interrompam assim diante de tão augusta assembleia.

Os criados, a despeito da estranheza daquela resposta, não puderam conter o riso. Certos de que ele havia sido enfeitiçado, eles o seguraram, puseram-no em pé e, à força, fizeram-no voltar ao templo — onde, por ordens do monge, ele foi imediatamente despojado de seus trajes molhados, vestido com roupas limpas e obrigado a comer e beber. Então o monge insistiu em ter uma explicação detalhada do comportamento assombroso de seu amigo.

Hōichi resistiu por um bom tempo. Até que, ao perceber que sua conduta deixara de fato o bom monge consternado e bravo, decidiu abandonar a discrição e relatou tudo o que lhe havia acontecido desde o momento da primeira visita do samurai.

O sacerdote disse:

— Hōichi, meu pobre amigo, você agora corre um grande perigo! Que pena que não tenha me contado antes! Seu extraordinário talento para a música de fato lhe trouxe estranhos problemas. A essa altura, você já deve ter consciência de que o lugar que tem visitado não é nenhuma casa: você passa suas noites no cemitério, em meio aos túmulos dos Heike; e foi diante do túmulo-memorial de Antoku-tennō que nossos homens o encontraram esta noite, sentado sob a chuva. Tudo o que você imaginou era uma ilusão, exceto o chamado dos mortos. Ao acatar suas ordens uma primeira vez, você se pôs nas mãos deles. Se obedecer a eles novamente, depois do que já ocorreu, eles farão picadinho de você. Mas independente de como você teria agido, cedo ou tarde eles o destruiriam... Bem, não posso permanecer a seu lado esta noite: me chamaram para outro ritual. Mas antes que eu me vá, será necessário proteger seu corpo escrevendo nele textos sagrados.

Antes do anoitecer, o monge e seu assistente despiram Hōichi e, com seus pincéis de caligrafia, traçaram sobre seu peito e costas, sua cabeça e rosto e pescoço, braços e pernas e mãos e pés — até mesmo nas solas dos pés e em todas as outras partes do corpo —, os textos do sutra sagrado *Hannya-Shin-Kyō*.^[9] Feito isso, o monge instruiu Hōichi:

— Esta noite, assim que eu sair, você deve ficar na varanda à espera. Vão chamar por você. Mas, aconteça o que acontecer, não responda nem se mexa. Não fale, fique sentado e imóvel, como se estivesse meditando. Se fizer qualquer movimento ou barulho, será arrancado daqui. Não se assuste; e não pense em pedir ajuda: ajuda nenhuma poderá lhe salvar. Se fizer exatamente como eu digo, o perigo passará, e você não terá o que temer.

Ao anoitecer, o sacerdote e seu assistente partiram; Hōichi sentou-se na varanda, seguindo as instruções que lhe haviam sido dadas. Dispôs a *biwa* a seu lado, sobre o piso de madeira, e pôs-se em postura de meditação, em total imobilidade — cuidou para não tossir ou deixar que se escutasse sua respiração. Durante horas, permaneceu assim.

Então ouviu passos que chegavam da estrada. Eles atravessaram o portão, cruzaram o jardim, aproximaram-se da varanda e pararam — bem à sua frente.

— Hōichi! — a voz grave chamou. Mas o cego prendeu a respiração e ficou imóvel.

— Hōichi! — chamou a voz sinistra, uma segunda vez. Depois, uma terceira vez, raivosa:

— Hōichi!

Hōichi permaneceu imóvel como uma pedra, e a voz resmungou:

— Ninguém responde! Não acredito... Preciso ver onde está o rapaz.

Ouviu-se um barulho de pisadas firmes subindo até a varanda. Os pés vieram deliberadamente até ele e pararam a seu lado. Então, por longos minutos, durante os quais Hōichi sentiu o corpo inteiro tremer com as batidas de seu coração, reinou um silêncio absoluto.

Até que, finalmente, uma voz rouca murmurou perto dele:

— Aqui está a *biwa*; mas do homem que a toca, só vejo... um par de orelhas!... Então é por isso que ele não respondeu: ele não tinha boca para responder. Não lhe sobrou nada exceto as orelhas... Vou levar essas orelhas a meu amo, como prova de que os augustos comandos foram obedecidos até onde foi possível.

Naquele mesmo instante, Hōichi sentiu que dedos de ferro arrancavam e rasgavam suas orelhas! Por mais dilacerante que tenha sido a dor, Hōichi não emitiu nenhum ai. Os passos firmes recuaram, desceram até o jardim, alcançaram a estrada e sumiram. O cego pôde sentir escorrer um líquido quente e espesso dos dois lados da cabeça, mas não ousou levantar as mãos...

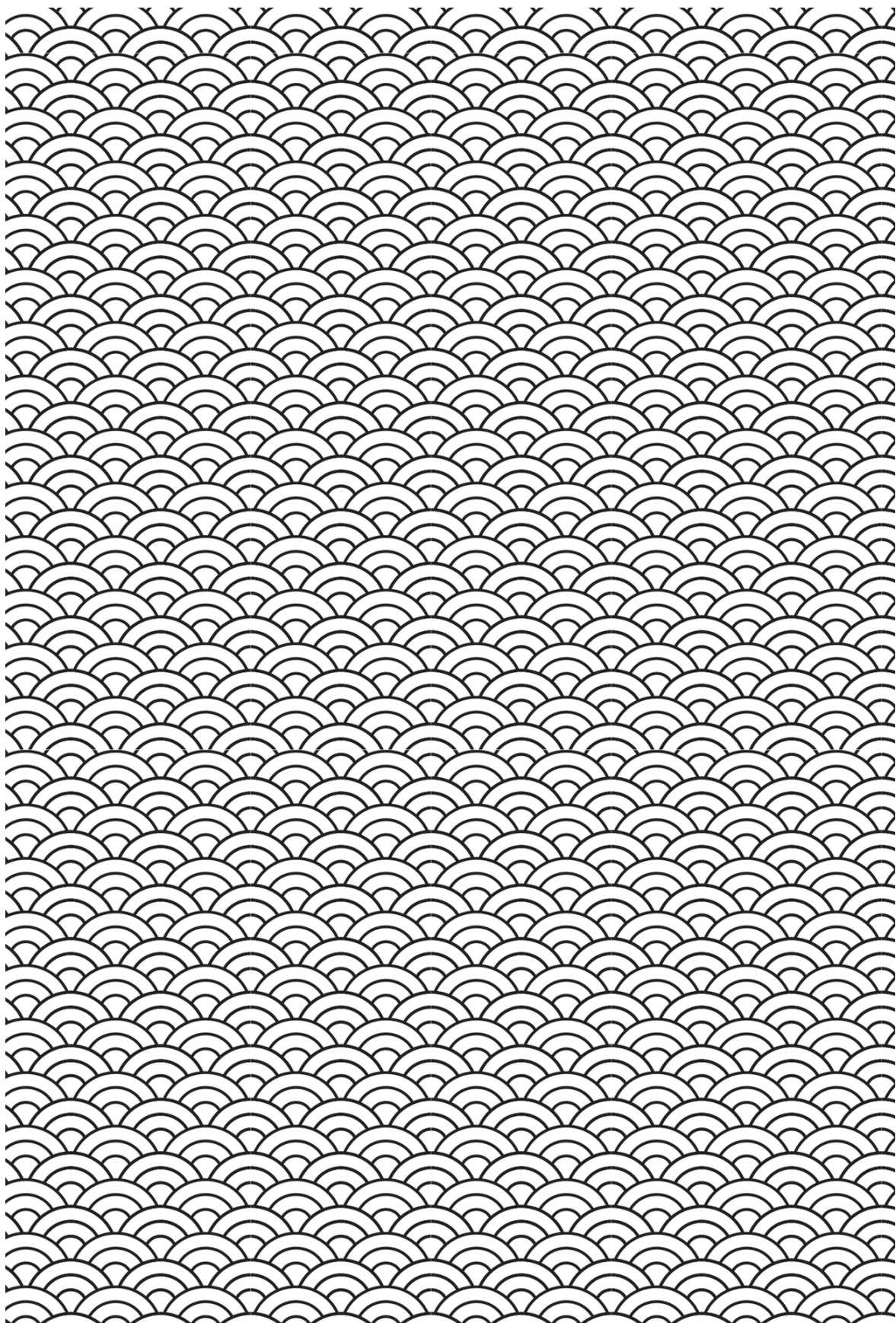
Antes da aurora, o monge voltou. Foi direto à varanda dos fundos, onde pisou e escorregou em algo pegajoso, e gritou de horror — pois viu, à luz de sua lanterna, que aquilo era sangue. E percebeu que Hōichi continuava lá, sentado em postura de meditação, com o sangue ainda escorrendo das feridas.

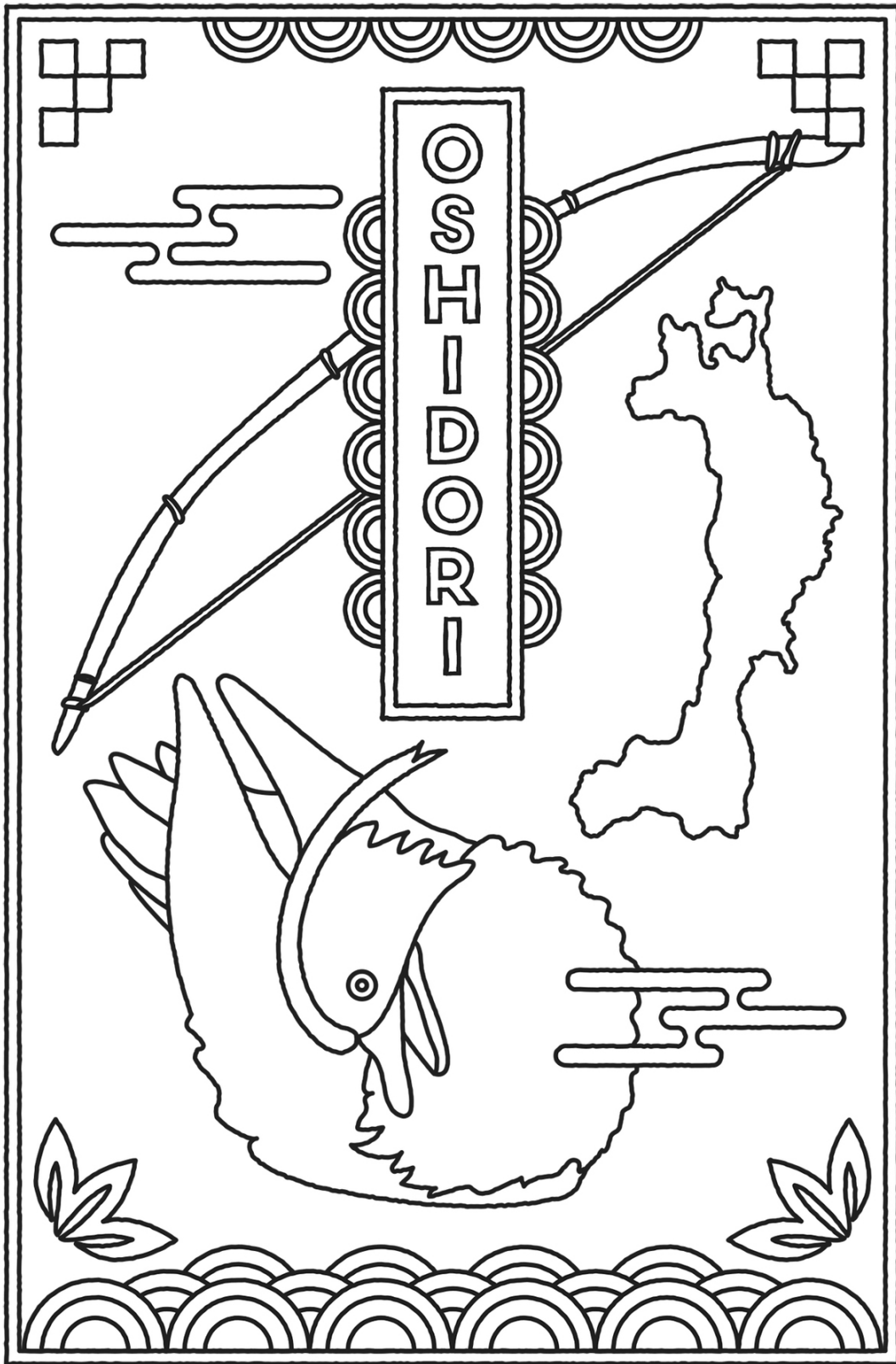
— Meu pobre Hōichi! — gritou o monge, espantado. — O que é isso?... Você foi ferido...

Ao som da voz do amigo, o cego sentiu-se seguro. Irrompeu em lágrimas e, soluçando, contou-lhe a aventura daquela noite.

— Pobre, pobre Hōichi! — exclamou o monge. — É tudo culpa minha! Minha tristíssima culpa!... Foram escritos textos sagrados em todo seu corpo, exceto em suas orelhas! Confiei a meu assistente essa parte do trabalho; e foi muito, muito errado eu não ter conferido se ele havia obedecido!... Agora não há como remediar o que aconteceu: só podemos tentar curar essas feridas o quanto antes. Alegre-se, amigo! O perigo passou. Você nunca mais vai ser incomodado por aqueles visitantes.

Com a ajuda de um bom médico, Hōichi logo se recuperou dos ferimentos. A história de sua estranha aventura se espalhou pelos quatro ventos, e ele ficou famoso. Muita gente nobre foi até Akamagaseki ouvi-lo recitar, e grandes somas em dinheiro lhe foram oferecidas — de modo que ele se tornou um homem rico... Mas desde essa aventura, ele passou a ser conhecido apenas pelo nome de Mimi-nashi Hōichi: “Hōichi, o Desorelhado”.





ERA UMA VEZ UM FALCOEIRO e caçador chamado Sonjō, que vivia no distrito Tamura-no-Gō, na província de Mutsu. Um dia, ele saiu para caçar, mas não encontrou nenhuma presa. No caminho de volta para casa, porém, reparou num casal de *osbidori* ^[1] (patos-mandarim) nadando pelo rio que ele estava prestes a atravessar. Não é bom matar *osbidori*; mas acontece que Sonjō estava com muita fome, e atirou no par. Sua flecha atingiu o macho: a fêmea escapou em meio aos juncos da margem oposta e desapareceu. Sonjō levou a ave morta até sua casa e a cozinhou.

Naquela mesma noite, ele sonhou um sonho sombrio. Parecia que uma mulher bonita entrava em seu quarto e se punha ao lado de seu travesseiro e começava a chorar. Seu choro era tão sofrido que, para Sonjō, ouvi-lo era como ter o coração arrancado do peito. E a mulher lamentava:

— Por quê? Ai, por que você o matou? Do que ele era culpado?... Em Akanuma nós dois éramos tão felizes juntos, e você o matou!... Que mal ele fez? Você nem entende o que cometeu, ai!, você é capaz de entender a crueldade, a maldade que fez?... Você também me matou, porque não posso viver sem meu marido! Foi só para te dizer essas coisas que vim até aqui... — E então ela chorou ainda mais, e era um choro tão, tão sofrido que a voz de seu lamento penetrava até a medula de quem ouvia, e em meio às lágrimas ela soluçou as palavras deste poema:

Hi kurureba
Sasoeshi mono wo —
Akanuma no

*Makomo no kure no
Hitori-ne zo uki!*

[Ao cair da madrugada, eu o convidei para voltar comigo — Agora, dormir sozinha à sombra dos juncos do Akanuma — ai! Que tristeza inominável!][\[2\]](#)

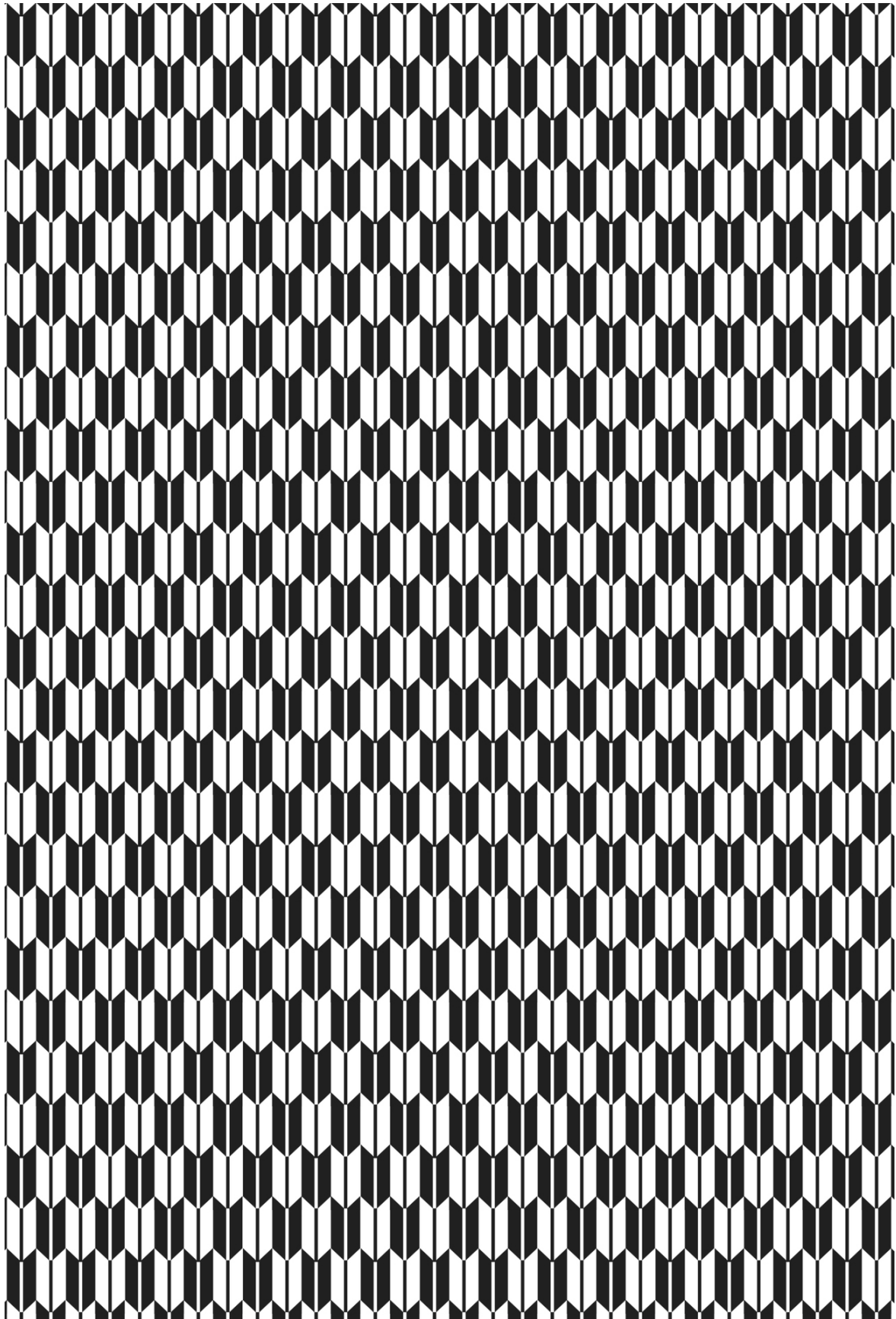
Depois de ter recitado esses versos, ela exclamou:

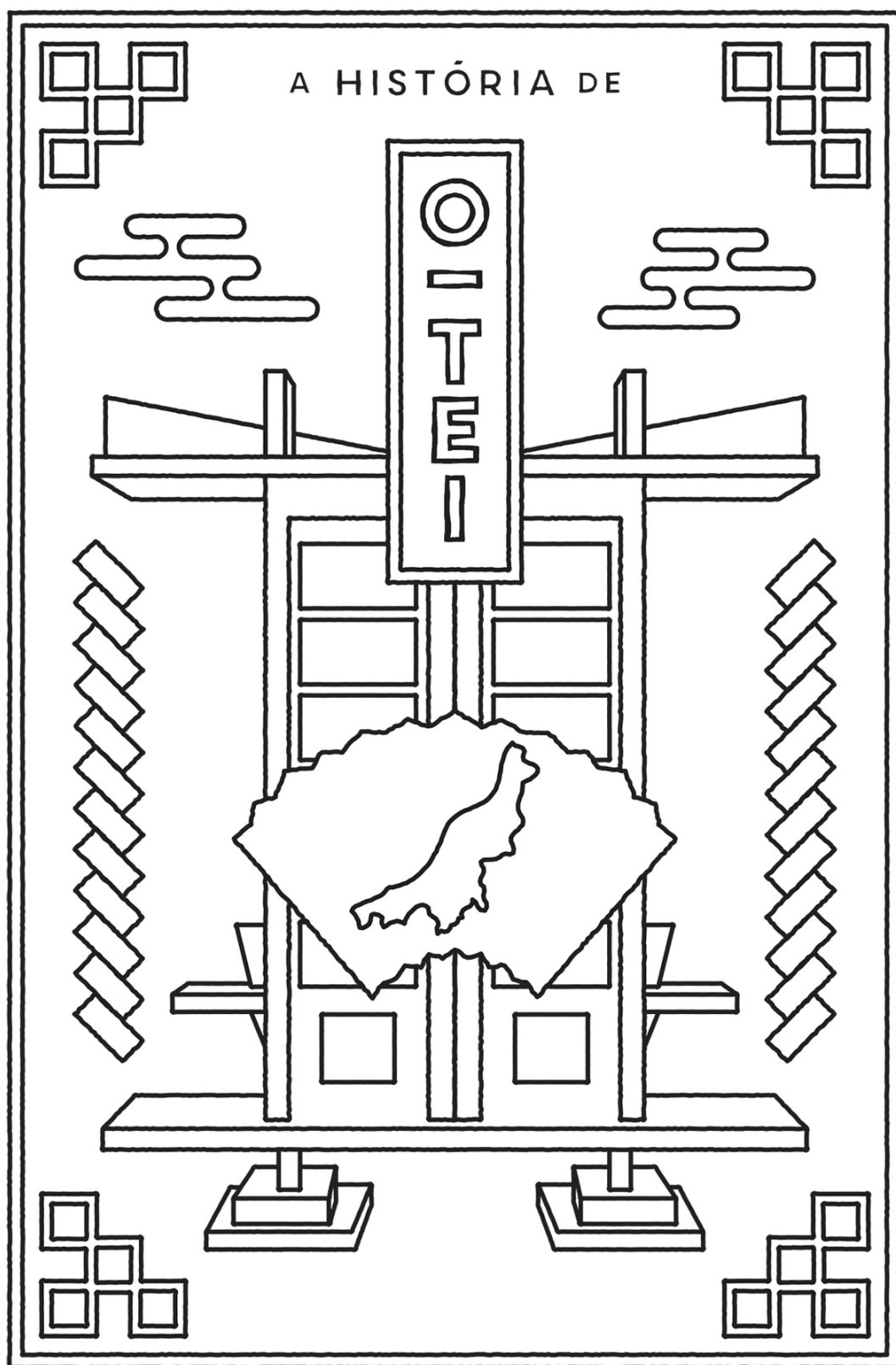
— Ai, você não sabe, não tem como você saber o que fez! Mas amanhã, quando for ao Akanuma, você vai ver, você vai ver... — E tendo dito isso, ela se afastou, chorando com grande pesar.

Quando Sonjō acordou na manhã seguinte, o sonho continuava tão vívido em sua mente que o deixou muito perturbado. Ele se lembrou das palavras: “Mas amanhã, quando for ao Akanuma, você vai ver, você vai ver”. Então decidiu ir até lá no ato, a fim de descobrir se o sonho não teria sido alguma coisa além de um sonho.

Assim, ele foi ao Akanuma; e ali, quando se aproximou da margem do rio, encontrou a *oshidori* fêmea nadando sozinha. No mesmo instante, a ave percebeu a presença de Sonjō; mas, em vez de tentar escapar, ela nadou direto em sua direção, com o olhar estranhamente fixo nele. Então, com seu bico, ela rasgou o corpo ao meio e morreu diante dos olhos do caçador...

Sonjō raspou a cabeça e se tornou monge.





HÁ MUITOS E MUITOS ANOS, na cidade de Niigata, na província de Echizen, vivia um homem chamado Nagao Chōsei.

Nagao era filho de médico e havia sido educado para seguir a profissão do pai. Ainda jovem, fora prometido em casamento a O-Tei, filha de um dos amigos de seu pai, e ambas as famílias concordavam que o casamento deveria ocorrer tão logo Nagao terminasse os estudos. Mas a saúde de O-Tei se mostrou frágil, e aos quinze anos ela foi tomada por uma tuberculose fatal. Quando se deu conta de que iria morrer, mandou chamar Nagao, para que pudesse se despedir.

Nagao se ajoelhou ao lado da cama, e O-Tei lhe falou:

— Nagao-sama, meu noivo, fomos prometidos um ao outro desde a infância; teríamos nos casado ao final deste ano. Mas agora vou morrer, os deuses sabem o que é melhor para nós. Se pudesse viver por mais alguns anos, eu apenas traria problemas e sofrimento aos outros. Com este corpo frágil, jamais seria uma boa esposa; então, até mesmo o desejo de viver para lhe fazer companhia seria um desejo muito egoísta. Estou bastante resignada diante da morte; e quero lhe dizer que me prometa que não lamentará... Além disso, quero lhe dizer que acredito que eu e você nos encontraremos novamente...

— É claro que vamos nos encontrar — respondeu Nagao, com sinceridade —, e na Terra Pura não haverá a dor da separação.

— Não, não — ela respondeu, delicada. — Não me referia à Terra Pura. Acredito que estamos destinados a nos encontrar mais uma vez neste mundo, embora eu vá ser enterrada amanhã.

Nagao olhou para ela perplexo, e viu que ela sorria diante de sua perplexidade. Ela continuou, com a mesma voz suave e onírica:

— Sim, quero dizer neste mundo, nessa nossa vida presente, Nagao-sama... A menos, é claro, que você não o deseje. Só é preciso, para que isso aconteça, que eu nasça novamente como menina e cresça até me tornar mulher. Então você deverá esperar. Quinze, dezesseis anos: é bastante tempo... Mas você, meu marido prometido, tem apenas dezenove anos hoje...

Ansioso para acalmá-la em seus instantes derradeiros, ele respondeu com doçura:

— Esperar por você, minha prometida, é tanto um prazer como um dever. Fomos jurados um ao outro pela duração de sete existências.

— Você duvida do que eu disse? — ela perguntou, observando seu rosto.

— Minha amada — ele respondeu —, eu duvido de mim, não sei se saberei reconhecê-la em outro corpo, com outro nome, a menos que você possa me confiar algum sinal ou símbolo.

— Isso não está em meu poder — ela disse. — Apenas os deuses e os budas sabem como e onde nos encontraremos. Mas tenho certeza, tenho muita, muita certeza, de que, se você estiver disposto a me receber, eu serei capaz de te reencontrar... Lembre-se dessas minhas palavras...

Ela parou de falar; seus olhos fecharam. Estava morta.

Nagao de fato se afeiçoara a O-Tei; e sua dor era profunda. Ele mandou fazer uma tábua mortuária com a inscrição de seu *zokumyō* ^[1] e a dispôs sobre seu *butsudan*, ^[2] todos os dias lhe fazia oferendas. Pensou muito nas estranhas coisas que O-Tei lhe dissera logo antes de morrer; e, na esperança de agradar seu espírito, escreveu uma promessa solene de casar com ela caso algum dia a jovem voltasse em outro corpo. Essa promessa escrita foi selada com seu emblema e colocada no *butsudan*, ao lado da tábua mortuária de O-Tei.

No entanto, como Nagao era filho único, ele deveria se casar. E o rapaz logo se viu obrigado a ceder aos desejos da família e aceitou uma esposa escolhida por seu pai. Depois do casamento, ele continuou fazendo oferendas diante da tábua de O-Tei, e jamais deixava de

pensar nela com carinho. Mas, pouco a pouco, sua imagem foi ficando turva na memória de Nagao — como um sonho difícil de lembrar. E os anos foram passando.

Naquele período, muitas desgraças caíram sobre ele. A morte levou seus pais, e em seguida a esposa e o único filho. De modo que ele se viu sozinho no mundo. Desolado, abandonou o lar e partiu numa longa viagem, na esperança de esquecer suas aflições.

Um dia, no decorrer de suas viagens, chegou a Ikao — um vilarejo nas montanhas até hoje famoso por suas águas termais e a beleza das paisagens da região. Parou numa estalagem, e uma jovem foi atendê-lo; e, no instante em que a viu, Nagao sentiu o coração saltar como nunca saltara antes. A semelhança com O-Tei era tal que ele se beliscou para se assegurar de que não estava sonhando. Enquanto ela ia e vinha, trazendo fogo e comida, ou arrumando os quartos dos hóspedes, cada atitude sua, cada movimento fazia reviver nele uma lembrança encantadora da menina a quem ele tinha jurado casamento na juventude. Ele falou com ela; e ela respondeu com a voz clara e suave, cuja doçura o entristeceu com a tristeza de dias antigos.

Então ele lhe perguntou, intrigado:

— Irmã, você parece tanto uma pessoa que conheci há muito tempo, que levei um susto quando a vi entrar. Perdoe-me, portanto, por querer saber sua cidade de origem e seu nome.

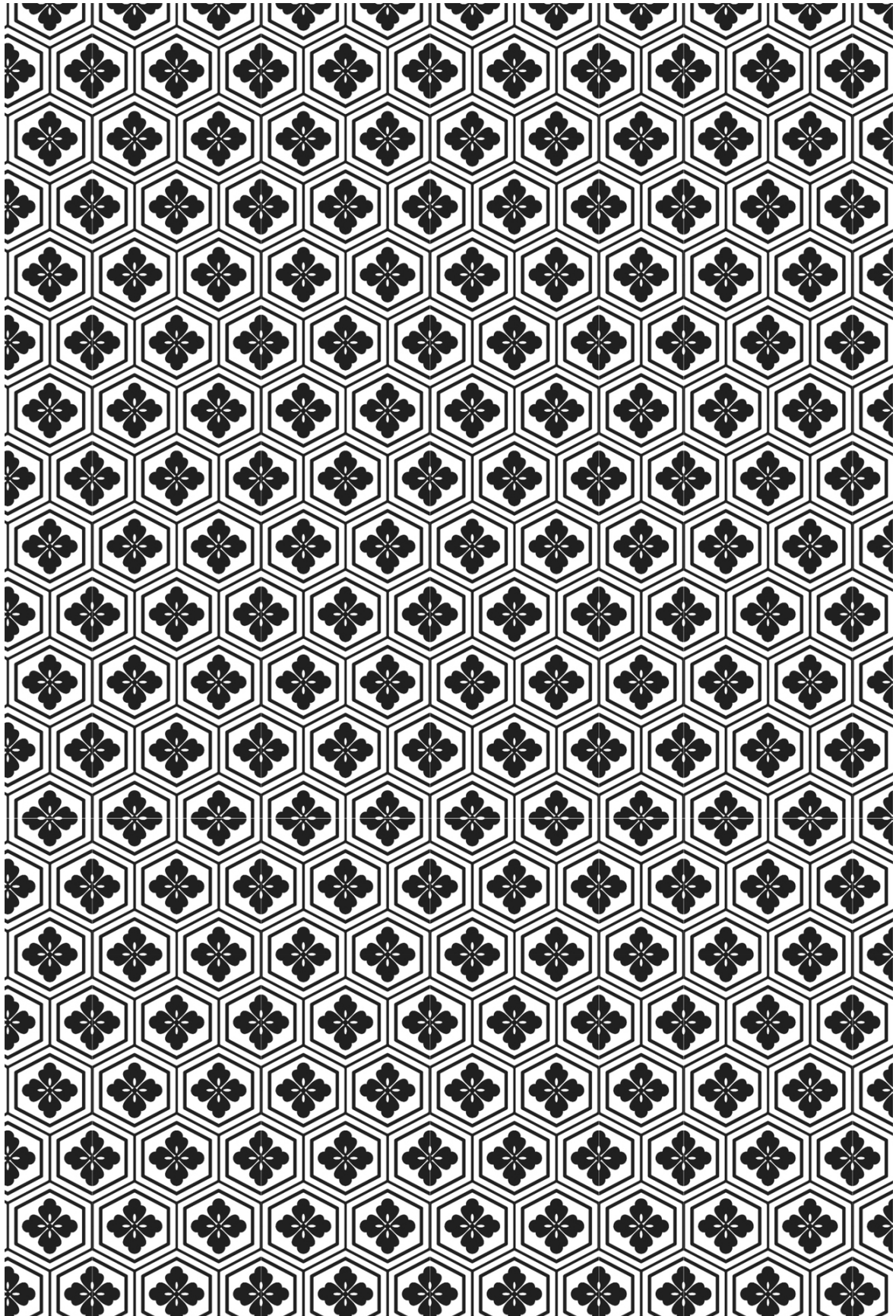
Imediatamente — e com a voz inesquecível dos mortos — ela disse:

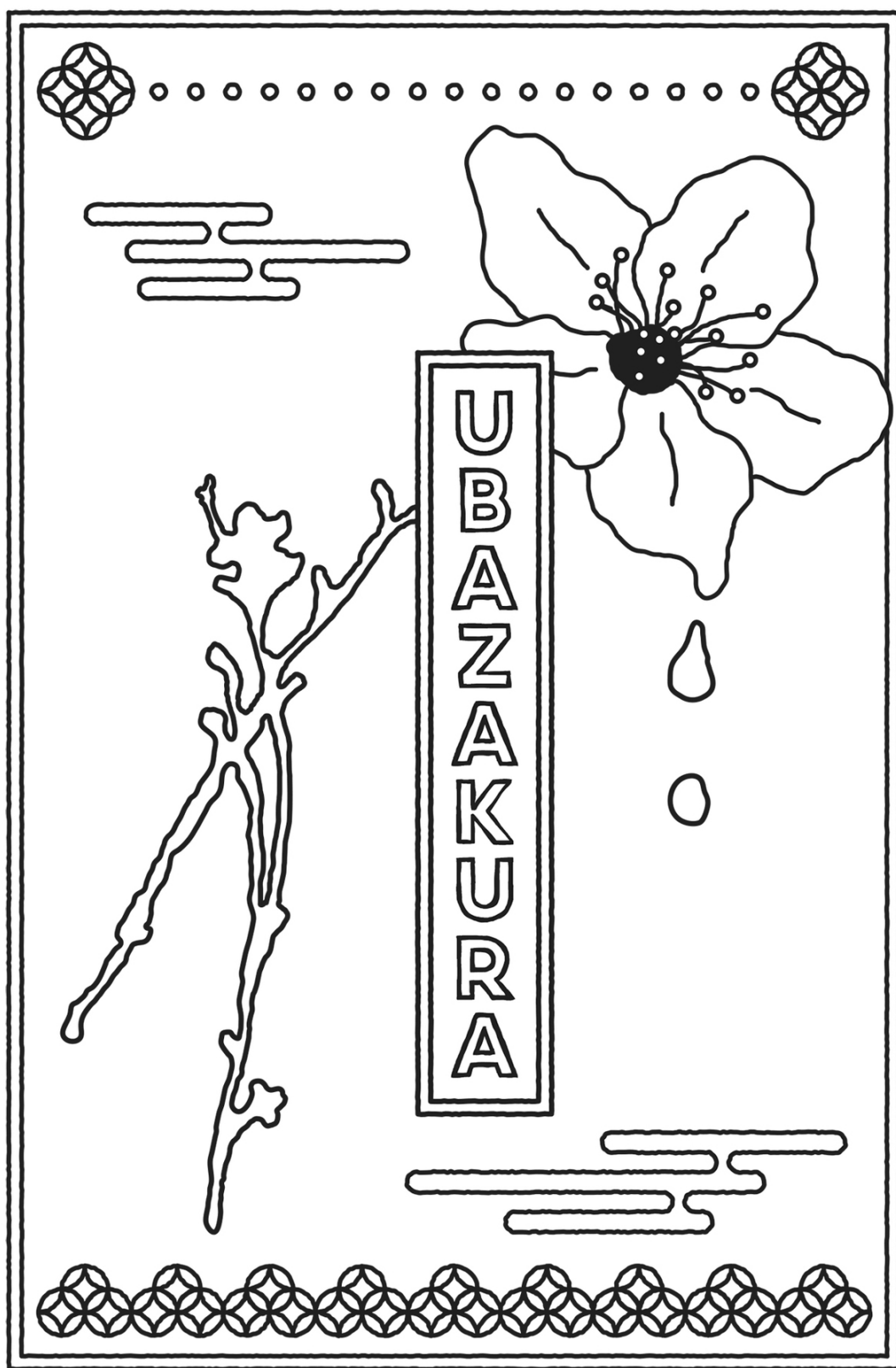
— Meu nome é O-Tei; e você é Nagao Chōsei de Echigo, meu marido prometido. Dezessete anos atrás, eu morri em Niigata, e você fez uma promessa por escrito de que se casaria comigo se eu algum dia voltasse a este mundo no corpo de uma mulher. E você selou essa promessa com seu emblema, e a depositou no *butsudan*, ao lado da tábua mortuária em que está inscrito meu nome. E, portanto, eu voltei...

Ao dizer essas palavras, ela desmaiou.

Nagao casou com ela; e o casamento foi feliz. Depois disso, ela nunca mais recuperou a lembrança do que havia dito em resposta à pergunta dele: tampouco conseguia lembrar de sua existência

pregressa. A memória de seu nascimento anterior — misteriosamente iluminada no instante do encontro — ficara de novo obscura, e assim permaneceu dali em diante.





HÁ TREZENTOS ANOS, em Asamimura, um vilarejo no distrito Onsegōri, na província de Iyō, vivia um homem bom chamado Tokubei. Esse Tokubei era a pessoa mais rica de todo o distrito e o *muraosa*, ou chefe, do vilarejo. Em quase tudo ele tinha sorte; mas chegou à idade de quarenta anos sem conhecer a felicidade de ser pai. Por isso, ele e a mulher, na aflição de não terem filhos, dirigiram muitas preces à divindade Fudō Myō-ō, cujo templo, Saihōji, era famoso.

Finalmente suas preces foram ouvidas: a mulher de Tokubei deu à luz uma menina. A criança era muito bonita, e recebeu o nome de Tsuyu. Como o leite de sua mãe era pouco, uma ama de leite, O-Sode, foi contratada para a pequena.

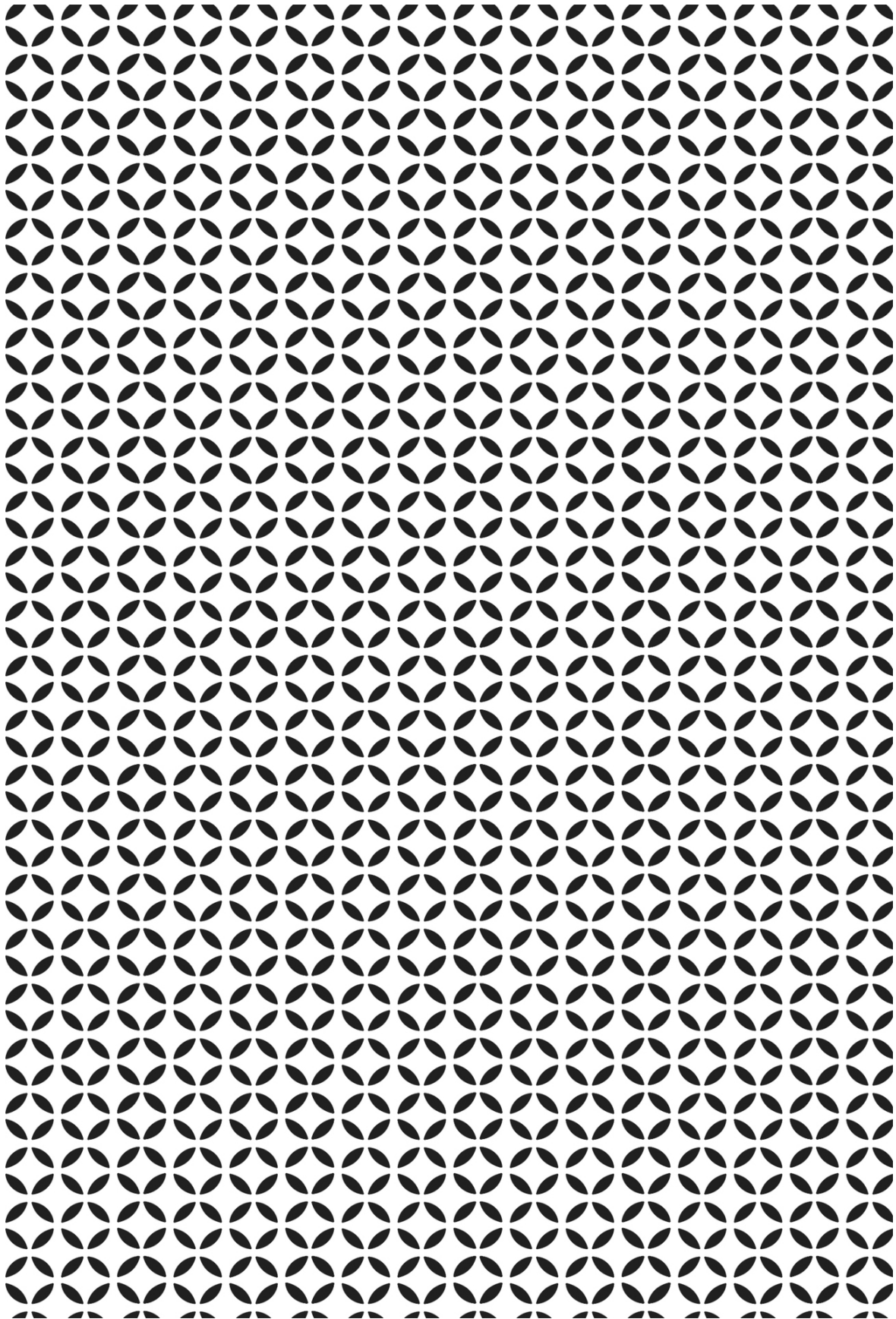
O-Tsuyu cresceu e se tornou uma linda moça; aos quinze anos, porém, adoeceu, e os médicos pensaram que ela iria morrer. Naquele momento, a ama de leite, O-Sode, que amava O-Tsuyu com um verdadeiro amor de mãe, passou a ir ao templo Saihōji, e lá rezava fervorosamente para Fudō-sama, em nome da menina. Ao longo de vinte e um dias ela foi ao templo rezar; ao final desse período, O-Tsuyu melhorou, repentina e completamente.

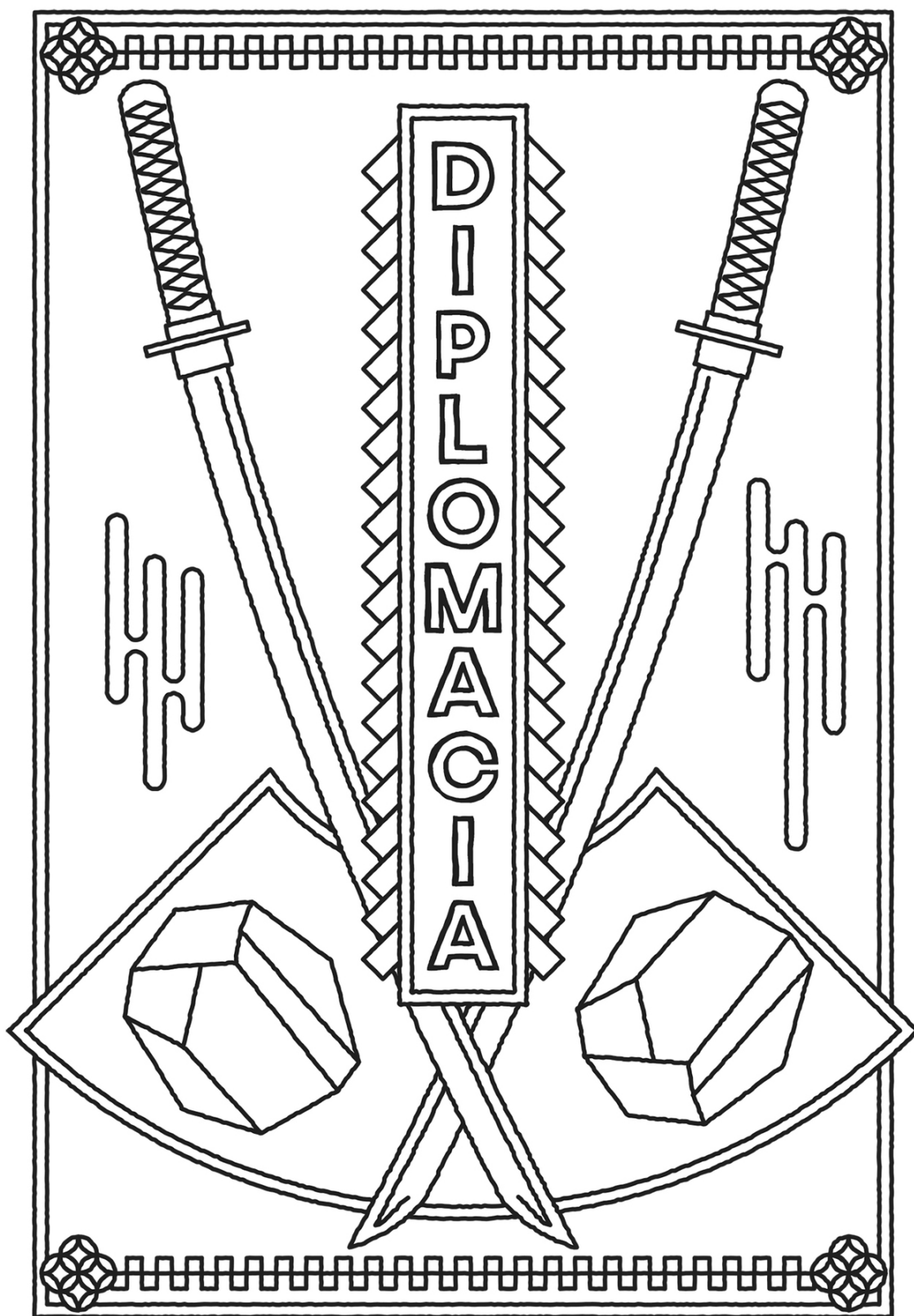
Houve grande celebração na casa de Tokubei; e ele ofereceu um banquete a seus amigos para comemorar o feliz acontecimento. Porém, na noite da festa, a ama O-Sode adoeceu de repente; na manhã seguinte, o médico que havia sido chamado para cuidar dela anunciou que ela estava morrendo.

Então a família, com enorme tristeza, juntou-se à volta de sua cama para se despedir. Mas ela lhes disse:

— É chegada a hora de eu lhes contar uma coisa que vocês não sabem. Minha prece foi ouvida. Supliquei a Fudō-sama que me permitisse morrer no lugar de O-Tsuyu; e esse enorme favor me foi concedido. Portanto, peço que não lamentem minha morte... Mas tenho um pedido. Prometi a Fudō-sama que uma cerejeira seria plantada no jardim de Saihōji, como oferenda de gratidão e celebração. Não serei capaz de plantar, eu mesma, a árvore: então imploro que cumpram essa promessa por mim... Adeus, queridos amigos; e lembrem-se de que fui feliz ao morrer pelo bem de O-Tsuyu.

Depois do funeral de O-Sode, os pais de O-Tsuyu plantaram uma cerejeira jovem — a melhor que se poderia encontrar — no jardim de Saihōji. A árvore cresceu e prosperou; e, no décimo sexto dia do segundo mês do ano seguinte — o aniversário de morte de O-Sode —, ela floresceu maravilhosamente. E assim seguiu florescendo por mais duzentos e cinquenta e quatro anos — sempre no décimo sexto dia do segundo mês — e suas flores, brancas e rosadas, eram como os bicos de seio de uma mulher, orvalhados de leite. E as pessoas a chamavam Ubazakura, a Cerejeira da Ama de Leite.





ORDENOU-SE QUE A EXECUÇÃO se desse no jardim do *yashiki*.^[1] Então o homem foi levado até lá e obrigado a ajoelhar num amplo terreno coberto de areia, atravessado por uma passarela de *tobi-ishi*, pedras ainda hoje utilizadas no paisagismo de jardins. Os braços do homem estavam amarrados às suas costas. Os serviçais trouxeram água em baldes e sacas de arroz cheias de pedregulhos; empilharam as sacas bem rente ao homem ajoelhado, para impedi-lo de se mexer. Veio o mestre e observou a arrumação. Achou-a satisfatória e não fez comentários.

De repente, o condenado implorou:

— Honrado senhor, fui condenado por um mal que não cometi por vontade própria. Foi apenas minha enorme estupidez que o provocou. Nasci idiota, por culpa de meu carma, e nem sempre pude evitar cometer enganos. Mas matar um homem por estupidez é errado, e esse erro será compensado. Porém, é certo que, se o senhor me matar, minha morte também será vingada: da indignação que o senhor provocará em mim, virá a vingança; e assim o mal engendra o mal...

Caso se mate uma pessoa muito indignada, o fantasma dessa pessoa poderá se vingar do assassino. O samurai sabia disso. Ele respondeu com muita gentileza, quase carinhoso:

— Permitiremos que você nos assombre o quanto quiser, mas só após a morte. É difícil acreditar que esteja falando com uma intenção verdadeira. Você pode dar algum sinal dessa indignação depois de ser decapitado?

— Com certeza — assegurou o homem.

— Muito bem — disse o samurai, empunhando a espada longa —, agora vou cortar sua cabeça. Bem em sua frente, há uma pedra como

as da passarela. Depois que sua cabeça estiver cortada, tente morder essa pedra. Se o seu fantasma irado conseguir ajudá-lo, é possível que alguns de nós nos assustemos... Você tentará morder a pedra?

— Eu vou mordê-la! — gritou o homem, cheio de ira. — Eu vou mordê-la! Eu vou!

Houve um clarão, um silvo e um baque seco: o corpo se dobrou sobre as sacas de arroz. Dois longos jatos de sangue jorraram do pescoço podado. A cabeça rolou pela areia. E, pesada, rolou até a pedra; e, de repente, pulou até agarrar a borda superior da pedra com seus dentes; permaneceu ali por um instante, cheia de força, e caiu inerte.

Ninguém se manifestou. Os serviçais olharam horrorizados para o mestre, que parecia bastante despreocupado. Apenas estendeu a espada para entregá-la ao assistente mais próximo que, com uma concha de madeira, derramou água da bainha até a ponta da lâmina, e então limpou o aço cuidadosamente, repetidas vezes, com folhas macias de papel... E assim concluiu-se a parte cerimonial do acontecido.

Ao longo dos meses que se seguiram, os serviçais e os criados domésticos viviam constantemente com medo de serem visitados pelo fantasma. Nenhum deles duvidava que a vingança prometida viria; e o terror incessante os fazia ver e ouvir coisas que não existiam. Passaram a temer o som do vento nos bambus — tinham medo até das sombras se mexendo no jardim. Então, finalmente, depois de se consultarem uns aos outros, decidiram pedir ao mestre que realizasse o ritual *Segaki* ^[2] em nome do espírito vingativo.

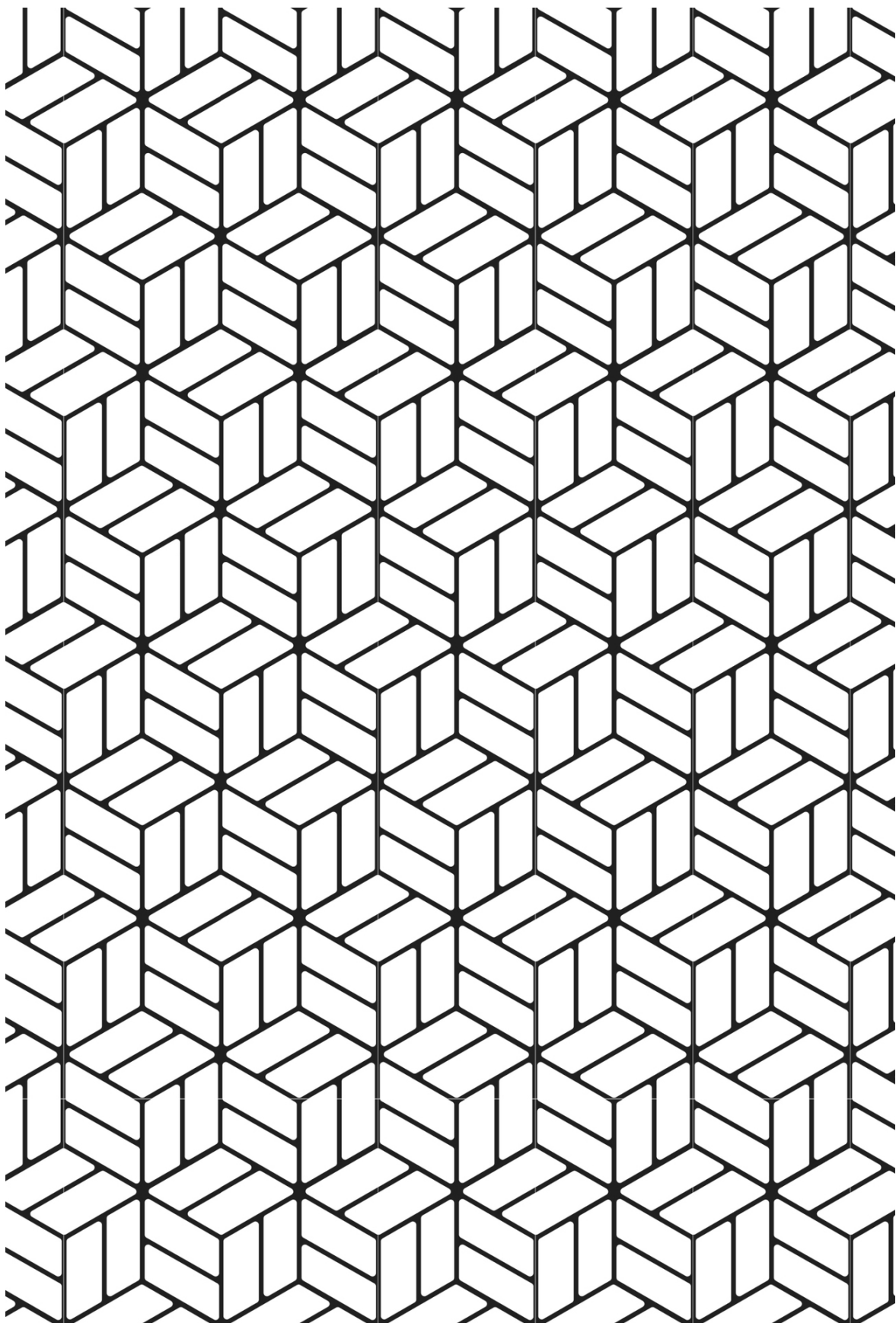
— Será completamente desnecessário — disse o samurai, quando seu assistente-mor lhe comunicou a vontade geral. — Entendo que o desejo de vingança de um homem à beira da morte possa causar medo. Mas nesse caso não há o que temer.

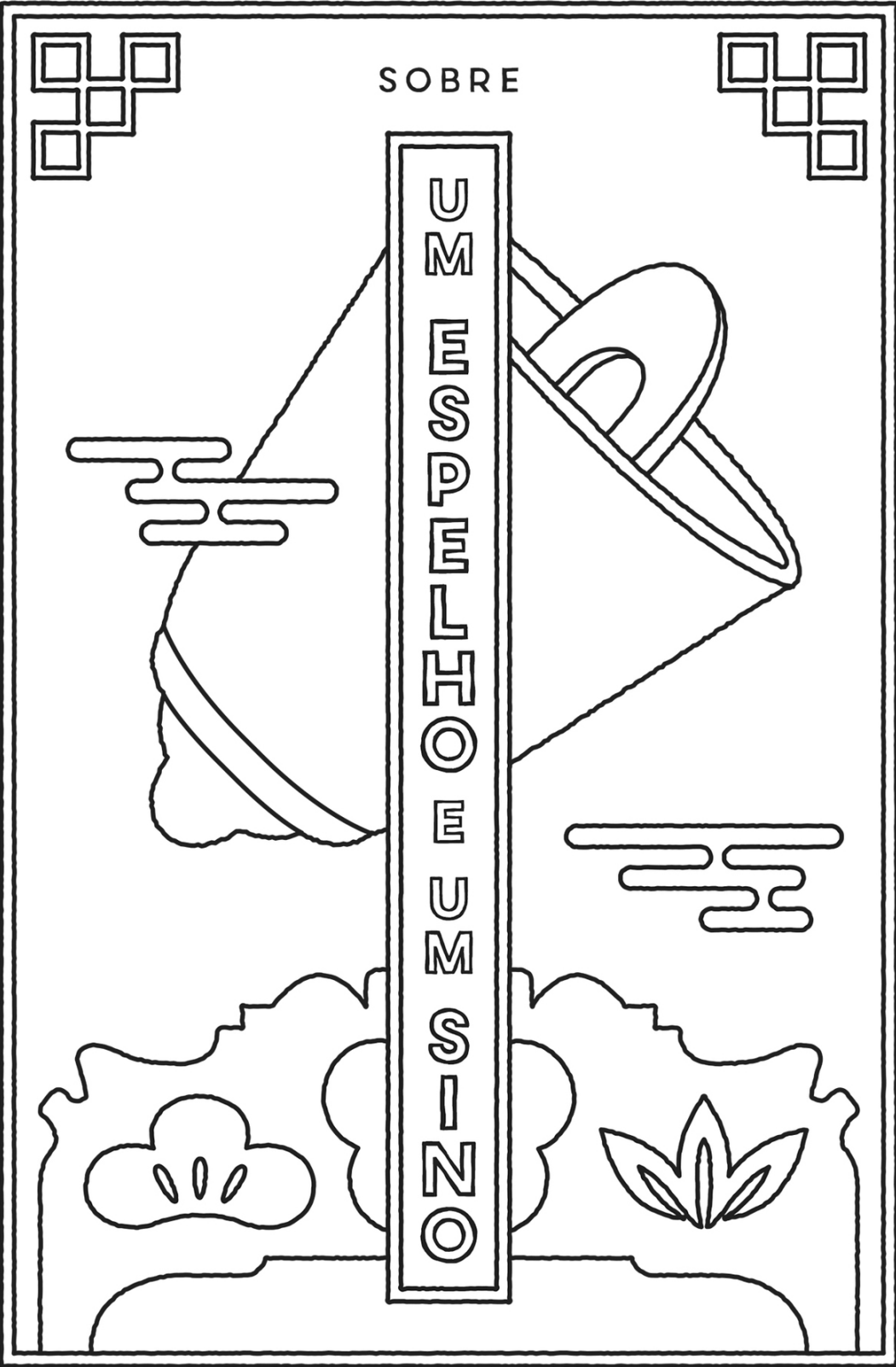
O serviçal olhou suplicante para o mestre, mas hesitou em perguntar a razão dessa confiança impressionante.

— Ah, a razão é bastante simples — declarou o samurai, adivinhando a dúvida calada. — Apenas a última intenção daquele

rapaz poderia ser perigosa; quando eu o desafiei a dar aquele sinal, eu distraí sua mente do desejo de vingança. Ele morreu com a intenção ferrenha de morder a pedra; e isso ele foi capaz de cumprir, e mais nada. Todo o resto ele esqueceu... Então vocês não têm por que sentir qualquer angústia com relação a isso.

De fato, o morto não causou mais problemas. Nada aconteceu.





OITO SÉCULOS ATRÁS, os monges de Mugenyama, na província de Tōtōmi, desejaram ter um sino grande para o templo; para o metal do sino, pediram às mulheres da região que contribuíssem com velhos espelhos de bronze.

[Ainda hoje, nos pátios de certos templos japoneses, é possível encontrar velhos espelhos de bronze doados para esse propósito. A maior coleção que cheguei a ver foi no pátio de um templo Jōdo, em Hakata, em Kyūshū: os espelhos tinham sido doados para construir uma estátua do buda Amida, de dez metros de altura.]

Naquela época, em Mugenyama, uma jovem casada com um granjeiro presenteou o templo com seu espelho, para que seu metal fosse usado no sino. Mas depois ela se arrependeu e sentiu saudade do espelho. Lembrou o que sua mãe lhe havia dito a respeito dele; e lembrou que ele havia pertencido não só à mãe, mas também à mãe e à avó de sua mãe; e se lembrou de alguns dos sorrisos felizes que ele havia refletido. Se pudesse oferecer um bom dinheiro aos monges, ela certamente poderia pedir que eles devolvessem aquela relíquia de família. Mas ela não tinha a quantia necessária. E cada vez que visitava o templo, via seu espelho largado no pátio, atrás de um corrimão, em meio a centenas de outros. Ela o reconhecia pelo *shō-chiku-bai* em alto-relevo que havia na parte de trás — aqueles três emblemas ditosos do Pinheiro, Bambu e Flor de Ameixa, que deleitaram seus olhos de criança quando viu o espelho pela primeira vez nas mãos de sua mãe. Ansiava por uma oportunidade de roubar aquele tesouro e escondê-lo — para então guardá-lo para sempre. Mas a ocasião não aparecia, e ela ficou muito infeliz. Sentia como se tivesse

aberto mão de parte de sua vida, e por tolice. Pensou na antiga expressão que dizia que o espelho é a alma de uma mulher (um dito que muitos espelhos de bronze traziam inscritos, sob forma mística, pelo ideograma chinês para Alma) — e suspeitou que havia nisso uma verdade mais sinistra do que imaginara. Mas não ousou falar de sua angústia com ninguém.

Acontece que, quando todos os espelhos doados para o sino de Mugenyama foram enviados à fundição, os fundidores descobriram haver um que não derretia. Tentaram e tentaram derretê-lo, mas ele resistia a todas as investidas. Ficou claro que a mulher que o havia doado ao templo tinha se arrependido. Ela não havia feito sua oferenda de coração — sua alma egoísta, que permanecia conectada ao espelho, o mantinha duro e frio dentro da fornalha.

É óbvio que todos ouviram falar daquilo, e logo souberam a quem pertencia o espelho que não derretia. E, por causa dessa exposição pública de seu mal secreto, a pobre mulher sentiu muita vergonha e muita raiva. E como era incapaz de suportar a vergonha, ela se afogou, tendo antes escrito uma carta de despedida com as seguintes palavras: *“Quando eu tiver morrido, não será difícil derreter o espelho e forjar o sino. Mas àquele que quebrar o sino ao tocá-lo, meu fantasma dará uma grande riqueza”*.

... É sabido que o último desejo ou promessa de alguém que morre cheio de ira, ou que se suicida tomado de ira, costuma ter uma força sobrenatural. Uma vez derretido o espelho da mulher morta e o sino tendo sido forjado, as pessoas se lembraram das palavras daquela carta. Tinham por certo que o espírito da autora daria riquezas a quem quebrasse o sino; e, tão logo ele foi suspenso no pátio do templo, multidões apareceram para tocá-lo. Com toda força e empenho, empunharam o badalo; mas a peça provou ser bem-feita e resistiu com bravura às investidas. No entanto, as pessoas não desistiam fácil. Dia após dia, e a toda hora, continuavam badalando furiosamente — sem se importar com as queixas dos monges. Então as badaladas viraram fonte de aflições, e os monges não aguentaram mais e se livraram do sino, empurrando-o morro abaixo, até ele cair num pântano. O pântano era fundo e o engoliu — e esse foi o fim do sino. Restou

apenas sua lenda, e essa lenda chama “Mugen no kane”, ou “Sino de Mugen”.

No Japão, existem crenças antigas e bizarras acerca da eficácia mágica de certa operação mental sugerida — embora não explicitada — pelo verbo *nazoraeru*. É uma palavra que não tem tradução precisa, pois é utilizada para se referir aos diversos tipos de magia mimética, bem como aos diversos atos religiosos. Os significados comuns de *nazoraeru*, segundo os dicionários, são “imitar”, “comparar”, “assemelhar”; mas o significado esotérico é *encontrar, na imaginação, um substituto de um objeto ou ação, de modo a engendrar algum resultado mágico ou milagroso*.

Por exemplo: você não tem condições de comprar um templo budista, mas não é difícil depositar uma pedrinha diante da imagem de buda, com o mesmo sentimento pio que o incitaria a construir um templo se você fosse rico o bastante para isso. O mérito de depositar a pedrinha passa a ser o mesmo, ou quase, de erguer um templo... Você não é capaz de ler os 6 771 volumes dos textos budistas, mas pode fabricar uma estante giratória que os contenha, fazendo-os girar como num molinete. E se fizer esse movimento com o firme propósito de ler os 6 771 volumes, você terá o mesmo mérito que teria se os tivesse lido... Talvez isso seja o suficiente para explicar o sentido religioso de *nazoraeru*.

Os sentidos mágicos não poderiam ser todos explicados sem uma miríade de exemplos; para nossos fins, porém, servem os seguintes. Se você confeccionasse um homenzinho de palha pelos mesmos motivos que levaram a irmã Helen a fazer seu homenzinho de cera,^[1] e o pregasse, com pregos de pelo menos doze centímetros de comprimento, a uma árvore no bosque de um templo, na Hora do Boi,^[2] e se a pessoa que estivesse representada imaginariamente no homenzinho de palha viesse a morrer em seguida, numa agonia tremenda, isso ilustraria um dos significados de *nazoraeru*... Ou, suponhamos que um ladrão entrou em sua casa no meio da noite e roubou seus bens valiosos. E que então você encontrou as pegadas

desse ladrão no jardim, e na mesma hora queimou um grande bastão de moxa em cada uma delas; os pés do ladrão ficaram queimados e não lhe deram trégua até ele voltar, por vontade própria, para se pôr à sua mercê. Essa é outra magia mimética que o termo *nazoraeru* exprime. E um terceiro tipo é ilustrado por diversas lendas de “Mugen no kane”.

Depois que o sino rolou para o meio do pântano, não houve mais, é claro, oportunidade para tocá-lo e quebrá-lo. Mas as pessoas que remoíam a ocasião perdida seguiram atingindo e quebrando objetos que substituíam o sino imaginariamente — e, com isso, tinham a esperança de agradar o espírito da dona do espelho que havia provocado todas essas perturbações. Uma dessas pessoas era uma mulher chamada Umegae — famosa, nas lendas japonesas, por sua relação com Kajiwara Kagesue, um guerreiro do clã Heike. Um dia, quando o casal estava viajando, Kajiwara se viu em grandes dificuldades por falta de dinheiro; e Umegae, lembrando da tradição do Sino de Mugen, pegou uma bacia de bronze e, mentalizando-a como se fosse o sino, bateu nela até quebrá-la — enquanto o fazia, implorava em voz alta por trezentas moedas de ouro. Um hóspede na estalagem onde estavam alojados perguntou de onde vinham aquelas batidas e aquele choro, e, ao inteirar-se do problema, presenteou Umegae com trezentos *ryō* em ouro. Mais tarde compuseram uma canção sobre a bacia de bronze de Umegae; e essa canção segue sendo cantada pelas dançarinas até hoje:

Umegae no chōzubachi tataite
O-kane ga deru naraba,
Mina San mi-uke wo
Sōre tanomimasu

[Se, ao atingir a bacia de Umegae, eu puder fazer vir até mim um dinheiro honroso, eu com ele negociarei a liberdade de todas as minhas companheiras.]

Tal acontecimento só fez aumentar a fama de Mugen-Kane, e não foram poucos aqueles que seguiram o exemplo de Umegae — esperavam, com isso, ter a mesma sorte. Entre eles, havia um granjeiro desesperado que vivia perto de Mugenyama, às margens do Ōigawa. Tendo desperdiçado suas posses por causa de sua vida dissoluta, o granjeiro fez para si uma cópia em argila do Mugen-Kane, usando a terra de seu quintal. E ele bateu no sino e o quebrou, enquanto implorava em voz alta por uma grande riqueza.

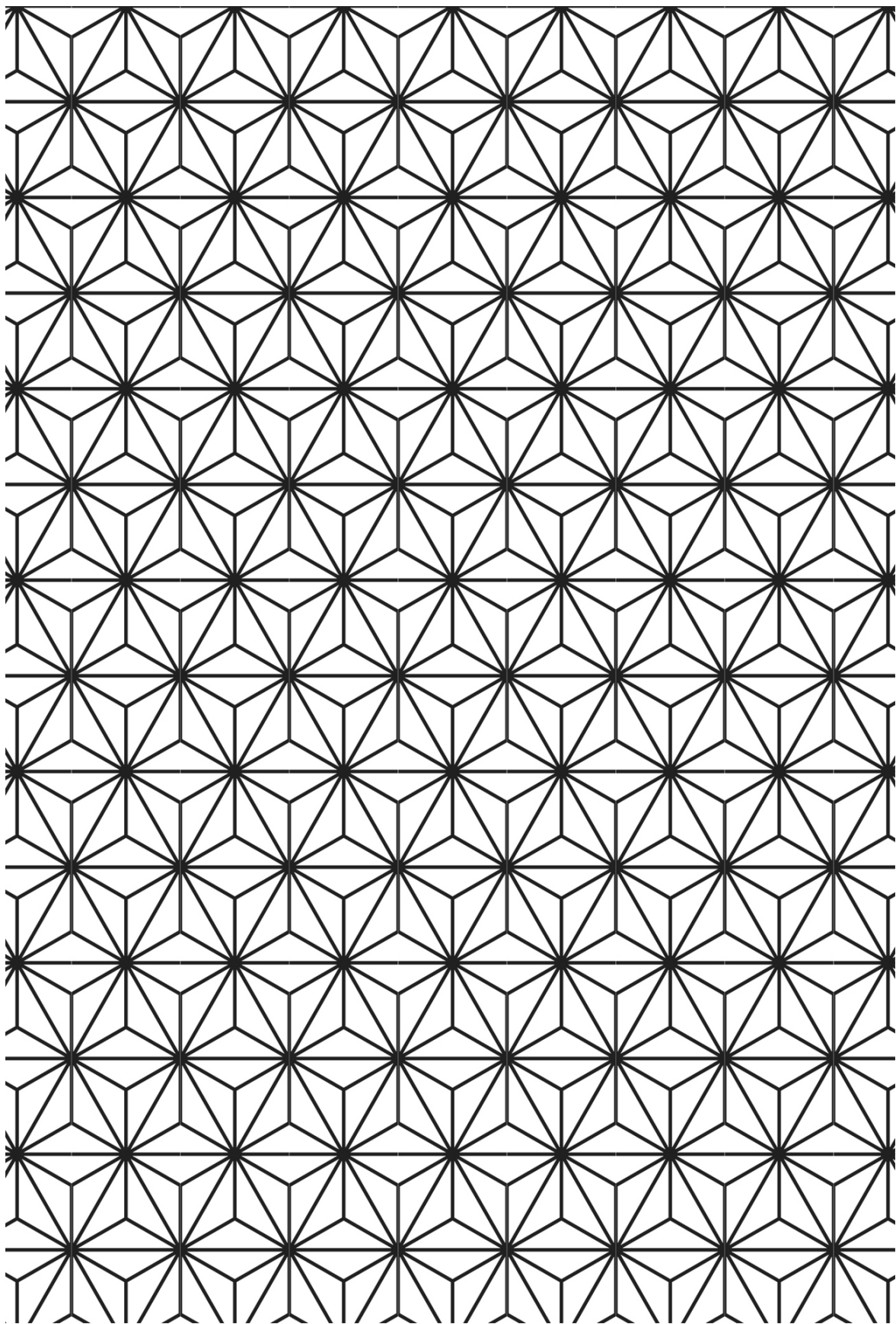
Então, do chão à sua frente, surgiu a imagem de uma mulher vestida com uma túnica branca, os cabelos longos e soltos, segurando uma jarra coberta. E a mulher disse:

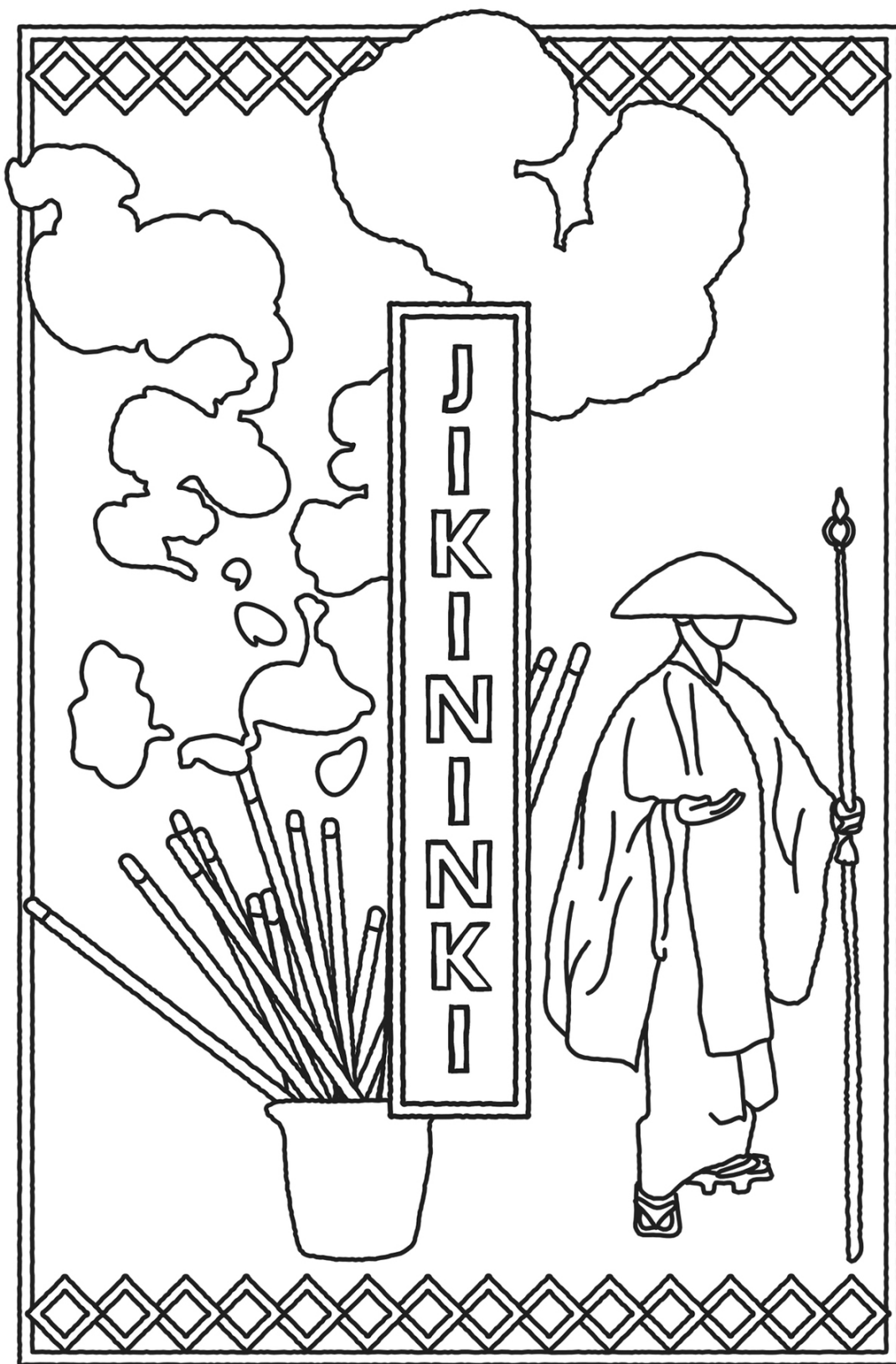
— Vim responder a suas preces fervorosas da maneira como merecem ser respondidas. Tome esta jarra.

Assim dizendo, ela entregou a jarra a ele e desapareceu.

O homem correu para casa a fim de contar a boa notícia à esposa. Ele pôs à sua frente a jarra coberta — que estava pesada — e eles a abriram juntos. E viram que ela estava cheia, até a boca, de...

Mas não! Na verdade, não posso dizer do que ela estava cheia.





CERTA VEZ, quando o monge zen-budista Musō Kokushi viajava sozinho pela província de Mino, ele se perdeu num distrito nas montanhas e não havia ninguém para orientá-lo. Por muito tempo ele vagou, desamparado; estava prestes a perder as esperanças de encontrar um local para passar a noite quando notou, no alto de um morro onde se refletiam os últimos raios de sol, um pequeno eremitério, um *anjitsu*, do tipo construído para monges solitários. Parecia em ruínas, mas ele correu até lá, ansioso, e viu que era habitado por um velho monge, a quem implorou que o abrigasse aquela noite, embora não pudesse oferecer nada em troca. O velho foi inflexível em sua recusa, mas indicou a Musō o caminho até uma aldeia vizinha, onde ele poderia encontrar comida e hospedagem.

Musō conseguiu encontrar a aldeia, constituída de menos de doze casinhas de campo, e foi gentilmente acolhido pelo chefe do lugar. Quando chegou à casa dele, havia quarenta ou cinquenta pessoas reunidas no aposento principal, e o monge foi conduzido a um pequeno quarto ao lado, onde logo lhe providenciaram comida e cama. Estava muito cansado, então ainda cedo deitou para descansar; pouco antes da meia-noite, porém, foi acordado pelo som de um choro copioso no aposento vizinho. Na mesma hora, alguém deslizou com suavidade as portas entre os cômodos; e um rapaz jovem, segurando uma lanterna acesa, entrou e, respeitoso, saudou o hóspede dizendo:

— Venerável senhor, é com pesar que devo lhe dizer que agora sou o responsável por esta casa. Ainda ontem, eu era apenas o primogênito. Mas ao ver o senhor chegar tão cansado, não quisemos lhe provocar um constrangimento, portanto não contamos ao senhor que meu pai tinha morrido havia apenas poucas horas. As pessoas que

o senhor viu são os habitantes do povoado: se reuniram para prestar as últimas homenagens ao morto e agora seguem rumo a outra aldeia, a cerca de cinco quilômetros daqui, pois, pelos nossos costumes, nenhum de nós deve permanecer na aldeia na noite em que alguém tenha morrido. Fazemos as oferendas e preces apropriadas, e então partimos, deixando o cadáver sozinho. Coisas estranhas sempre acontecem na casa em que um cadáver é abandonado, por isso pensamos que seria melhor o senhor nos acompanhar. Podemos lhe encontrar uma boa hospedagem em outra aldeia. Talvez, porém, o senhor não tema os demônios ou maus espíritos, já que é um monge; se por acaso não tiver medo de permanecer a sós com o cadáver, pode ficar à vontade para dispor desta pobre casa. No entanto, devo lhe dizer que ninguém, a não ser um monge, ousaria permanecer aqui esta noite.

Musō respondeu:

— Sou profundamente grato por sua boa intenção e generosa hospitalidade. Sinto muito, no entanto, que não tenham me informado antes da morte de seu pai; ainda que estivesse um pouco cansado, com certeza não teria dificuldade em exercer meus deveres de monge. Se tivesse me contado, eu poderia ter efetuado a cerimônia antes da partida de vocês. Agora irei realizá-la depois que saírem; e permanecerei ao lado do corpo até o amanhecer. Não entendo o que você quer dizer quanto aos perigos de ficar aqui; mas não tenho medo de fantasmas nem demônios, portanto, por favor não se aflija por minha pessoa.

O jovem rapaz pareceu satisfeito com essas palavras confiantes e exprimiu sua gratidão de modo adequado. Então os membros da família e todas as pessoas reunidas na casa, ao saber das gentis promessas do monge, vieram lhe agradecer — e, em seguida, o mestre da casa falou:

— Agora, venerável senhor, embora seja com grande pesar que o deixamos sozinho, precisamos nos despedir. Pela lei de nossa aldeia, nenhum de nós pode permanecer aqui depois da meia-noite. Imploramos, gentil senhor, que tome todos os cuidados com sua honrosa presença, nesse momento em que não podemos auxiliá-lo. E,

se acaso escutar ou vir algo de estranho em nossa ausência, por favor nos relate quando voltarmos pela manhã.

E assim todos saíram da casa, com exceção do monge, que seguiu para o quarto onde estava o corpo. Todas as oferendas habituais haviam sido dispostas diante do morto; e uma pequena lamparina budista, *tōmyō*, estava acesa. O monge fez a recitação ritual, cumpriu com as cerimônias funerárias e, em seguida, entrou em meditação. Permaneceu assim, meditando por muitas horas silenciosas; e toda a aldeia estava deserta e tudo era silêncio. Mas na mais profunda noite e no quieto absoluto, uma Forma vaga e vasta apareceu, sem se fazer ouvir; e no mesmo instante Musō percebeu que não conseguia mais se mexer nem falar. Viu que a Forma levantou o cadáver, como se tivesse mãos, e o devorou, mais rápido do que um gato devora um rato — começou pela cabeça e continuou até comer tudo: cabelo, ossos e até a mortalha. E a Coisa monstruosa, tendo então consumido o corpo, voltou-se para as oferendas e também as engoliu. E então se foi, tão misteriosamente como havia vindo.

Quando os habitantes da aldeia voltaram na manhã seguinte, encontraram o monge na entrada da casa do chefe. Cada um deles o cumprimentou; e, quando entraram e olharam em volta, ninguém demonstrou surpresa com o desaparecimento do corpo e das oferendas. Mas o mestre da casa disse a Musō:

— Venerável monge, o senhor decerto viu coisas desagradáveis na noite passada: todos nós estávamos aflitos por sua pessoa. Mas agora estamos muito contentes de ver que sobreviveu ileso. Se não fosse impossível, nós o teríamos acompanhado com prazer. Mas a lei de nossa aldeia, como lhe disse ontem à noite, nos obriga a abandonar nossas casas quando alguém morre, e a deixar o cadáver a sós. Todas as vezes em que essa lei foi quebrada, seguiu-se uma grande desgraça. Toda vez em que ela é obedecida, o cadáver e as oferendas desaparecem em nossa ausência. Talvez o senhor tenha visto a causa disso.

Então Musō falou da Forma terrível e escura que havia entrado na sala mortuária para devorar o corpo e as oferendas. Ninguém pareceu estranhar a história, e o mestre da casa observou:

— Isso que nos conta, venerável senhor, está de acordo com o que já se falou a esse respeito em tempos ancestrais.

Musō então perguntou:

— O monge que vive na montanha às vezes não vem aqui realizar os rituais funerários para os mortos?

— Qual monge? — perguntou o jovem.

— O que me indicou o caminho para cá ontem à noite — respondeu Musō. — Bati à porta de seu *anjitsu*, no morro logo ali. Ele me negou hospedagem, mas indicou o caminho até aqui.

Os ouvintes se entreolharam, espantados; depois de um instante de silêncio, o mestre da casa falou:

— Venerável senhor, não há monge nem *anjitsu* na montanha. Há muitas gerações não temos um sacerdote residente na região.

Musō não disse mais nada; tinha ficado claro que seus gentis hóspedes supunham que ele havia sido iludido por um *goblin*. Depois de se despedir, e tendo obtido todas as informações acerca de qual caminho seguir, ele decidiu procurar de novo o ermitério na montanha, para averiguar se de fato havia sido enganado. Sem dificuldade encontrou o *anjitsu*, e agora seu velho habitante o convidou a entrar. Uma vez dentro, o ermitão curvou-se humilde, em reverência, dizendo:

— Ah, que vergonha! Estou muito envergonhado! Estou profundamente envergonhado!

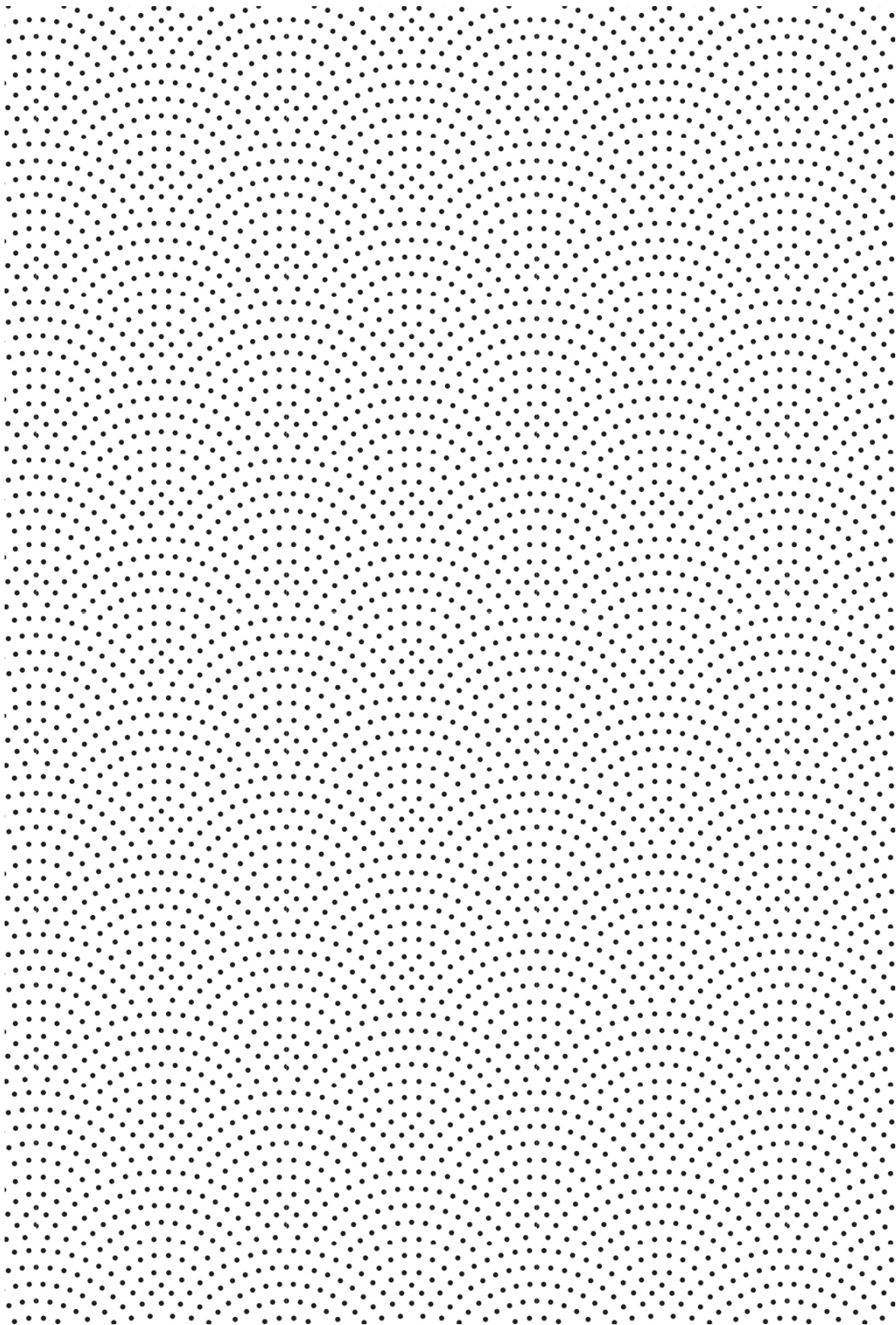
— Não precisa sentir vergonha por ter me recusado hospedagem — disse Musō. — Você me indicou o caminho para a aldeia, onde fui muito bem tratado; e eu o agradeço por isso.

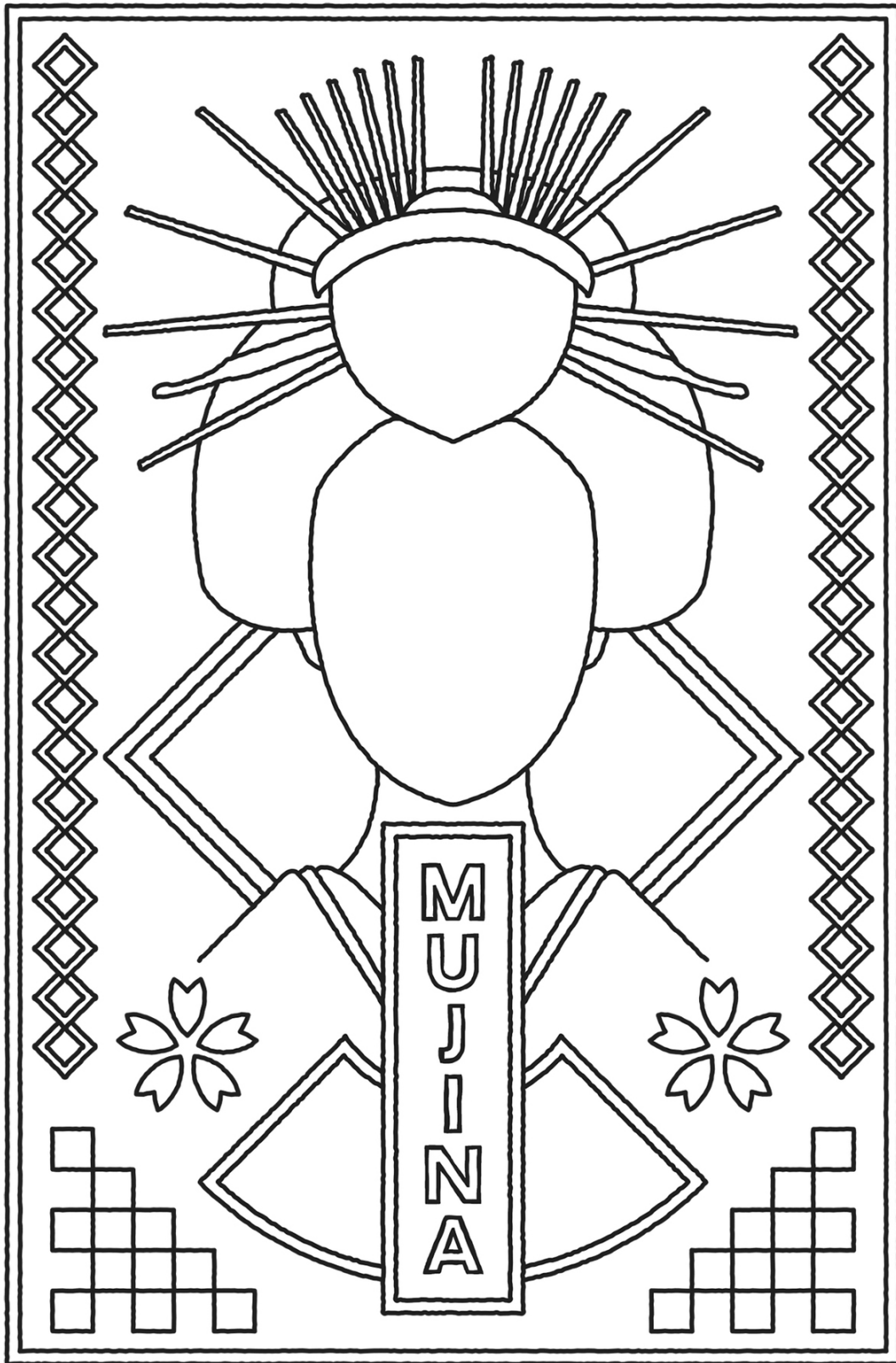
— Não posso oferecer hospedagem a quem quer que seja — respondeu o recluso —, e não é isso o que me vexa. Sinto vergonha apenas por você ter me visto em minha forma verdadeira, pois fui eu que engoli o cadáver e as oferendas ontem à noite, diante de seus olhos... Saiba, venerável senhor, que sou um *jikininki* ^[1] e como carne humana. Tenha piedade de mim e aceite escutar a confissão do mal secreto que me reduziu a esse estado.

“Há muito tempo, eu era o monge desta região abandonada. Não havia outro senão eu, por muitas e muitas léguas. Naquela época, os

corpos da gente que morria nas montanhas costumavam ser trazidos até aqui — às vezes, vinham de grandes distâncias — para que eu lhes pudesse recitar os rituais sagrados. Mas eu recitava e concluía os rituais apenas como uma obrigação — só pensava na comida e nas roupas que poderia angariar às custas de minha profissão sagrada. E por causa de meu egoísmo impiedoso, assim que morri renasci na condição de *jikininki*. Desde então, vejo-me obrigado a me alimentar dos cadáveres das pessoas que morrem neste distrito: preciso devorar cada um da maneira como me viu fazer ontem... Agora, venerável senhor, permita que eu lhe peça para realizar um ritual de *Segaki* por mim: me ajude com suas preces, eu lhe imploro, para que eu possa escapar logo dessa terrível existência...”

Tão logo o eremita fez o pedido, ele desapareceu e o eremitério sumiu junto. E Musō Kokushi se viu sozinho, ajoelhado em meio ao capim alto, ao lado de um antigo túmulo coberto de musgo, no formato *go-rin-ishi*; [\[2\]](#) aparentemente, o túmulo de um monge.





NA ESTRADA DE AKASAKA, em Tóquio, há um declive chamado Kii-no-kuni-zaka, que significa “Declive da província de Kii”. Não sei a razão desse nome. De um dos lados da encosta, é possível ver um fosso antigo, profundo e bem largo, com margens altas que se elevam até os jardins de algum palácio; e, do outro lado da estrada, corre a longa e altiva muralha de um palácio imperial. Antes da era dos postes acesos e dos riquixás, esse bairro costumava ser muito ermo ao escurecer; e quem perdia a hora preferia dar voltas quilométricas em vez de subir sozinho pelo Kii-no-kuni-zaka à noite.

Tudo isso por causa de um *mujina*^[1] que costumava caminhar por ali.

O último homem a ver o *mujina* foi um velho comerciante do bairro de Kyōbashi, que morreu há cerca de trinta anos. Essa é sua história, da maneira como ele a contou:

Uma noite, já bem tarde, ele estava subindo com pressa pelo Kii-no-kuni-zaka, quando viu uma mulher agachada ao lado do fosso, chorando copiosamente. Teve receio de que ela pudesse querer se afogar e então parou para lhe oferecer alguma ajuda ou consolo que estivesse a seu alcance. Ela parecia ser delicada e graciosa, e estava bem-vestida; seu cabelo estava preso à maneira das moças de boa família.

— *O-jochū* —^[2] ele exclamou, se aproximando —, não chore assim! Me diga qual é o problema; se eu puder ajudar de algum modo, ficarei feliz — ele de fato estava sendo franco, pois era um homem muito gentil. Mas ela continuou a chorar, escondendo o rosto com uma de suas mangas longas.

— *O-jochū* — ele disse de novo, da maneira mais suave que conseguiu —, por favor, por favor, me escute! Este lugar à noite não é próprio para uma moça! Não chore, eu lhe suplico! Diga-me apenas o que posso fazer para ajudá-la!

Ela se levantou sem pressa, mas virou-lhe as costas e continuou a lamentar e soluçar, sempre com o rosto escondido pela manga. Ele pôs a mão em seu ombro, suavemente, e pediu:

— *O-jochū! O-jochū! O-jochū...* Me escute, só um instante! *O-jochū! O-jochū!*

E eis que a moça se virou e abaixou a manga, e passou a mão no próprio rosto; e o homem viu que ela não tinha olhos nem nariz nem boca; e ele gritou e saiu correndo.

E ele correu e correu morro acima, ao longo do Kii-no-kuni-zaka; e tudo à sua frente era escuro e estava vazio. E ele seguiu correndo, sem ousar olhar para trás; até que finalmente viu uma lanterna, mas estava tão distante que parecia apenas a luz de um vagalume; e ele correu em direção a ela. Descobriu se tratar apenas da lanterna de um vendedor ambulante de soba,^[3] que havia montado sua banquinha na beira da estrada; mas qualquer luz e companhia humana eram de bom tamanho depois daquela experiência; e ele se lançou aos pés do vendedor de soba, gritando:

— Ai! ah!! ahh!!!

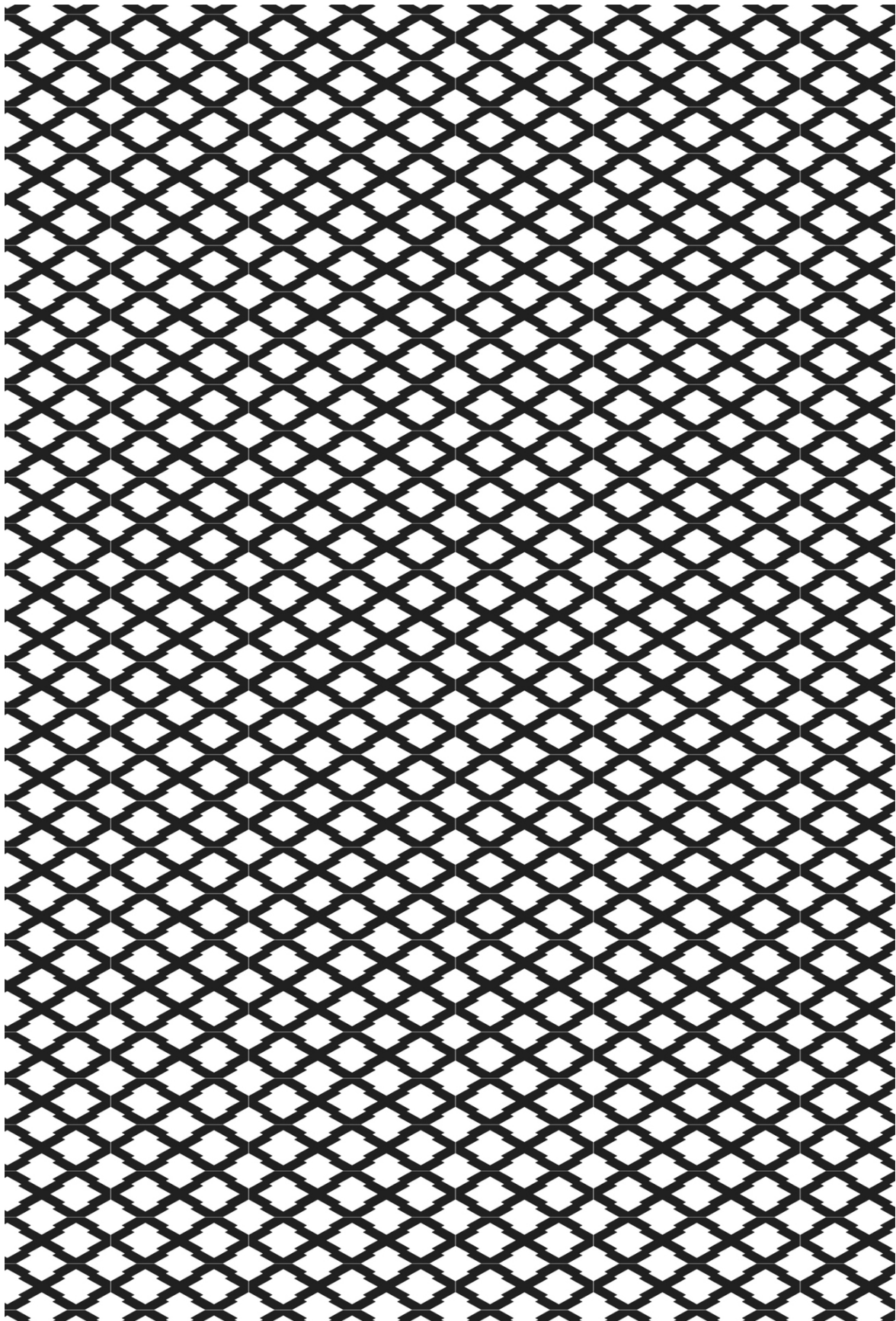
— *Kore! kore!* — gritou o homem do soba com seu jeito pouco cortês. — Diga, qual é seu problema? Alguém o feriu?

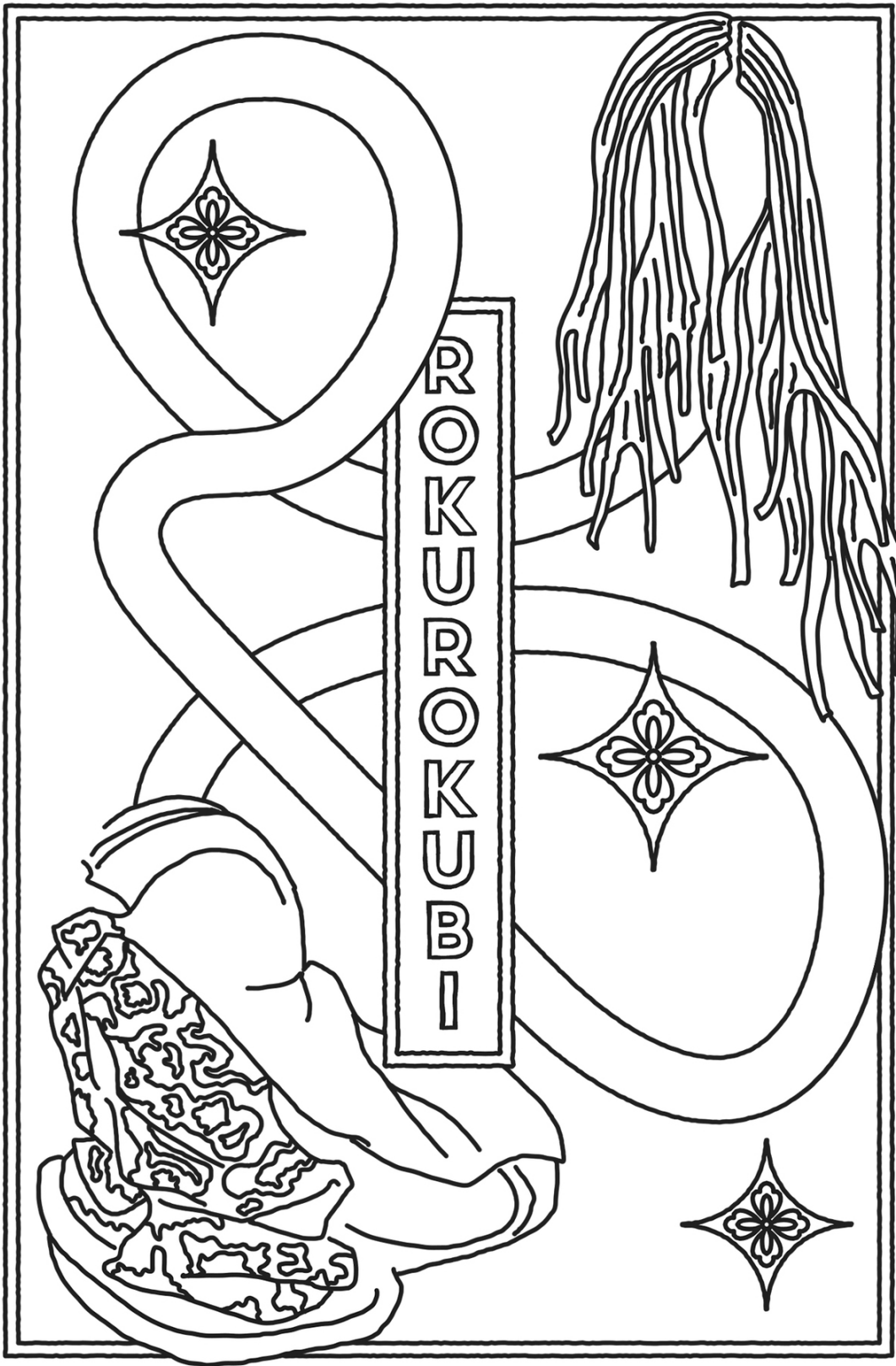
— Não, ninguém me feriu — arfou o homem —, foi só que... ah! ahh!

— Foi só o quê? Assustaram você? — perguntou o ambulante, sem muita simpatia por ele. — Ladrões?

— Não, não foram ladrões... não — suspirou o homem atemorizado —, eu vi... eu vi uma mulher... ao lado do fosso... e ela me mostrou... ahh! Não posso contar o que ela me mostrou!

— *Hê!* Foi algo parecido com *isso* que ela lhe mostrou? — exclamou o vendedor de soba, alisando o próprio rosto, que então ficou exatamente como um Ovo... e, no mesmo instante, a luz se apagou.





HÁ QUASE QUINHENTOS ANOS existiu um samurai chamado Isogai Heidazaemon Taketsura, que servia ao senhor Kikuji, de Kyūshū. Esse Isogai havia herdado, de seus muitos ancestrais belicosos, uma aptidão natural para os exercícios militares, além de uma força extraordinária. Quando menino, ele já havia superado seus mestres nas artes da espada, no arco e flecha e no uso da adaga, e demonstrava ter todas as qualidades de um soldado hábil e audacioso. Mais tarde, na época da guerra Eikyō,^[1] ele se destacou a ponto de receber as maiores honrarias. Com a queda da casa dos Kikuji, porém, Isogai viu-se sem mestre. Seria fácil conseguir serviço sob outro *daimyō*; mas como ele não estava interessado em condecorações vazias, e como seu coração permanecia leal ao antigo mestre, preferiu renunciar ao mundo. Raspou o cabelo e se tornou um monge viajante, assumindo o nome budista de Kwairyō.

Porém, sob o *koromo*^[2] de monge, Kwairyō ainda mantinha aceso o coração de samurai. Do mesmo modo como rira diante do perigo nos anos anteriores, agora também desdenhava dos riscos; e em qualquer clima ou estação, ele viajava para pregar a boa Lei nos lugares onde nenhum outro monge ousava ir. Pois aquela era uma época de violência e desordem, e nas estradas não havia segurança para viajantes solitários, nem mesmo para um monge.

Em sua primeira viagem longa, Kwairyō teve oportunidade de visitar a província de Kai. Estava atravessando as montanhas daquela província ao entardecer, quando foi tomado pela escuridão da noite num distrito bastante ermo, a léguas de distância de qualquer vilarejo. Então se conformou diante da perspectiva de passar a noite sob as

estrelas; e, ao encontrar um espaço adequado na grama, ao lado da estrada, deitou e se preparou para dormir. Estava acostumado a abraçar qualquer desconforto; até uma pedra nua poderia lhe servir de cama, se nenhuma outra estivesse disponível; e a raiz de um pinheiro daria um ótimo travesseiro. Seu corpo era como o ferro; e ele jamais se incomodava com o orvalho, a chuva, a geada ou a neve.

Mal ele havia deitado, apareceu um homem na estrada, trazendo consigo um machado e um grande feixe de lenha. O lenhador parou ao ver Kwairyō estendido e, depois de um instante observando-o em silêncio, disse-lhe, num tom que denotava grande surpresa:

— Que tipo de homem é o senhor, que ousa se deitar sozinho num local como este? Há assombrações por aqui, muitas assombrações. O senhor não teme as Coisas Peludas?

— Meu amigo — respondeu Kwairyō, animado —, eu sou apenas um monge viajante, um “hóspede das nuvens e da água”, como se diz, *Un-sui-no-ryokaku*. E não tenho medo nenhum das Coisas Peludas, se, com isso, você se refere às raposas-*goblin*, aos texugos-*goblin* ou outras criaturas desse tipo. Quanto aos lugares ermos, eu gosto deles: são adequados para a meditação. Estou acostumado a dormir ao relento, e aprendi a nunca me angustiar pela minha vida.

— O senhor deve de fato ser um homem corajoso, senhor monge — respondeu o camponês —, já que se deita aqui! Este lugar tem um nome ruim, um nome muito mau. Mas, como diz o ditado, *Kunshi aya-uki ni chikayorazu* (O homem superior não se expõe desnecessariamente ao perigo); e devo reiterar que é muito perigoso dormir aqui. Por isso, apesar de minha casa ser apenas um miserável casebre de palha, permita-me insistir que me acompanhe. Quanto à comida, nada tenho a lhe oferecer; mas ao menos há um teto, e o senhor pode dormir sob ele sem correr riscos.

Ele falava honestamente; e Kwairyō, que gostou de seu tom gentil, aceitou a humilde oferta do homem. O lenhador o guiou por um caminho estreito, que saía da estrada principal e atravessava a floresta da montanha. Era um caminho difícil e perigoso, que ora beirava precipícios — algumas vezes sem oferecer nada além de uma rede de raízes escorregadias nas quais pisar —, ora os levava por montes de pedras pontiagudas. Mas enfim Kwairyō se viu numa clareira no topo

de um morro, com o brilho da lua cheia acima dele; e viu à sua frente uma pequena casa de palha, e dela emanava uma luz reconfortante e alegre. O lenhador o conduziu aos fundos de sua casa, onde havia uma cabana com tubulações de bambu por onde passava a água de um riacho vizinho; e os homens lavaram os pés. Para além dessa cabana, havia uma horta, e um arvoredor de cedros e bambus; e, mais além, atrás das árvores, brilhava uma cascata que descia desde uma altura elevada, e dançava ao luar parecendo um longo vestido branco.

Quando Kwairyō entrou no casebre, notou que havia quatro pessoas — homens e mulheres — aquecendo as mãos diante de um pequeno fogareiro aceso no *ro*^[3] do quarto principal. Todos se curvaram até embaixo, cumprimentando o monge da maneira mais respeitosa. Kwairyō se admirou que pessoas tão pobres, vivendo em local tão ermo, tivessem conhecimento das formalidades dos cumprimentos. “São boas pessoas”, pensou; “devem ter sido educadas por alguém que tinha familiaridade com as regras do decoro.” Então voltou-se para seu anfitrião — o *aruji*, ou mestre do lar, como os outros o chamavam — e disse:

— Pela gentileza de sua fala e pela recepção muito educada que recebi em seu lar, posso imaginar que nem sempre o senhor foi um lenhador. Será que já pertenceu a uma classe mais alta?

O lenhador respondeu com um sorriso:

— O senhor não está enganado. Embora hoje me encontre vivendo assim, já fui uma pessoa de certa distinção. Minha história é a de uma vida arruinada, e a culpa é toda minha. Eu costumava trabalhar para um *daimyō*, e meu cargo não era baixo. Mas eu tinha um amor excessivo pelas mulheres e pelo vinho; e, sob a influência de uma paixão, agi com maldade. Meu egoísmo trouxe a desgraça para aquela casa e provocou a morte de muitas pessoas. A retaliação me perseguiu, e por muito tempo vivi como um fugitivo naquele lugar. Hoje rezo para reparar um pouco do mal que causei e reestabelecer o lar ancestral. Mas temo jamais encontrar os meios para fazê-lo. No entanto, tento compensar o carma de meus erros por meio de um arrependimento sincero e ajudando, até onde sou capaz, os desafortunados.

Kwairyō gostou daquele relato determinado a mudar de vida e disse ao *aruji*:

— Meu amigo, já tive oportunidade de observar como certos homens dados aos exageros na juventude podem, com o tempo, levar adiante uma vida bastante correta, com honestidade. Está escrito nos sutras sagrados que os mais ferrenhos em seus erros podem, pela força da determinação, vir a ser os mais ferrenhos nas ações corretas. Não duvido que seu coração seja bom, e espero que a sorte mude a seu favor. Esta noite vou recitar os sutras em sua homenagem e rezar para que você encontre forças para superar o carma de qualquer erro cometido no passado.

Tendo dito isso, Kwairyō deu boa noite ao *aruji*; e seu anfitrião o conduziu a um minúsculo quartinho lateral, onde havia uma cama já feita. Então todos foram dormir, com exceção do monge, que se pôs a ler os sutras à luz de uma lanterna de papel. Leu e rezou até bem tarde, e então abriu uma janela em seu pequeno quarto para olhar a paisagem uma última vez antes de deitar. Era uma noite muito bonita: o céu estava limpo. Não ventava; e a luz clara da lua produzia sombras geométricas nas folhagens, e refletia no orvalho do jardim. O canto dos grilos combinado ao das cigarras criava um tumulto musical; o som da cascata ao lado ficou mais profundo com o cair da noite. Kwairyō sentiu sede ao escutar o barulho da água e, lembrando do aqueduto de bambu nos fundos da casa, pensou que poderia ir até lá sem perturbar quem estivesse dormindo. Com muito cuidado, deslizou as portas para abrir a passagem de seu quarto ao aposento central; e à luz da lanterna, viu cinco corpos deitados — sem cabeça!

Por um instante, o desconcerto o paralisou — imaginou um crime. Mas em seguida, percebeu que não havia sangue, e que os pescoços não tinham sinais de decapitação. Então pensou: “Ou isso é uma ilusão provocada por *goblins*, ou eu fui atraído para uma casa de um *rokurokubi*... Está escrito no livro *Sōshinki* que se alguém encontrar o corpo de um *rokurokubi* sem a cabeça, e mover o corpo para outro lugar, a cabeça nunca mais conseguirá se juntar ao pescoço. E o livro ainda diz que, quando a cabeça volta e percebe que seu corpo não está onde estava antes, ela se joga três vezes no chão — ricocheteia feito uma bola — e, arfando de medo, ela morre na hora. Bom, se esses

forem, de fato, *rokurokubi*, então eles não me trarão nada de bom. Por isso tenho motivos para seguir as instruções do livro”...

Ele apanhou o corpo do *aruji* pelos pés, arrastou-o até a janela e o empurrou para fora. Então foi até a porta dos fundos, que descobriu estar bloqueada; e presumiu que as cabeças haviam saído pelo exaustor de fumaça no teto, que estava aberto. Sem fazer nenhum movimento brusco, ele desbloqueou a porta e saiu para o jardim, e seguiu com todo o cuidado até o arvoredor mais distante. Ouviu vozes e caminhou em direção a elas — escondendo-se nas sombras, até encontrar um bom local para ficar de tocaia. Então, por detrás de um tronco, pôde ver de relance as cabeças — as cinco cabeças — esvoejando e pairando e jogando conversa fora. Comiam insetos e minhocas que encontravam na terra ou em meio às árvores. De repente, a cabeça do *aruji* parou de comer e disse:

— Ai, o monge viajante que chegou essa noite: como ele é rechonchudo! Depois de comê-lo, ficaremos com a pança bem cheia... Que bobagem a minha, falar com ele como eu falei; acabei fazendo com que ele recitasse os sutras pela minha alma! Teria sido difícil chegar perto dele enquanto recitava; não podemos encostar nele enquanto reza. Mas já é quase de manhã, e é possível que ele tenha ido dormir... vão alguns de vocês até a casa para ver o que ele está fazendo.

Outra cabeça — a de uma mulher jovem — imediatamente subiu no ar e voou até a casa, leve como um morcego. Passados alguns minutos, ela voltou e exclamou com a voz rouca, parecendo apavorada:

— O monge viajante não está em casa, ele sumiu! Mas isso não é o pior. Ele levou o corpo de nosso *aruji*, e não sei onde o botou.

Ao escutar o relato, a cabeça do *aruji* — nítida à luz da lua — assumiu uma expressão assustadora: seus olhos arregalaram como os de um monstro; seu cabelo ficou arrepiado; seus dentes começaram a bater. Então um grito lhe escapou dos lábios e, chorando lágrimas de ódio, ela exclamou:

— Agora que mexeram no meu corpo, nunca mais poderei me juntar a ele! Só me resta morrer!... E tudo por obra daquele monge! Mas antes vou me vingar! Vou rasgar aquele monge ao meio! Vou

devorá-lo!... *E ali está ele*, atrás daquela árvore! Escondido atrás daquela árvore! Vejam! O roliço covarde!

No mesmo instante, a cabeça do *aruji*, seguida pelas quatro outras cabeças, zarpou em direção a Kwairyō. Mas o monge, que não era fraco, já sabia o que esperar e havia se armado de uma pequena árvore que arrancara da terra; e com aquela árvore bateu nas cabeças uma a uma, à medida que vinham atacá-lo — ele as acertou com golpes tremendos. Quatro delas fugiram. Mas a cabeça do *aruji* continuava desesperada e seguia atacando o monge, não importava quantas vezes ele a acertasse. Até que, finalmente, ela conseguiu apanhá-lo pela manga esquerda. Kwairyō, no entanto, na mesma hora agarrou a cabeça pelo penacho e a golpeou repetidas vezes. Ela não arredou, mas deixou escapar um longo gemido e desistiu de lutar. Estava morta. Sua mordida, porém, continuava firme na manga; e, mesmo com toda a força de que era capaz, Kwairyō não conseguia se desvencilhar dela.

Com a cabeça presa à manga, voltou para a casa e ali encontrou os outros quatro *rokurokubi* agachados, com as cabeças feridas e sangrando, mas reatadas aos corpos. Assim que o viram chegar pelos fundos, berraram:

— O monge! O monge! — E saíram pela porta oposta, em direção à floresta.

A leste, o céu começava a clarear; o dia estava prestes a nascer, e Kwairyō sabia que o poder dos *goblins* se limitava às horas de escuridão. Ele olhou para a cabeça que ainda pendia de sua manga — o rosto imundo de sangue, espuma e lama — e riu sozinho, pensando: “Que *miyage*!^[4] A cabeça de um *goblin*!”. E então arrumou seus poucos pertences e calmamente desceu a montanha para continuar viagem.

E a jornada seguiu, até que ele chegou a Suwa, em Shinano; e na rua principal de Suwa, o monge caminhou a passos largos e solenes, com a cabeça pendurada à altura do cotovelo. As mulheres desmaiavam; as crianças gritavam e fugiam; houve grande algazarra e um tumulto tal que o *torite* (como se chamava a polícia naquela época) apanhou o monge e o levou à cadeia. Pois pressupunham que aquela era a cabeça de um homem assassinado, que, no instante fatal, havia agarrado a manga do assassino pelos dentes. Quanto a Kwairyō, ele

apenas sorriu e nada disse enquanto o interrogavam. E assim, depois de passar a noite entre as grades, foi levado aos magistrados do distrito. Ali o obrigaram a dar explicações: por que alguém como ele — um monge — fora flagrado com a cabeça de um homem dependurada na manga? E por que ousara desfilar com seu crime à vista de todos, sem nenhum pudor?

Kwairyō gargalhou diante das perguntas, e então falou:

— Senhores, não fui eu que preendi essa cabeça à minha manga; foi ela quem fez isso, contra qualquer vontade minha. E não cometi crime algum. Pois não se trata da cabeça de um homem, e sim de um *goblin*; e se provoquei a morte de um *goblin*, não foi derramando sangue, mas sim pelas precauções necessárias a não pôr em risco minha própria segurança... — e ele seguiu com o relato de toda sua aventura, explodindo em risadas mais uma vez ao narrar o encontro com as cinco cabeças.

Mas os magistrados não riram. Na avaliação deles, estavam diante de um criminoso embrutecido, e sua história era um insulto à inteligência deles. Portanto, sem mais perguntas, todos determinaram que ele fosse executado imediatamente — todos, salvo um homem muito velho. Esse oficial de idade avançada não havia feito nenhum comentário durante o julgamento. Mas, tendo escutado os colegas, ele se levantou e disse:

— Antes de mais nada, vamos examinar a cabeça com cuidado; acredito que isso ainda não tenha sido feito. Se o monge estiver falando a verdade, a própria cabeça será testemunha de seu relato... tragam-me a cabeça!

A cabeça, então, ainda presa ao *koromo*, que despiram dos ombros de Kwairyō, foi posta diante dos juízes. O velho homem a girou mais de uma vez, examinando-a minuciosamente; descobriu, na base do pescoço, uma série de ideogramas estranhos em vermelho. Ele chamou a atenção dos colegas para isso, e lhes rogou que observassem como, nas bordas do pescoço, não havia sinal de que tinha sido cortado por uma arma. Pelo contrário, a linha de separação era lisa como a que existe em uma folha que se separa do galho... Então o ancião disse:

— Estou inteiramente convencido de que o monge não nos disse nada além da verdade. Esta é a cabeça de um *rokurokubi*. No livro *Nan-*

ho-i-butsu-shi, está escrito que é sempre possível encontrar certos ideogramas vermelhos na base do pescoço de um verdadeiro *rokurokubi*. Aí estão eles: comprovem vocês mesmos que não foram pintados. Além disso, é sabido que esses *goblins* vivem nas montanhas da província de Kai desde tempos imemoriais... Mas e o senhor? — exclamou, voltando-se para Kwairyō. — Que espécie de monge é, sendo tão vigoroso? É evidente que demonstrou ter uma coragem que poucos monges possuem; e seu jeito está mais para soldado do que para monge. Será que pertenceu à classe dos samurais no passado?

— O senhor supôs acertadamente — respondeu Kwairyō. — Antes de me tornar monge, segui por muito tempo a profissão das armas; e, naquela época, jamais temi homem ou demônio. Meu nome era Isogai Heidazaemon Taketsura, de Kyūshū: é possível que alguns dos senhores ainda se recordem desse nome.

Um rumor de admiração preencheu o tribunal, pois muitos se lembravam. E logo Kwairyō se viu em meio a amigos, e não juízes — amigos que estavam ansiosos por exhibir, em demonstrações de uma gentileza fraterna, a admiração que sentiam por ele. Ficaram honrados em escoltá-lo até a residência do *daimyō*, que o acolheu e celebrou, e lhe deu um belíssimo presente antes de deixá-lo partir. Quando Kwairyō foi embora de Suwa, estava tão contente quanto cabe a um monge experimentar esse sentimento nesse mundo transitório. Quanto à cabeça, ele a levou consigo — gracejando, ainda, que queria levá-la como um *miyage*.

E agora só falta contar o que se passou com a cabeça.

Um ou dois dias depois de deixar Suwa, Kwairyō deparou com um bandido, que o interpelou num local ermo e o obrigou a se despir. Kwairyō logo removeu seu *koromo* e o ofereceu ao bandido, que só então percebeu o que estava pendurado à manga. Embora fosse um sujeito corajoso, aquele viandante tomou um susto: deixou cair a vestimenta e deu um salto para trás. Então gritou:

— Você! Que espécie de monge é? Como, você é um homem pior do que eu? É verdade que já matei, mas nunca saí por aí com uma cabeça atada à minha manga... Bem, senhor monge, imagino que tenhamos a mesma vocação; e devo dizer que o admiro! Agora, esta cabeça me

poderia ser útil: posso usá-la para amedrontar as pessoas. Você a venderia? Posso lhe dar meu casaco em troca por seu *koromo*, e lhe dou cinco *ryō* pela cabeça.

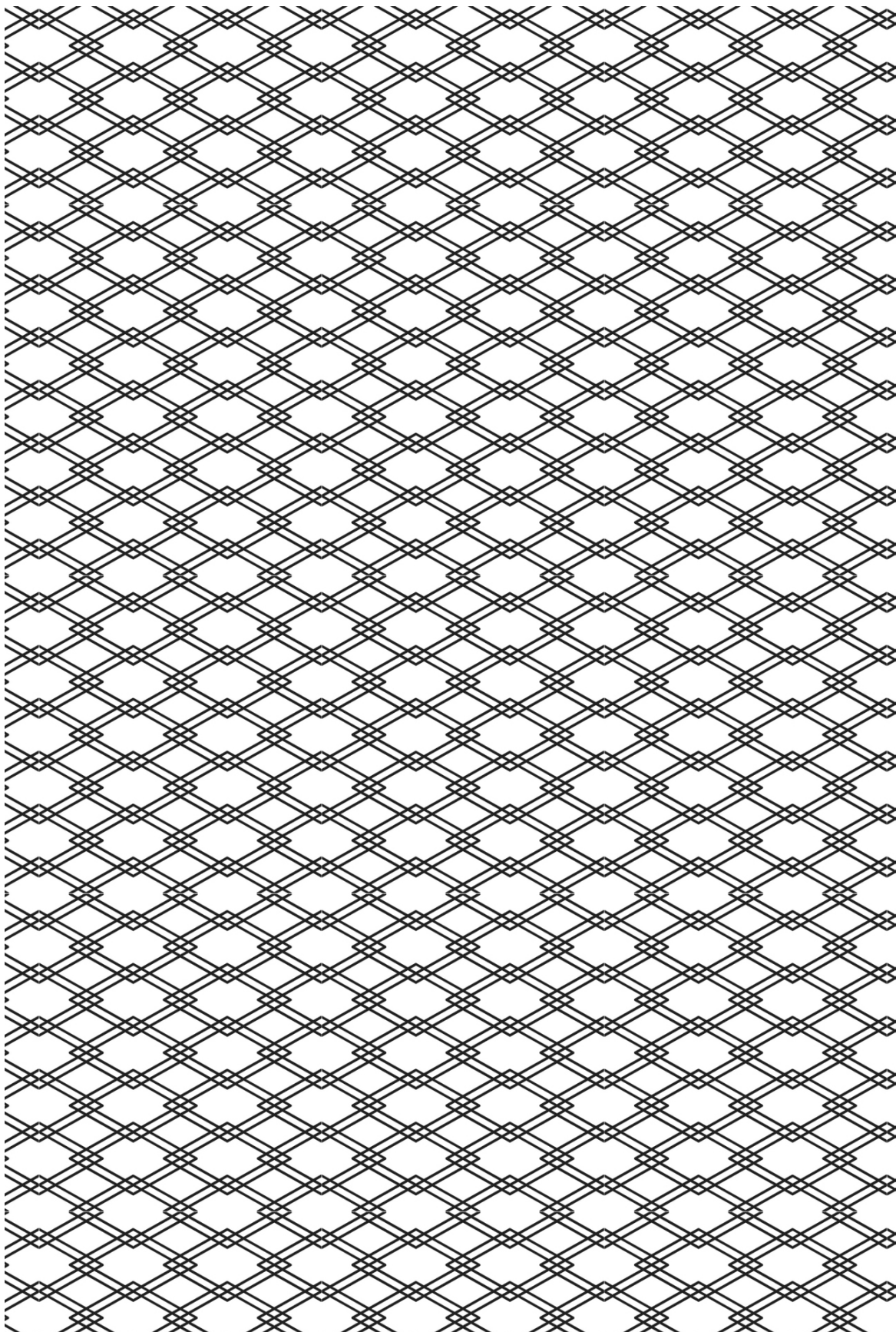
Kwairyō respondeu:

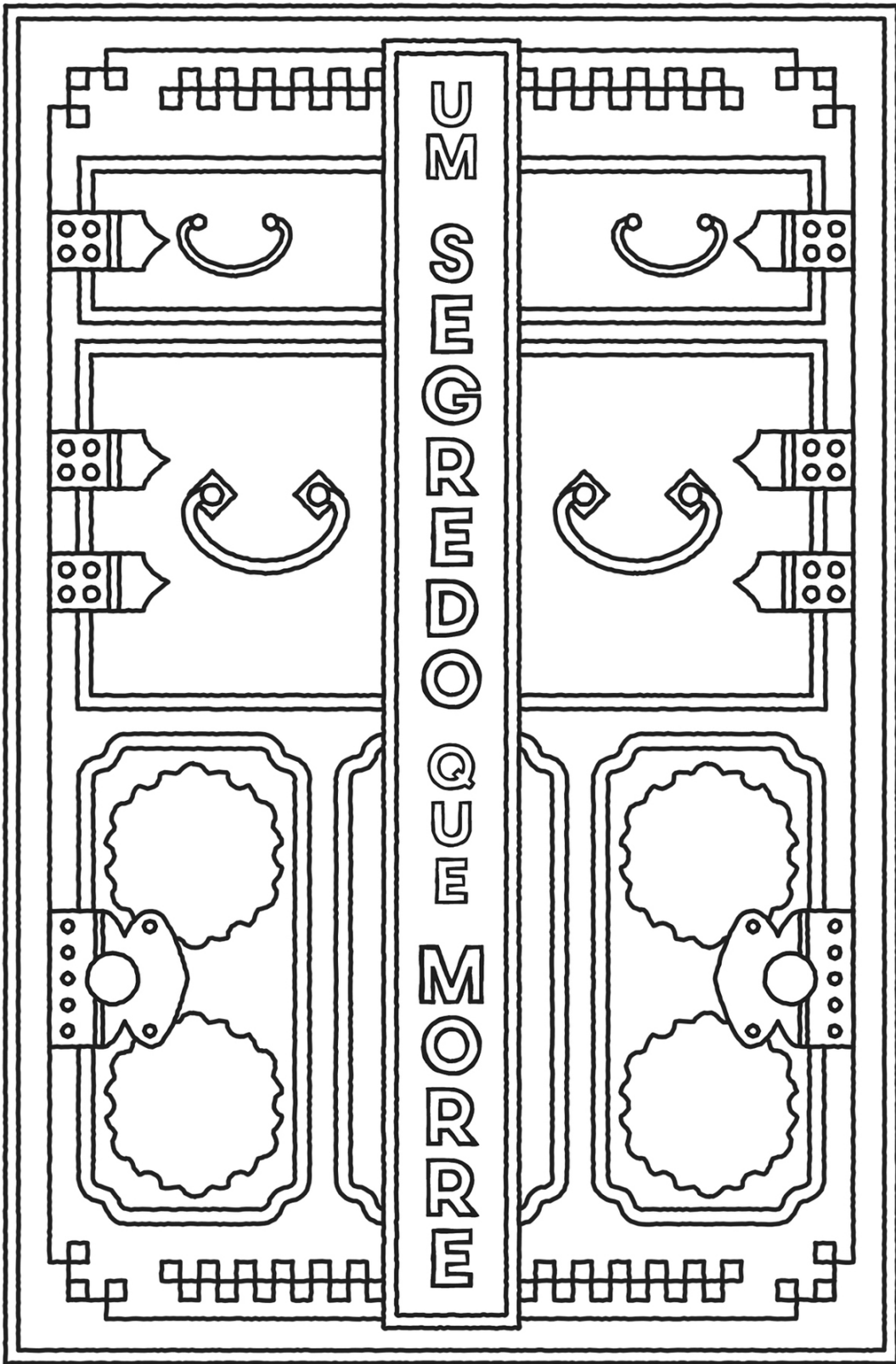
— Deixo você ficar com a cabeça e o *koromo*, já que insiste; mas devo lhe dizer que esta não é a cabeça de um homem. É a cabeça de um *goblin*. Então, se for comprá-la, e se ela vier a lhe trazer problemas no futuro, por favor lembre-se de que em momento algum o enganei.

— Que monge mais gentil! — exclamou o bandido. — Você mata homens e ainda faz piada! Mas estou falando sério, de verdade. Aqui está meu casaco; e, aqui, o meu dinheiro. Agora, dê-me a cabeça... que sentido tem ficar fazendo piada?

— Leve esta coisa — disse Kwairyō. — Eu não fiz piada alguma. A única piada, se é que ela existe, é você ser tolo o suficiente para dar dinheiro por uma cabeça de *goblin*. — E Kwairyō seguiu seu caminho, gargalhando.

E assim o bandido obteve a cabeça e o *koromo*; e por algum tempo ele se fez passar por monge caçador de *goblin* pelas estradas. Mas, ao chegar na região de Suwa, soube da verdadeira história da cabeça, e teve medo de que o espírito do *rokurokubi* pudesse atazaná-lo. Então decidiu levar a cabeça de volta ao local de onde viera e enterrá-la junto ao corpo a que pertencera. Ele descobriu o caminho até aquele casebre solitário nas montanhas de Kai; mas ninguém estava lá, e ele não foi capaz de encontrar o corpo. Então enterrou a cabeça sozinha, no arvoredor atrás da casa; e ergueu uma lápide sobre o túmulo; e encomendou que o ritual *Segaki* fosse realizado em nome do espírito do *rokurokubi*. E essa lápide — conhecida como Lápide do *rokurokubi* — pode ser vista (assim dizem os contadores de histórias japoneses) ainda nos dias de hoje.





FAZ MUITO TEMPO, na província de Tamba, vivia um rico comerciante chamado Inamuraya Gensuke. Como sua filha O-Sono era, além de muito bonita, muito esperta, ele achou que seria um desperdício a menina só aprender o que os professores do campo tinham para ensinar. Então ele a enviou a Kyoto, sob o cuidado de alguns acompanhantes de confiança, para ser educada nas mesmas artes refinadas que se ensinam às meninas da capital. Tendo recebido essa educação, ela casou com um amigo da família de seu pai — o comerciante Nagaraya — e foi feliz com ele por quase quatro anos. Tiveram um filho — um menino. Mas O-Sono adoeceu e morreu em seu quarto ano de casada.

Na noite seguinte ao funeral, o menininho disse que O-Sono havia voltado e que estava no quarto, no andar de cima. Ela sorria, mas se recusara a falar com seu filho, que, apavorado, fugiu. Alguns dos amigos da família subiram para ver o quarto que pertencera a O-Sono; ficaram surpresos ao descobrir, à luz de uma pequena lâmpada acesa diante do altar do quarto, a silhueta da morta. Ela apareceu como se estivesse em pé diante de um *tansu*, ou gaveteiro, que ainda guardava seus ornamentos e vestes. Sua cabeça e seus ombros estavam nitidamente visíveis, mas da cintura para baixo sua silhueta rareava até desaparecer — e era um reflexo imperfeito dela, transparente como uma sombra na água.

Então as pessoas tiveram medo e deixaram o quarto. No andar de baixo, se reuniram em conferência; e a mãe do marido de O-Sono disse:

— Toda mulher tem apego a suas miudezas; e O-Sono tinha muito gosto por seus pertences. Talvez ela tenha voltado para olhá-los. É

uma coisa que muitos mortos fazem, a menos que suas coisas sejam doadas ao templo local. Se oferecermos os vestidos e cintas ao templo, é provável que seu espírito possa descansar.

Todos concordaram que isso devia ser feito o quanto antes. Então, na manhã seguinte, as gavetas foram esvaziadas, e levaram ao templo todos os ornamentos e vestidos de O-Sono. Mas ela voltou na noite seguinte e continuou olhando o *tansu* como antes. E também na noite depois dessa, e na outra, e toda noite, e aquele lar se tornou uma casa do medo.

A mãe do marido de O-Sono foi ao templo, contou ao monge superior tudo o que tinha acontecido e pediu conselhos sobre fantasmas. Aquele era um templo zen; o monge superior era um homem sábio, conhecido como Daigen Oshō. Ele disse:

— Deve haver algo que a aflige no *tansu* ou perto dele.

— Mas nós esvaziamos todas as gavetas — respondeu a velha mulher. — Não há nada no *tansu*.

— Bem — disse Daigen Oshō —, hoje à noite vou até lá e ficarei à espreita no quarto, para ver o que pode ser feito. Deem ordens para que ninguém entre enquanto eu estiver lá, a menos que eu chame.

Depois do entardecer, Daigen Oshō foi até a casa e viu que o quarto estava pronto para recebê-lo. Ficou ali sozinho, lendo os sutras; e, até a Hora do Rato,^[1] nada havia aparecido. Então a silhueta de O-Sono se desenhou diante do *tansu*. Seu olhar, fixo no *tansu*, parecia ansiar por algo.

O monge proferiu a fórmula sagrada prescrita nesses casos, e, então, dirigindo-se à silhueta, chamando pelo *kaimyō*^[2] de O-Sono, disse-lhe:

— Vim até aqui para auxiliar você. Talvez haja alguma coisa no *tansu* que lhe dê motivos para se sentir aflita. Posso ajudá-la?

A sombra pareceu consentir com um leve aceno da cabeça; e o monge, erguendo-se, abriu a primeira gaveta. Estava vazia. Em seguida, abriu a segunda, depois a terceira e a quarta gaveta; procurou minuciosamente dentro e atrás de cada uma delas; examinou com cuidado o interior do móvel. Nada. Mas a silhueta continuava com os

olhos fixos, tão cheia de anseios quanto antes. “O que ela pode estar querendo?”, perguntou-se o monge. De repente, veio-lhe a ideia de que poderia haver alguma coisa escondida debaixo do papel que forra as gavetas. Ele retirou o papel da primeira: nada! Retirou o papel da segunda e da terceira: nada! Mas sob o papel da última gaveta, ele encontrou: uma carta.

— É por esta carta que você tem se afligido? — ele perguntou.

A sombra da mulher se virou para ele, os olhos fixos na carta.

— Devo queimá-la para você? — ele perguntou.

Ela se curvou diante dele.

— Será queimada no templo hoje mesmo — o monge prometeu — e ninguém a lerá além de mim.

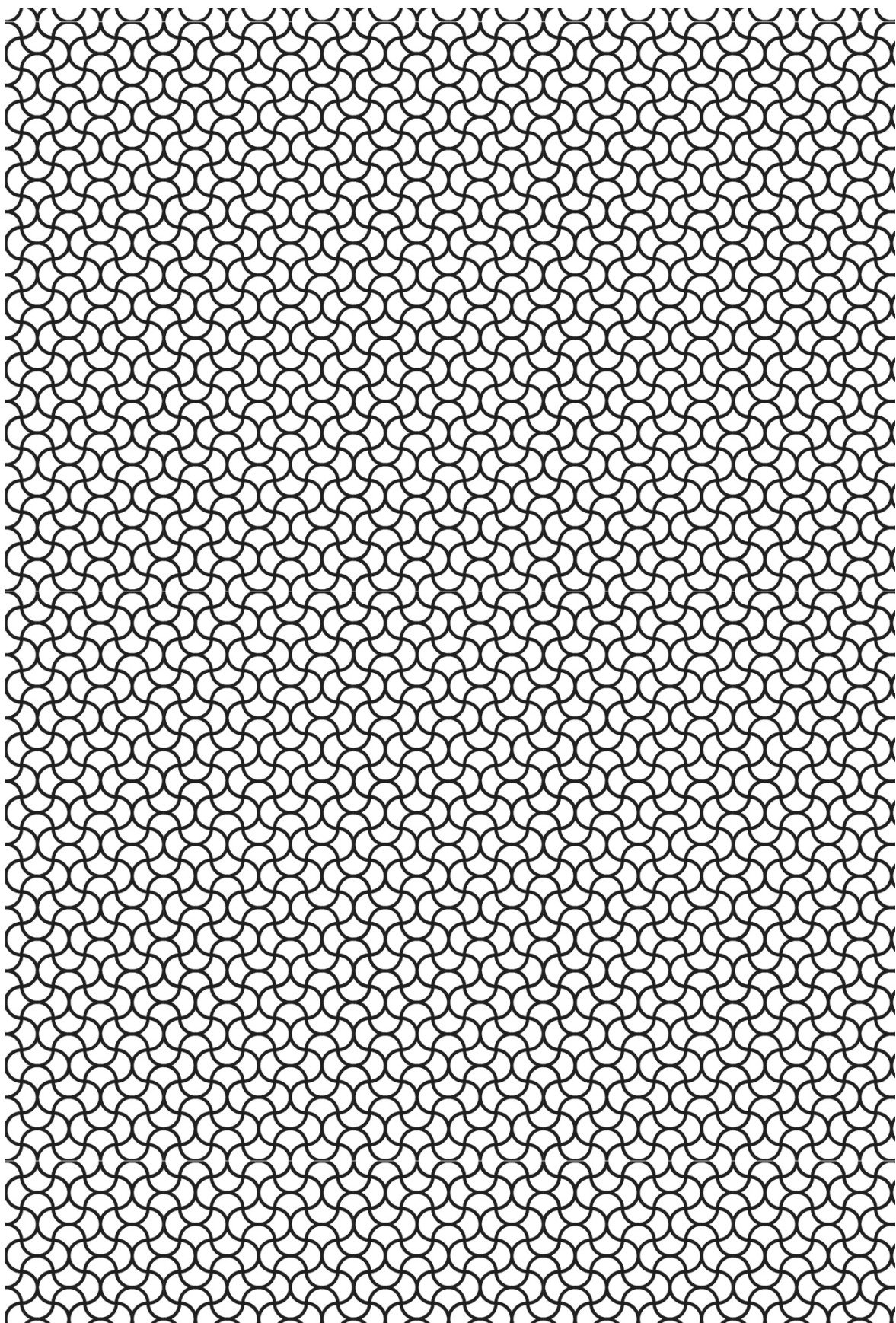
A silhueta sorriu e desapareceu.

A manhã começava a despontar quando o monge desceu as escadas e encontrou os familiares, que o aguardavam angustiados.

— Não se aflijam — disse a eles —, ela não vai voltar.

E, de fato, ela não voltou.

A carta foi queimada. Era uma carta de amor escrita para O-Sono quando ela era estudante em Kyoto. Mas ninguém além do monge soube o que a carta dizia. E o segredo morreu com ele.





EM UMA ALDEIA DA PROVÍNCIA DE MUSASHI, viviam dois lenhadores: Mosaku e Minokichi. Na época a que me refiro, Mosaku era um homem velho; Minokichi, seu aprendiz, era um rapaz de dezoito anos. Todos os dias eles iam juntos até uma floresta a cerca de oito quilômetros da aldeia. No caminho que leva à floresta, é preciso cruzar um grande rio, no qual há uma balsa. Muitas vezes foram construídas pontes que dispensariam a balsa, mas elas sempre acabavam arrastadas pela correnteza. Uma ponte comum não é capaz de resistir à força da cheia do rio.

Era noite e fazia frio quando Mosaku e Minokichi estavam a caminho de casa e uma tempestade de neve os apanhou. Conseguiram alcançar o ponto onde a balsa costumava ficar, mas descobriram que o barqueiro já não estava lá e deixara a balsa do outro lado do rio. O momento não era propício a uma travessia a nado, e os lenhadores se abrigaram na cabana do barqueiro — julgaram ser uma sorte haver ali qualquer abrigo que fosse. Dentro da cabana não havia braseiro, nem lugar em que se pudesse acender um fogo: era apenas uma cabana de dois colchões,^[1] com uma só porta e nenhuma janela. Mosaku e Minokichi fecharam a porta e se deitaram para dormir, cobrindo-se com suas capas de chuva feitas de palha. Não sentiram muito frio no começo e pensaram que logo a tempestade passaria.

O velho adormeceu quase imediatamente, mas o jovem Minokichi permaneceu acordado por muito tempo, escutando a ventania atroz e as batidas incessantes da neve contra a porta. O rio rugia; a cabana balançava como um junco no mar. A tempestade era terrível; o ar

ficava mais gelado a cada instante, e Minokichi tremia sob sua capa de chuva. Mas enfim, e a despeito do frio, também ele adormeceu.

Foi despertado pela neve que começou a cair em seu rosto. A porta da cabana fora aberta à força; à luz da neve (*yuki-akari*), viu uma mulher no quarto — uma mulher toda de branco. Ela estava inclinada sobre Mosaku e soprava — e seu sopro era como um vapor branco e luminoso. Quase no mesmo instante ela se virou para Minokichi e se debruçou sobre ele. Ele tentou gritar, mas não conseguiu emitir nenhum som. A mulher branca curvou-se, mais e mais, até seu rosto encostar no dele; e Minokichi então viu que ela era belíssima, embora seu olhar o assustasse. Por algum tempo ela continuou olhando para ele; e então sorriu, e falou bem baixo:

— Eu pretendia fazer com você o que fiz ao outro homem; não posso, porém, deixar de sentir alguma pena por você ser tão jovem... Você é um rapaz bonito, Minokichi, e não vou feri-lo agora. Mas se contar a qualquer alma viva, até mesmo à sua mãe, o que viu esta noite, eu ficarei sabendo e então o matarei... Lembre-se do que estou dizendo!

Com essas palavras ela virou e saiu. Ele então percebeu que já conseguia se mover e, com um salto, pôs-se em pé e olhou para fora. A mulher não parecia estar em parte alguma, e a neve batia com fúria contra a cabana. Minokichi fechou a porta, e a firmou com várias cavilhas de madeira. Ele se perguntou se não teria sido o vento que a abrira; pensou que talvez pudesse ter sonhado e confundido o clarão da neve passando pela abertura da porta com a silhueta de uma mulher, mas não tinha como saber ao certo. Ele chamou Mosaku e sentiu medo: o velho não respondia. Estendeu a mão no escuro, encostou-a no rosto de Mosaku e sentiu que estava frio como o gelo! Mosaku estava morto, sem dúvida...

Ao amanhecer, a tempestade havia cessado; quando o barqueiro retornou à estação, pouco depois do raiar do dia, encontrou Minokichi deitado inerte ao lado do corpo congelado de Mosaku. Minokichi foi logo acolhido e cuidado, e logo voltou a si; mas por muito tempo continuou sofrendo os efeitos do frio daquela terrível noite. O susto também tinha sido enorme pela morte do velho; mas ele nada disse a

respeito da visão da mulher de branco. Tão logo se recuperou, retomou sua vocação — e ia sozinho à floresta todas as manhãs, e retornava ao entardecer com seus feixes de lenha, que vendia com a ajuda da mãe.

Uma noite, no inverno do ano seguinte, quando voltava para casa, alcançou uma garota que por acaso trilhava o mesmo caminho. Era uma jovem esbelta, alta e muito bonita; e respondeu aos cumprimentos de Minokichi com uma voz tão agradável aos ouvidos como o canto de um passarinho. Ele então se pôs a seu lado para caminhar, e eles logo estavam conversando. Ela disse se chamar O-Yuki,^[2] e contou que tinha perdido pai e mãe havia pouco; e que seguia a caminho de Yedo, onde moravam alguns parentes pobres que talvez pudessem ajudá-la a conseguir um trabalho como criada. Minokichi encantou-se imediatamente por essa garota estranha; e, quanto mais a olhava, mais atraente ela lhe parecia. Ele lhe perguntou se já havia sido prometida em casamento; e ela respondeu, rindo, que estava livre. Ela, por sua vez, perguntou se Minokichi era casado, ou se estava noivo; e este lhe disse que, embora tivesse apenas uma mãe viúva para sustentar, não havia ainda considerado a questão de encontrar uma “nora honrosa” para ela, pois era muito jovem... Após trocarem essas confidências, seguiram caminhando por um bom tempo em silêncio; mas, como diz o ditado, *Ki ga areba, me mo kuchi hodo ni mono wo iu* (Quando o desejo existe, os olhos são capazes de dizer tanto quanto a boca). Ao chegarem à aldeia, já haviam se afeiçoado muito um ao outro; e então Minokichi convidou O-Yuki a descansar um pouco em sua casa. Ela hesitou brevemente, com timidez, mas logo aceitou; a mãe de Minokichi a acolheu e preparou-lhe algo quente para comer. O-Yuki se comportou tão bem que a mãe de Minokichi simpatizou com ela logo de cara e a convenceu a postergar a ida a Yedo. E, como é de se esperar, Yuki, no fim das contas, jamais chegou a partir para Yedo. Ela permaneceu na casa, como uma “nora honrosa”.

O-Yuki se revelou uma ótima nora. Quando a mãe de Minokichi faleceu — cerca de cinco anos mais tarde —, suas últimas palavras foram de carinho e elogios à mulher do filho. E O-Yuki teve dez filhos

com Minokichi, meninos e meninas — crianças bonitas e de pele muito clara.

As pessoas do povoado tinham O-Yuki em grandíssima estima e a julgavam muito diferente deles, em essência. A maioria das mulheres camponesas envelhece cedo, enquanto O-Yuki, mesmo mãe de dez crianças, parecia tão jovem e moça quanto no dia em que aparecera na aldeia.

Uma noite, quando as crianças já tinham ido dormir, O-Yuki costurava à luz de uma lanterna de papel; e Minokichi, que a observava, disse:

— Ver você costurando, com a luz se refletindo em seu rosto, me faz lembrar de algo estranho que me aconteceu quando era um rapaz de dezoito anos. Eu vi uma pessoa tão bela e branca quanto você está agora. Na verdade, ela era mesmo bem parecida com você...

Sem levantar os olhos do trabalho que tinha em mãos, O-Yuki respondeu:

— Fale-me dela... Onde foi que a viu?

Então Minokichi contou da terrível noite na cabana do barqueiro; e da Mulher Branca que se inclinou sobre ele, sorrindo e falando à meia-voz; e da morte silenciosa do velho Mosaku. E ele disse:

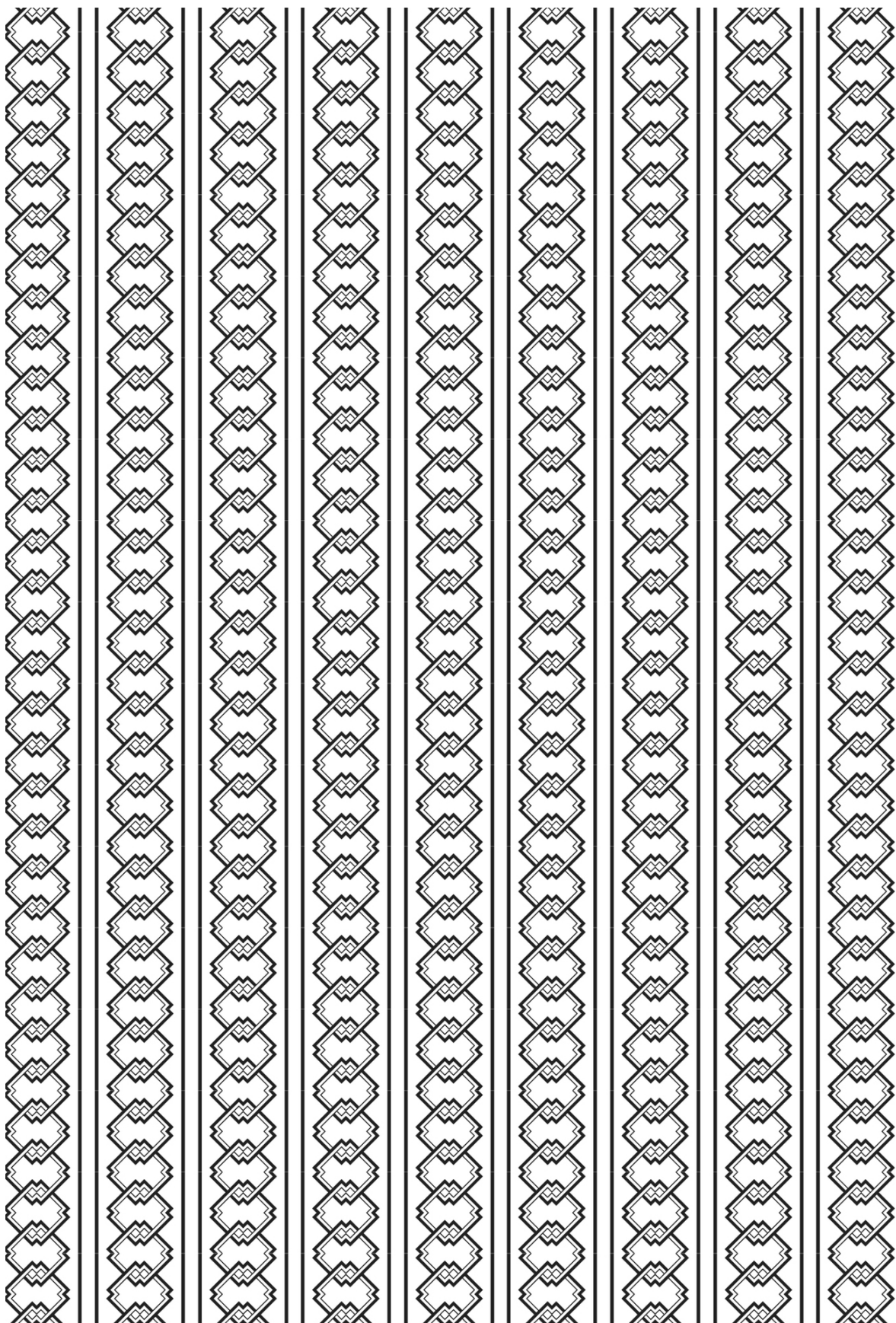
— Sonhando ou acordado, jamais vi outro ser tão belo quanto você. É claro que ela não era um ser humano, e eu tive muito medo, muito medo mesmo, mas ela era tão branca!... De verdade, não sei se não foi um sonho aquilo que vi, ou se foi a Mulher da Neve...

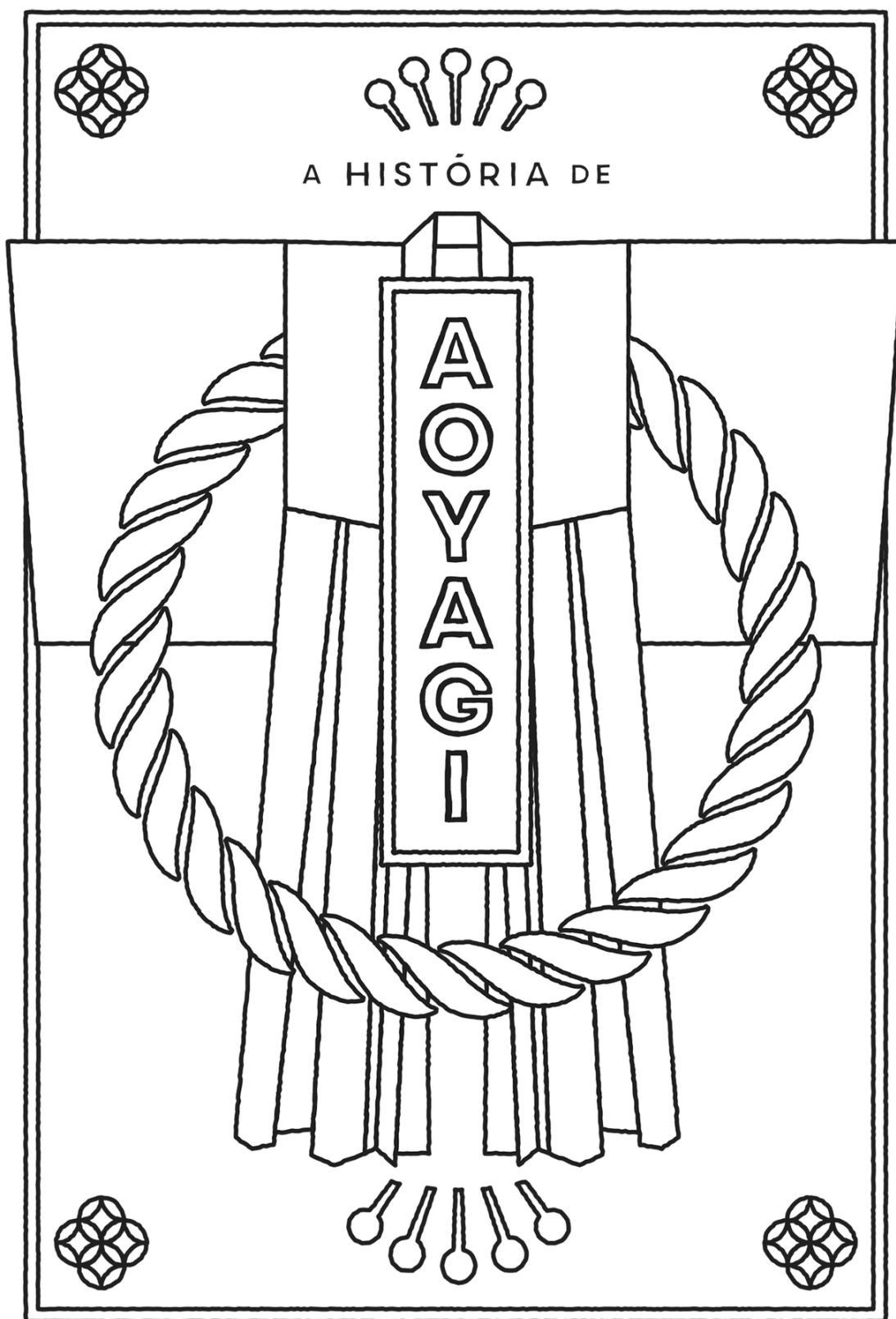
O-Yuki lançou sua costura ao chão, pôs-se em pé e, inclinando-se sobre Minokichi, que estava sentado, explodiu em berros:

— Era eu! Fui eu! Eu! Yuki! E eu lhe disse que te mataria se algum dia você contasse essa história a quem quer que fosse! Se não fosse pelas crianças que nesse instante dormem aqui ao lado, eu te mataria agora mesmo! Agora você deverá cuidar delas muito bem, cuidar muito delas; e se algum dia elas tiverem motivos para reclamar de você, eu lhe darei o tratamento que merece!

E ainda aos berros, sua voz foi rareando, como o uivo do vento; e ela então evaporou numa névoa branca e brilhante que espiralou pelas

vigas do teto, e tremeluziu escapando pela chaminé... E nunca mais foi vista.





NA ERA BUNMEI [1469-86], vivia Tomotada, um jovem samurai a serviço de Hatakeyama Yoshimune, senhor de terras de Noto. Ele havia nascido em Echizen, mas ainda jovem fora empregado como escudeiro no palácio do *daimyō* de Noto e, sob a supervisão do príncipe, foi educado no ofício das armas. Crescendo, mostrou-se estudioso e um bom soldado, e o príncipe seguiu nutrindo uma afeição por ele. De caráter amável, excelente no trato e de aparência muito bonita, era tido em alta conta por seus companheiros samurais.

Quando tinha cerca de vinte anos, Tomotada foi enviado em missão particular a Hosokawa Masamoto, o grande *daimyō* de Kyoto, primo de Hatakeyama Yoshimune. Como a viagem deveria necessariamente passar por Echizen, o jovem pediu e obteve permissão de visitar sua mãe viúva.

Fazia o maior frio do ano quando ele partiu em viagem; os campos estavam cobertos de neve, e, a despeito de estar montado num cavalo robusto, viu-se obrigado a viajar a passos lentos. A estrada pela qual seguia atravessava um distrito nas montanhas onde havia poucos povoados, todos distantes uns dos outros; e, no segundo dia, depois de ter cavalgado por penosas horas, frustrou-se ao perceber que só chegaria tarde da noite ao local previsto de descanso. Sua ansiedade não era sem razão: começava a cair uma forte nevasca, acompanhada de um vento gelado e cortante; além do mais, seu cavalo dava sinais de exaustão. Mas nesse instante desafiador, Tomotada, de repente e para sua surpresa, avistou o telhado de palha de uma pequena casa no topo de um morro próximo, onde cresciam salgueiros. Com dificuldade, impeliu seu animal cansado a levá-lo até aquela casinha; bateu com força à porta, que estava fechada contra a tempestade e o vento. Uma

velha senhora abriu e disse, com a compaixão que lhe inspirava a visão daquele desconhecido tão bonito:

— Pobrezinho! Um jovem cavalheiro viajando a sós com esse tempo! Permita-me convidá-lo a entrar, jovem mestre.

Tomotada desceu do cavalo, levou-o a uma área coberta nos fundos e em seguida entrou. Dentro da casa, viu um velho e uma menina se aquecerem diante de um fogo aceso a partir de lascas de bambu. Eles o convidaram, com respeito, a aproximar-se das brasas; em seguida, os mais velhos começaram a preparar algo para o viajante comer e arriscaram perguntas a respeito de sua viagem. Enquanto isso, a jovem menina sumiu por trás de uma porta de correr. Tomotada havia se surpreendido com a extrema beleza dela — ainda que suas vestes fossem paupérrimas, e seus cabelos longos e soltos estivessem desgrenhados. Ele se perguntou como era possível uma moça tão bonita viver em local tão ermo e deplorável.

O homem velho lhe falou:

— Honrado senhor, o vilarejo mais próximo fica longe, e a neve cai sem trégua. O vento está cortante, a estrada é bastante ruim. Portanto, seguir em seu percurso esta noite seria provavelmente perigoso. Embora nosso casebre não esteja à altura de sua presença, e embora não tenhamos conforto para lhe oferecer, talvez fosse mais seguro permanecer aqui conosco, sob este teto pobre... Nós cuidaremos bem de seu cavalo.

Tomotada aceitou essa modesta oferta — em segredo, estava feliz pela oportunidade de continuar vendo a jovem menina. Em pouco tempo, uma simples porém generosa refeição foi posta à sua frente; e a menina apareceu por detrás da porta, vindo servir o vinho. Ela estava agora vestida com uma veste rústica porém asseada, de tecido caseiro; e seus cabelos longos e soltos tinham sido penteados. Quando ela se inclinou para lhe encher o copo, Tomotada impressionou-se: nunca vira beleza igual; e tamanho era o encanto da moça que cada um de seus movimentos o deixava atônito. Mas os mais velhos passaram a se desculpar, dizendo:

— Senhor, nossa filha, Aoyagi,^[1] foi criada aqui nas montanhas, quase sozinha; ela não conhece nada dos modos respeitosos. Esperamos que lhe perdoe a estupidez e ignorância.

Tomotada contestou, dizendo ter tido sorte por ser recebido por moça tão encantadora. Ele não conseguia parar de observá-la — embora visse que seu olhar de admiração a fazia enrubescer —, e a comida e o vinho postos à sua frente seguiram intocados. A mãe disse:

— Gentil senhor, gostaríamos muito que provasse ao menos um pouco dessa comida e dessa bebida; apesar de nossas provisões camponesas serem tão modestas, o senhor deve ter ficado gelado com o vento cortante.

Então, para agradar aos mais velhos, Tomotada bebeu e comeu tanto quanto pôde; e os encantos da menina enrubescida só pareciam aumentar a seus olhos. Ele conversou com Aoyagi, e percebeu que ela tinha uma fala tão doce quanto sua aparência. Pouco importava que houvesse sido criada nas montanhas; se fosse esse o caso, com certeza em algum momento seus pais haviam integrado o alto escalão, pois ela falava e se portava como uma donzela de certa nobreza. De repente, Tomotada se voltou para ela e recitou um poema — que também era uma pergunta —, inspirado pelo prazer que lhe vinha ao peito:

*Tadzunetsuru,
Hana ka tote koso,
Hi wo kurase,
Akenu ni otoru
Akane sasuran?*

[Estando a caminho de uma visita, encontrei algo que julguei ser uma flor: por isso, aqui eu passo o dia... Por que, no tempo que leva até o alvorecer, aquela luz enrubescer com a aurora? — Por quê, não sei dizer.]^[2]

Sem qualquer hesitação, ela lhe respondeu com esses versos:

*Izuru hi no
Honomeku iro wo*

Waga sode ni
Tsutsumaba asu mo
Kimiya tomaran

[Se com minha manga escondo a pálida e bela cor do sol nascente — é para que, quem sabe, meu senhor não se vá com a manhã.]^[3]

Com isso, Tomotada soube que ela aceitava sua admiração; e tamanho foi seu deleite com o sentido daquela resposta que ele nem chegou a se surpreender com o fato de que a jovem dominava a arte de traduzir sentimentos em versos. Ele agora tinha certeza de que jamais conheceria — muito menos teria para si — moça mais bonita ou sagaz do que a donzela rústica à sua frente; e uma voz em seu peito parecia gritar com urgência: “Aceite a sorte que os deuses puseram em seu caminho!”. Em resumo, estava enfeitiçado. E enfeitiçado a tal ponto que, sem titubear, perguntou aos mais velhos se eles concederiam a mão dela em casamento. Revelou a eles, além disso, seu nome e linhagem, e sua posição na corte do senhor de Noto.

Eles se curvaram, em meio a entusiasmadas exclamações de surpresa e gratidão. Mas passados alguns instantes em que parecia hesitar, o pai da menina respondeu:

— Honrado senhor, sua posição é demasiado elevada e é provável que cresça ainda mais. Grande demais é o favor que o senhor se digna a nos oferecer; de fato, é tão profunda nossa gratidão que nem sequer podemos expressá-la ou medi-la. Mas quanto a essa nossa menina, que não passa de uma camponesa rude, de berço vulgar, sem educação ou instrução de qualquer tipo, não seria certo se permitíssemos que ela passasse a ser a esposa de um nobre samurai. Nem sequer é correto falar de tal assunto... Mas, já que a garota é de seu agrado, e como o senhor se dignou a perdoar os modos dela, de menina do campo grosseira, nós nos contentamos em oferecê-la de presente ao senhor, como humilde serva. Aceite, portanto, tratá-la de agora em diante como bem aprouver a seu augusto entendimento.

Antes do amanhecer, a tempestade havia passado; e o dia raiou a leste, num céu sem nuvens. Mesmo que a manga de Aoyagi escondesse dos olhos de seu amante os tons daquele amanhecer, ele não podia

mais se demorar. Mas tampouco era capaz de se resignar a separar-se da menina; e, quando tudo estava pronto para sua partida, ele falou aos pais dela:

— Embora pareça ingratidão pedir mais do que já me oferecem, devo mais uma vez rogar que me permitam esposar essa jovem. Seria muito penoso separar-me dela agora; e, se ela aceitar me seguir, e se vocês permitirem, posso levá-la como está. Se a derem a mim, tratarei os senhores para sempre como pai e mãe... E, nesse meio-tempo, por favor aceitem esse parco agradecimento pela gentil hospedagem que me deram.

Assim dizendo, ele pôs diante de seus humildes anfitriões uma bolsa de *ryō* de ouro. Mas o velho, após prostrar-se muitas vezes, devolveu o presente, dizendo:

— Gentil mestre, este ouro de nada nos serviria; e é bem provável que o senhor necessite dele em sua longa e fria viagem. Aqui, não compramos nada; não teríamos com o que gastar, nem se quiséssemos... Quanto à garota, nós já a demos de presente: ela pertence ao senhor. Portanto, não é necessário nos pedir permissão para levá-la consigo. Ela já nos informou do desejo de acompanhá-lo e de ser sua serva pelo tempo que o senhor tolerar sua presença. Nada nos deixa mais contentes que saber que o senhor se digna a aceitá-la; e rezamos para que não se incomode por nossa causa. Aqui, nós não temos como oferecer roupas apropriadas para ela levar, muito menos um dote. Além disso, somos velhos, o que significa que em pouco tempo nós inevitavelmente acabaríamos por nos separar dela. Portanto, é muita sorte que o senhor tenha a boa vontade de levá-la consigo agora.

Foi em vão que Tomotada tentou persuadir os anciãos a aceitar o presente: eles não tinham o menor interesse pelo dinheiro. Mas o samurai percebeu que eles estavam ávidos por lhe confiar o destino da filha; ele logo decidiu levá-la consigo. Então a montou em seu cavalo e despediu-se dos velhos, com agradecimentos sinceros.

— Honrado senhor — o pai respondeu —, somos nós que devemos agradecer. Temos por certo que será gentil com nossa filha; e não temos qualquer preocupação com relação a ela.

[Nesse ponto, no original japonês há uma quebra esquisita no curso natural da narrativa, que segue, portanto, com inconsistências curiosas. Nada mais é dito a respeito da mãe de Tomotada, nem dos pais de Aoyagi, nem a respeito do *daimyō* de Noto. Fica evidente que a essa altura o autor se cansou do trabalho, e apressou a história com bastante descuido, até chegar ao final estarrecedor. Não sou capaz de suprir suas omissões, nem de consertar seus erros de construção; mas posso arriscar a inserção de certos detalhes explicativos, sem os quais o resto da história não se sustenta... Aparentemente, Tomotada levou Aoyagi consigo para Kyoto, sem prévias considerações, e enfrentou problemas por causa disso; mas nada é dito acerca do lugar em que o casal passou a viver dali em diante.]

... Acontece que não é permitido que um samurai se case sem o consentimento de seu senhor; e Tomotada não tinha como contar com essa aprovação antes de cumprir sua missão. Além disso, tinha razão em temer, sob essas circunstâncias, que a beleza de Aoyagi atraísse um tipo de atenção perigosa, e que alguém pudesse empenhar-se em roubá-la. Então, em Kyoto, tentou mantê-la longe de olhares curiosos. Um dia, porém, um subalterno do senhor Hosokawa a viu de relance e descobriu sua relação com Tomotada, e foi ao *daimyō* contar o que vira. Com base nisso, o *daimyō* — um jovem príncipe, chegado a rostos bonitos — deu ordens para que Aoyagi fosse levada ao palácio; e assim foi feito, de imediato e sem cerimônias.

A dor de Tomotada não cabia em palavras; e ele sabia que nada poderia fazer. Era apenas um humilde mensageiro a serviço de um *daimyō* distante; e, naquele momento, estava à mercê de outro *daimyō* muito mais poderoso, cujos desejos não poderiam ser questionados. Além disso, Tomotada sabia ter agido com insensatez — sabia que ele próprio tinha construído o caminho de sua desgraça ao estabelecer uma relação clandestina, condenável pelo código da classe militar. Não lhe restava senão uma última esperança — uma esperança desesperada: que Aoyagi pudesse e quisesse escapar e fugir com ele. Depois de muito refletir, ele decidiu que tentaria lhe enviar uma carta. Seria uma coisa arriscada, é claro: o que quer que escrevesse poderia

acabar caindo nas mãos do *daimyō*; e enviar uma carta de amor a uma cativa do palácio era uma ofensa imperdoável. Mas ele estava determinado a correr o risco; e, sob a forma de um poema chinês, escreveu uma carta e, em seguida, tramou para que ela a recebesse. O poema foi escrito com apenas vinte e oito ideogramas. Mas com não mais do que isso, ele foi capaz de exprimir a profundidade de sua paixão, e de dar a ver toda a dor de sua perda: ^[4]

*Kōshi ō-son gojin wo ou;
Ryokuju namida wo tarete rakin wo hitataru;
Komon hitotabi irite fukaki koto umi no gotoshi;
Kore yori shorō kore rojin.*

[De perto, bem de perto, o jovem príncipe agora persegue a moça resplandecente; as lágrimas da donzela já caíram e encharcaram seu vestido. Mas o augusto senhor que se apaixonou por ela ainda nutre um desejo fundo como o mar. Então sou apenas eu que estou desamparado — apenas eu, condenado a vagar sozinho.]

Na noite seguinte, Tomotada foi convocado à presença do senhor de Hosokawa. O jovem logo suspeitou que alguém o tivesse delatado; e se acaso o *daimyō* tivesse visto sua carta, Tomotada não teria nenhuma chance de escapar às mais severas punições. “Vai me condenar à morte”, ele pensou; “mas de que me importa a vida se Aoyagi não puder voltar para mim? E mais: se eu receber a sentença de morte, poderei tentar matar Hosokawa.” Ele prendeu a espada no cinturão e se apressou em ir ao palácio.

Ao entrar na sala de audiência, viu o senhor Hosokawa sentado em seu trono e rodeado de samurais do alto escalão, com vestes e acessórios cerimoniais. Todos quietos feito estátuas; e enquanto Tomotada avançava, obediente, o silêncio lhe parecia pesado e sinistro, como o que antecipa uma tempestade. Mas, súbito, Hosokawa desceu do trono e, tomando o jovem pelo braço, pôs-se a recitar as palavras do poema — *Kōshi ō-son gojin wo ou...* E Tomotada, elevando o olhar, viu que os olhos do príncipe estavam marejados.

Então Hosokawa disse:

— Já que vocês se amam tanto, tomo a liberdade de autorizar que se casem, arrogando-me o direito que cabe a meu primo, o senhor de Noto; e o casamento será celebrado diante de mim. Os convidados estão reunidos; as oferendas já foram preparadas.

Hosokawa fez um sinal e as portas que davam para os aposentos próximos foram abertas; e Tomotada viu, então, vários dos dignitários da corte, presentes para a cerimônia, e Aoyagi, que o aguardava, vestida de noiva... E assim ela foi devolvida a ele; e foi um casamento de esplendor e alegria; e o príncipe e os membros de seu palácio ofereceram ao jovem casal presentes inestimáveis.

Foram cinco os anos de felicidade que Tomotada viveu ao lado de Aoyagi. Até que certa manhã, enquanto conversava com o marido sobre um assunto doméstico qualquer, ela soltou um grito repentino de dor e ficou muito pálida e muito quieta. Passados alguns instantes, ela disse, com a voz fraca:

— Perdoe-me por ter gritado de modo assim grosseiro, mas a dor foi tão súbita! Meu querido esposo, nossa união deve ter sido realizada por obra de alguma relação cármica de um estado anterior da existência; e acredito que essa feliz ligação nos unirá novamente em mais de uma vida por vir. Mas, quanto à atual existência, a relação está terminada: estamos prestes a nos separar. Recite para mim, eu imploro, a reza *Nembutsu*, porque estou morrendo.

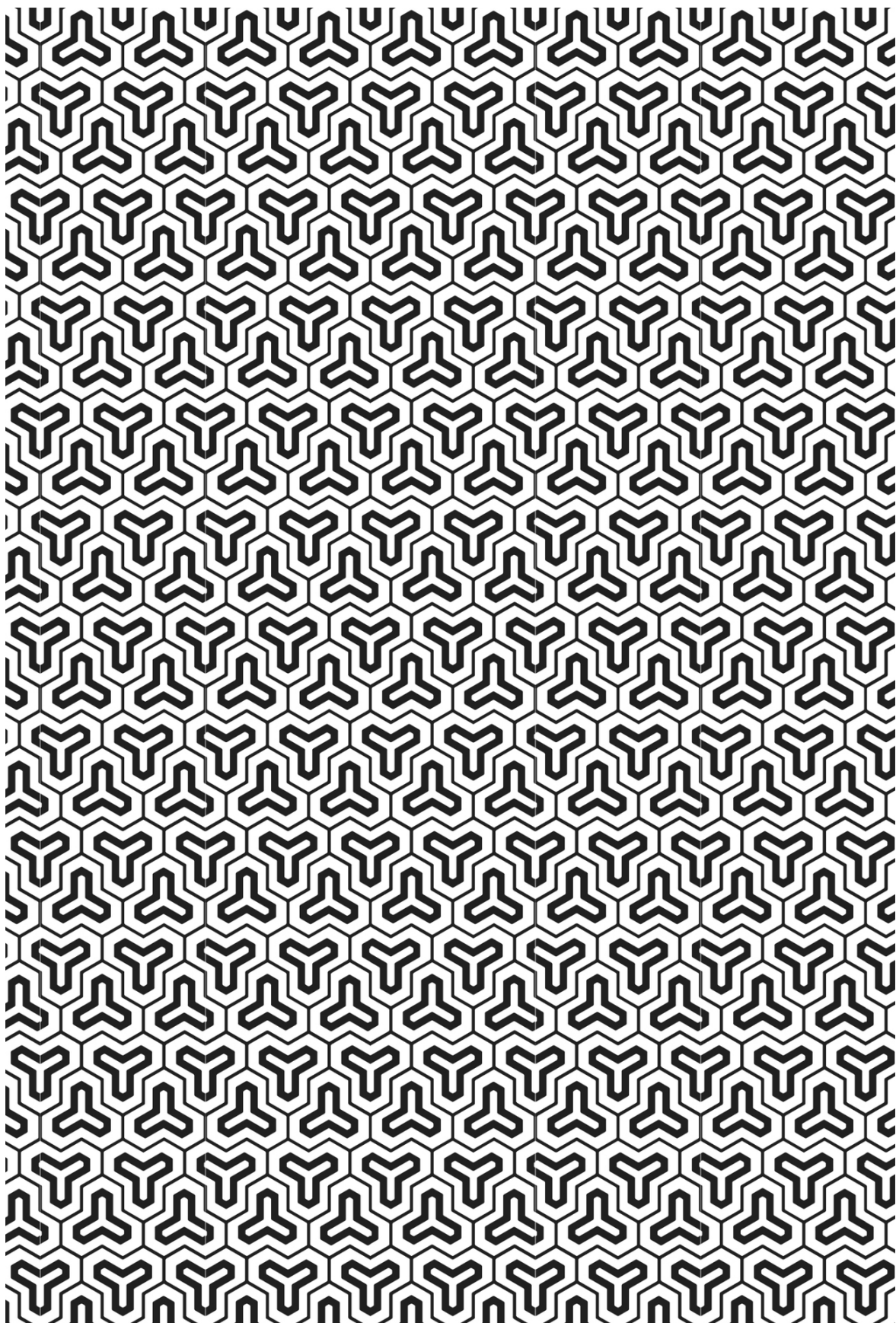
— Ah, que fantasias mais estranhas e malucas! — gritou o marido, assombrado. — Você apenas se sente um pouco mal, minha amada! Deite-se um instante e descanse; esse mal-estar vai passar...

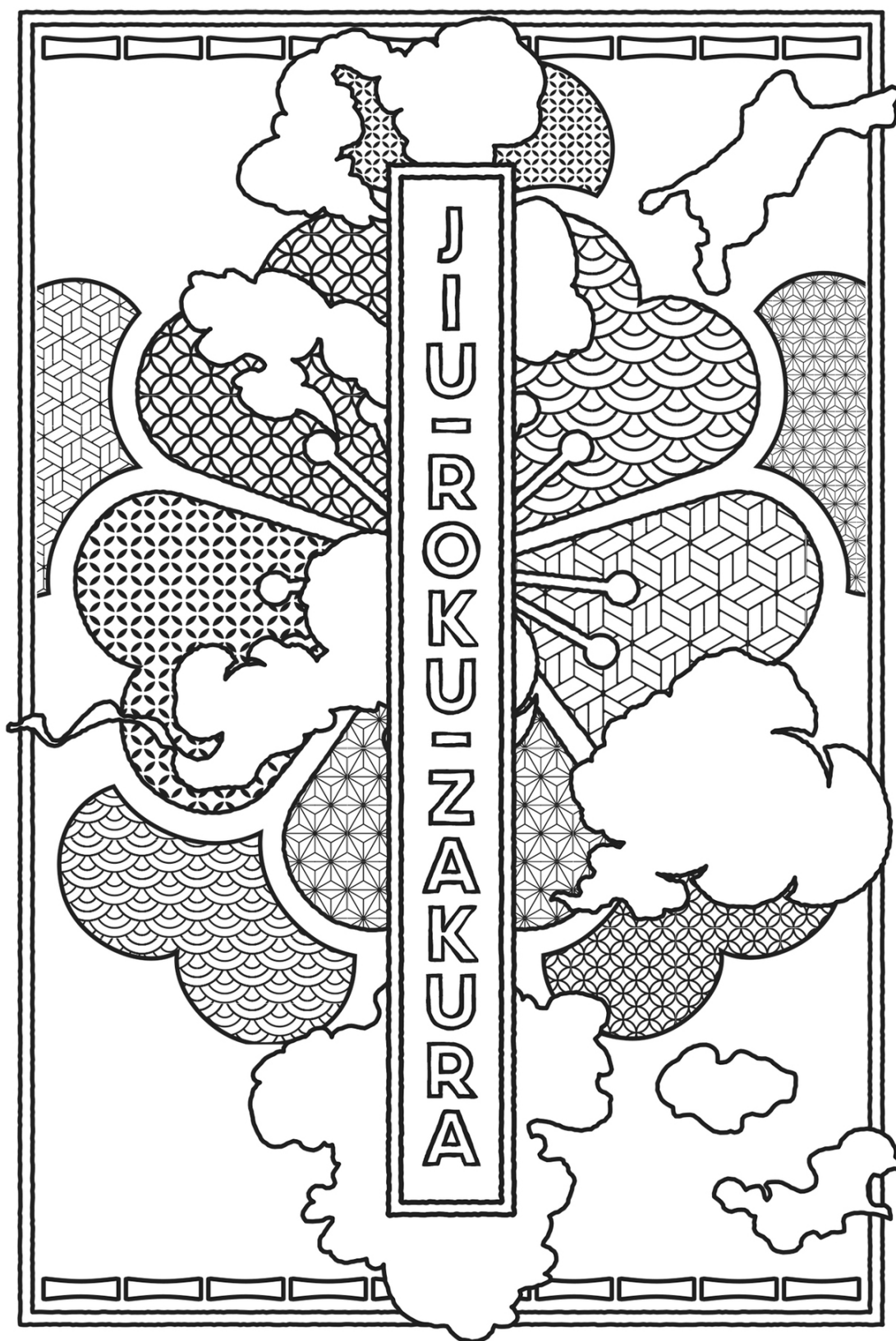
— Não, não! — ela respondeu. — Estou morrendo! Não estou imaginando coisas! Eu sei!... E seria inútil a essa altura, meu querido esposo, continuar escondendo de você a verdade: eu não sou um ser humano. A alma de uma árvore é a minha alma; o coração de uma árvore é o meu coração; a seiva do salgueiro é a minha vida. E alguém, neste instante cruel, está cortando minha árvore; e é por isso que devo morrer! Nem sequer tenho forças agora para chorar! Rápido, rápido, recite o *Nembutsu* para mim... rápido!... Ai...

E com outro grito de dor ela inclinou a bela fronte e tentou esconder o rosto com a manga. Mas no mesmo instante ela toda pareceu colapsar da maneira mais estranha, e afundar, caindo mais e mais, até o chão. Tomotada correu para segurá-la, mas não tinha o que segurar! No piso acolchoado, nada havia além dos vestidos vazios daquela bela criatura e dos ornamentos que ela havia usado no cabelo: o corpo deixara de existir.

Tomotada raspou a cabeça, fez os votos budistas e se tornou um monge itinerante. Viajou por todas as províncias do império; e, em cada um dos lugares sagrados que visitou, ofereceu orações pela alma de Aoyagi. Ao chegar a Echizen, em meio à sua peregrinação, buscou o lar dos pais de sua amada. Mas quando alcançou aquele local ermo em meio às montanhas, onde antes ficava a casa deles, descobriu que a casa havia desaparecido. Não havia rastro dela no lugar em que estivera, com exceção de três tocos de salgueiros — duas árvores velhas e uma jovem — que haviam sido cortados muito antes de sua atual visita.

Ao lado dos tocos dos salgueiros, ele ergueu uma lápide, gravada com diversos textos sagrados; e ali realizou muitos rituais budistas pelos espíritos de Aoyagi e de seus pais.





*Uso no yona —
Jiu-roku-zakura
Saki ni keri!*[\[1\]](#)

EM WAKEGŌRI, distrito da província de Iyo, existe uma famosa cerejeira, extremamente antiga, chamada *Jiu-roku-zakura*, ou “A cerejeira do décimo sexto dia”, porque floresce todo ano no dia dezesseis do primeiro mês (segundo o antigo calendário lunar) — e nunca em outro dia. Assim, ela floresce no Grande Frio — embora o hábito natural das cerejeiras seja esperar a primavera antes de se arriscar a florir. Mas a *Jiu-roku-zakura* desabrocha com uma vida que não é — ou, ao menos, não era a princípio — a dela. Dentro da árvore vive o fantasma de um homem.

Era um samurai de Iyo; a árvore crescia em seu jardim e ela costumava florescer na época habitual — isto é, entre o fim de março e o começo de abril. Quando criança, o homem havia brincado sob a árvore; e seus pais, avós e ancestrais, ano após ano, por mais de século, haviam pendurado em seus galhos floridos fitas de papel, coloridas e vibrantes, que traziam poemas de exaltação. O homem viveu até ficar bem velho — sobreviveu a todos os filhos, e não lhe restou nada para amar a não ser aquela árvore. E eis que, no verão de um ano qualquer, a árvore secou e morreu!

O velho chorou amargamente. Até que alguns vizinhos gentis lhe levaram uma cerejeira jovem e viçosa, e a plantaram em seu jardim — esperavam, com isso, consolá-lo. E ele lhes agradeceu e fingiu estar contente. Mas, no fundo, seu coração era só dor — ele amava tanto aquela velha árvore que nada poderia suplantá-la.

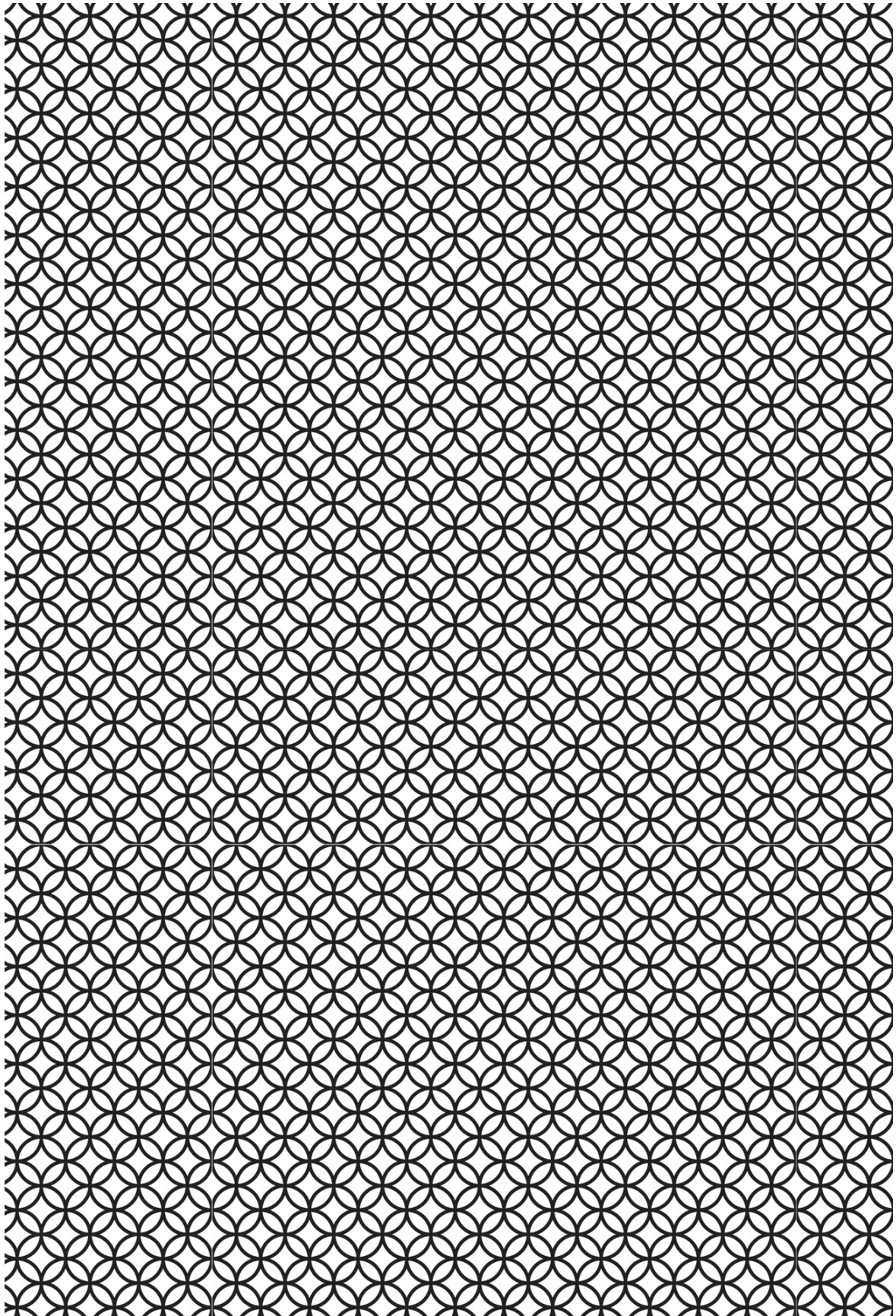
Até que, finalmente, lhe ocorreu uma ideia feliz: lembrou-se da maneira como uma árvore pode ser recuperada, mesmo à beira da morte. (Era o décimo sexto dia do primeiro mês.) Sozinho, foi até o jardim e curvou-se diante da árvore seca, e lhe disse:

— Aceite agora, eu imploro, florescer mais uma vez, porque vou morrer em seu lugar.

[Pois acredita-se que é de fato possível dar a própria vida a outra pessoa ou criatura, ou até mesmo a uma árvore, desde que os deuses o permitam — transferir a própria vida de tal maneira é o que a expressão *migawari ni tatsu* descreve: “agir como um substituto”.]

Então o homem estendeu um pano branco sob a árvore e, sobre ele, dispôs cobertas e mantas, e sentou; e executou o *hari-kiri*, como um samurai. E seu fantasma penetrou a árvore e ela floresceu naquele mesmo momento.

E ainda hoje ela floresce todo ano no décimo sexto dia do primeiro mês, durante a estação das neves.





NO DISTRITO TOICHI, da província Yamato, havia um *gōshi* chamado Miyata Akinosuke... [Aqui, devo contar que, no Japão feudal, existia uma classe privilegiada de soldados-proprietários rurais — livres-proprietários — correspondente aos *yeomen* da Inglaterra; e que eram chamados de *gōshi*.]

No jardim de Akinosuke havia um cedro antigo, muito grande, sob o qual ele costumava descansar nos dias de calor. Numa tarde especialmente abafada, sentado à sombra dessa árvore com dois amigos — que também eram *gōshi* —, conversando e bebendo vinho, ele de repente foi invadido por uma sonolência profunda, tão profunda que pediu licença aos amigos para dormir um pouco ali mesmo. Então ele se esticou ao pé da árvore e sonhou o seguinte sonho:

Ali deitado no jardim, acreditou ver uma procissão, como a corte de um grande *daimyō*, descer o morro vizinho; ele se levantou e foi olhar. Era de fato uma enorme procissão — mais imponente do que qualquer outra que já houvesse visto — e vinha na direção de sua casa. Ele observou, na vanguarda, uma série de homens — jovens e paramentados de modo luxuoso — que puxavam uma grande carruagem nobre laqueada, ou *gosho-guruma*, drapeada de sedas azuis-claras. A procissão chegou até bem perto da casa, e então parou; e um homem ricamente vestido — tratava-se de um sujeito de alto gabarito, sem dúvida — destacou-se dos outros e se aproximou, curvando-se com profundo respeito diante de Akinosuke. Então falou:

— Honrado senhor, o senhor tem diante de si um *kerai* [vassalo] do *kokuō* de Tokoyo.^[1] Meu mestre, o rei, me ordenou saudá-lo em seu augusto nome e ficar à sua completa disposição, pronto a atender qualquer desejo seu. Ele também me pede que eu informe ao senhor

que ele requer augustamente sua presença no palácio. Queira por gentileza adentrar agora mesmo esta honrada carruagem, enviada para transportá-lo.

Ao ouvir essas palavras, Akinosuke quis responder à altura, mas seu assombro e vergonha o impediam de falar; e naquele instante foi como se toda sua vontade se dissolvesse, e só lhe restava obedecer ao *kerai*. Entrou na carruagem; o *kerai* sentou a seu lado e fez um sinal aos carregadores, que, erguendo as cordas de seda, manobraram o grande veículo em direção ao sul — e a jornada começou.

Em pouquíssimo tempo, e para espanto de Akinosuke, a carruagem parou diante de um imenso *rōmon* [portal de dois andares], à moda chinesa, como ele nunca havia visto. O *kerai* desceu, dizendo:

— Vou anunciar a honrada visita — e desapareceu.

Akinosuke esperou algum tempo, e então viu se aproximarem dois homens de aparência nobre, vestindo as túnicas de seda púrpura e os chapéus altos que indicam uma posição superior. Após o saudarem respeitosamente, eles o ajudaram a descer da carruagem e o acompanharam, passando pelo portal e através de um vasto jardim, até a entrada de um palácio cuja frente parecia se estender por quilômetros, a leste e a oeste. Ele foi então conduzido a um salão extraordinariamente grande e esplendoroso. Seus guias o levaram ao lugar de honra, e sentaram a uma distância respeitosa; ao mesmo tempo, vieram criadas, em vestes cerimoniais, com bebidas. Quando Akinosuke terminou de beber, os dois vassalos de vestes púrpura fizeram uma profunda reverência diante dele, a quem se dirigiram com as seguintes palavras — em falas alternadas, de acordo com a etiqueta da corte:

— É agora nosso honrado dever informar-lhe... os motivos pelos quais o trouxemos até aqui... Nosso mestre, o rei, augustamente deseja fazê-lo seu genro... e é da vontade dele, e ele ordena, que o senhor se case hoje mesmo... com a augusta princesa, sua jovem filha... Nós logo o conduziremos à sala de audiências... onde sua augusta majestade o aguarda neste mesmo instante... Mas antes será preciso vesti-lo... com os trajes adequados à cerimônia.^[2]

Assim falaram e, juntos, puseram-se em pé e se dirigiram a um aposento onde havia um grande baú de laca dourada. Abriram-no e dele tiraram cinturões e vestes de ricos materiais, e uma *kamuri*, a tiara régia. Vestiram Akinosuke à altura de um noivado principesco e então o conduziram à sala de audiências, onde ele viu o *kokuō* de Tokoyo sentado sobre o *daiza*,^[3] com o chapéu preto dos governantes e os trajes de seda amarela. Diante do *daiza*, uma multidão de dignitários se espalhava por ordem de hierarquia, à esquerda e à direita, imóveis e esplêndidos como imagens em um templo; e Akinosuke, avançando em meio a eles, saudou o rei com três prostrações, como era o costume. O rei o recebeu com palavras graciosas e disse:

— Já o informaram do motivo de ter sido convocado à Nossa presença. Decidimos que deverá ser o marido de nossa única filha. E a cerimônia de casamento terá início agora.

Tão logo o rei terminou de falar, o som de uma música alegre se fez ouvir; e um longo séquito de lindas e nobres mulheres apareceu de trás de uma cortina, e acompanhou Akinosuke até o aposento onde sua noiva o aguardava.

O aposento, embora imenso, mal podia conter a multidão de convidados para a cerimônia. Todos se curvaram quando Akinosuke, em frente à filha do rei, se ajoelhou na almofada que lhe era destinada. A noiva parecia uma donzela dos céus, e seu vestido era belo como um dia de verão. E foi grande o regozijo com que se celebrou o casamento.

Em seguida os noivos foram conduzidos a uma série de aposentos preparados para eles, em outra parte do palácio; e lá eles receberam os cumprimentos de muitas pessoas nobres, e presentes a perder de vista.

Alguns dias depois, Akinosuke foi de novo convocado à sala do trono. Dessa vez, o rei o recebeu com ainda mais magnanimidade e lhe disse:

— Na região sudoeste de nosso domínio, há uma ilha chamada Raishū. Nós agora o indicamos governador dessa ilha. O senhor verá que o povo é leal e dócil, mas suas leis ainda não estão conformes às leis de Tokoyo; e os hábitos locais ainda não foram regulados como se

deve. Confiamos ao senhor o dever de melhorar a condição social da ilha tanto quanto for possível; e desejamos que os governe com bondade e sabedoria. Todos os preparativos necessários para sua viagem a Raishū já foram feitos.

Então Akinosuke e sua esposa partiram do palácio de Tokoyo, acompanhados até a praia pelo grande séquito de nobres e oficiais; e embarcaram num navio do governo, providenciado pelo rei. E, com ventos favoráveis, viajaram em segurança até Raishū, e viram que o bom povo da ilha havia se reunido na orla para recebê-los.

Akinosuke logo foi encarar seus deveres, e eles provaram ser fáceis. Durante os primeiros três anos de governo, ele se ocupou sobretudo da concepção e instalação das novas leis; estava cercado de sábios conselheiros que o ajudavam, e o trabalho jamais era desagradável. Quando tudo ficou pronto, ele já não tinha mais deveres, além de comparecer aos rituais e cerimônias previstos pelos costumes de então. O país estava tão sadio e fértil que em Raishū não se conhecia doença ou escassez; e as pessoas eram tão boas que lei alguma jamais era transgredida. E Akinosuke viveu e governou por mais vinte anos — e foram, ao todo, vinte e três anos de estadia, ao longo dos quais não houve sequer sombra de dor em sua vida.

Mas no vigésimo quarto ano, uma grande desgraça o atingiu: sua esposa, que havia gerado sete filhos — cinco meninos e duas meninas — adoeceu e morreu. Foi enterrada, com pompa, no topo de um lindo monte no distrito de Hanryōkō; e seu túmulo foi encimado por um magnífico monumento. Akinosuke ficou tão desolado que já não queria mais viver.

Terminado, porém, o período de luto oficial, vindo do palácio de Tokoyo chegou a Raishū um *shisha*, ou mensageiro real, com uma mensagem de pêsames e um comunicado:

— Estas são as palavras que nosso augusto mestre, o rei de Tokoyo, ordena que eu lhe transmita: “Nós agora o enviaremos de volta a seu país e seu povo. Quanto às sete crianças, são os netos e netas do rei, e

serão tratadas como tais. Não permita, portanto, que sua mente se preocupe com elas”.

Ao receber essa incumbência, Akinosuke submeteu-se aos preparativos para o retorno. Quando se resolveram todos os assuntos e concluiu-se a cerimônia de despedida de seus conselheiros e oficiais de confiança, ele foi escoltado com grandes honrarias até o porto. Lá, embarcou no navio que fora enviado; e o navio cruzou mares azuis sob um céu azul; e o contorno da ilha de Raishū também ficou azul, e então cinza, e então desapareceu para sempre... e de repente Akinosuke acordou — sob o cedro em seu jardim!

Por um instante ficou sem reação, atônito. Mas logo notou que os dois amigos estavam sentados perto dele — bebendo e conversando alegremente. Ele os olhou de uma expressão aturdida, e deixou escapar:

— Que estranho!

— Akinosuke devia estar sonhando — um deles falou, rindo. — O que você viu, Akinosuke, de tão estranho?

Então Akinosuke lhes contou seu sonho — o sonho da estadia de vinte e três anos no reino de Tokoyo, na ilha de Raishū — e eles ficaram perplexos, porque ele só havia adormecido por poucos minutos.

Um dos *gōshi* falou:

— De fato, você viu coisas estranhas. Nós também vimos algo estranho enquanto você cochilava. Uma pequena borboleta amarela pairou acima de seu rosto por um momentinho, e nós a observamos. Então ela pousou na terra ao seu lado, perto da árvore, e tão logo ela pousou, uma formiga grande, muito grande, saiu de um buraco e a apanhou, levando-a para dentro da terra. Um instante antes de você acordar, vimos a mesma borboleta sair do buraco e voar mais uma vez sobre seu rosto. E então ela desapareceu no ar: não sabemos para onde foi.

— Talvez fosse a alma de Akinosuke — disse o outro *gōshi*. — Eu bem vi quando ela entrou em sua boca... Mas mesmo que se tratasse, realmente, da alma de Akinosuke, isso não explicaria o sonho que ele teve.

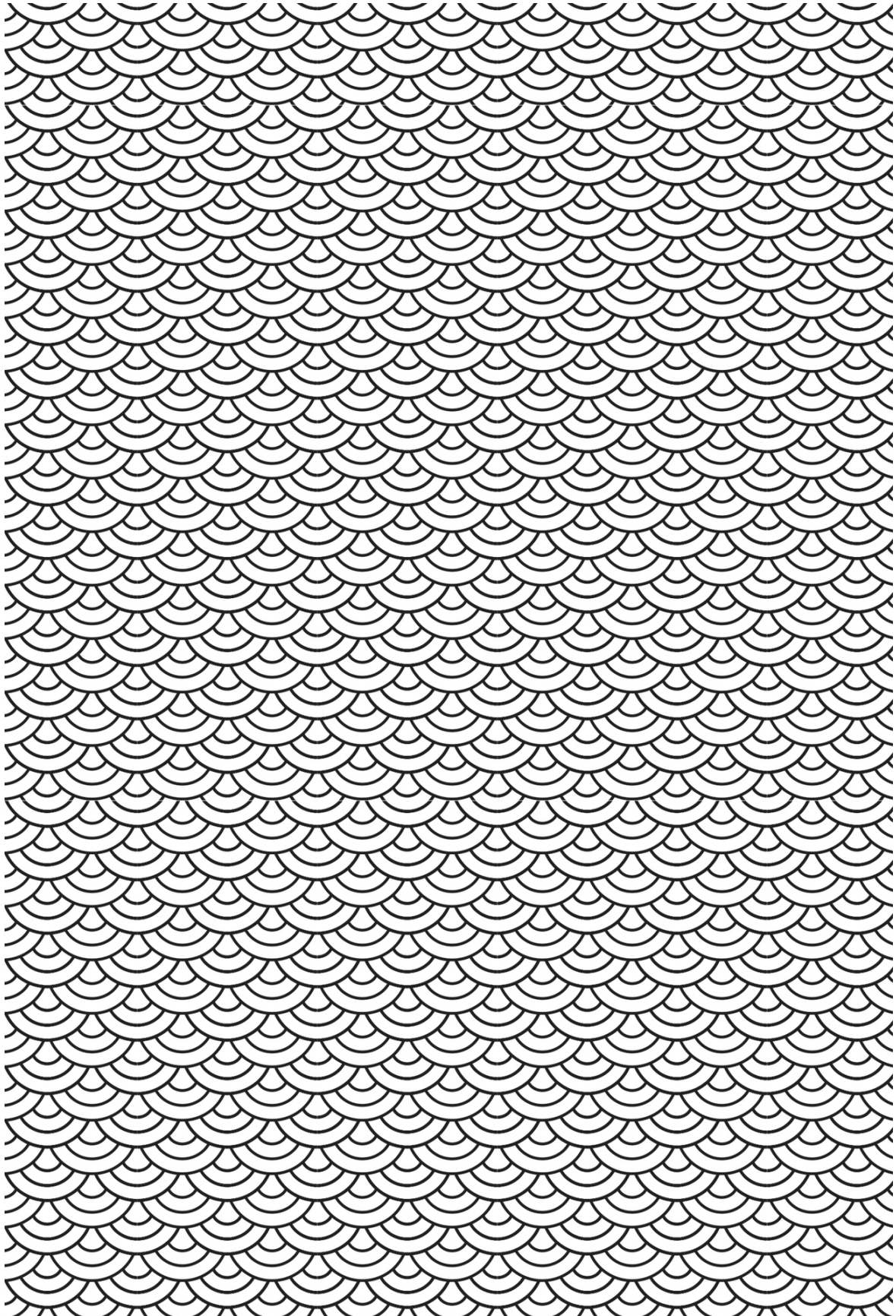
— Talvez as formigas expliquem — retrucou o primeiro. — Elas são criaturas esquisitas, talvez sejam *goblins*... Seja como for, há um grande formigueiro debaixo daquele cedro...

— Vamos ver! — exclamou Akinosuke, agitado com a sugestão. E foi buscar uma pá.

Descobriram que a terra ao redor e sob o cedro já havia sido escavada, de maneira muito surpreendente, por uma prodigiosa colônia de formigas. Elas, além disso, haviam feito construções dentro das escavações; e suas minúsculas obras de palha, lama e galhos eram curiosamente parecidas com cidades em miniatura. No meio de uma estrutura maior que o resto, havia uma maravilhosa colônia de pequenas formigas que rodeavam uma formiga maior, com asas amarelas e uma grande cabeça preta.

— Mas como? É o rei do meu sonho! — exclamou Akinosuke. — E esse é o palácio de Tokoyo!... Que fantástico!... Raishū deve estar em algum local a sudoeste, à esquerda daquela grande raiz... Sim! Aqui está!... Que coisa mais bizarra! Agora tenho certeza de que saberei encontrar a montanha de Hanryōkō, e o túmulo da princesa...

Nos destroços do formigueiro, ele buscou e buscou, até que descobriu um montículo, no topo do qual havia uma pedrinha bastante gasta, com um formato que se assemelhava a um monumento budista. Embaixo dela, envolta em argila, ele encontrou o corpo morto de uma formiga-fêmea.





SEU NOME ERA RIKI, que significa “força”, mas as pessoas o chamavam de Riki-o-Simples, ou Riki-o-Tolo — “Riki-Baka” —, porque ele viera ao mundo em estado de infância perpétua. Por esse mesmo motivo, tratavam-no com gentileza — até mesmo quando ele ateou fogo numa casa ao encostar um fósforo aceso num mosquiteiro e, em seguida, alegre, aplaudir as chamas. Aos dezesseis anos, era um rapaz alto e forte; sua mente, porém, estacionara na feliz idade de dois anos, e, portanto, ele ainda brincava com as crianças pequenas. As mais velhas, de quatro a sete anos, não queriam brincar com ele, porque ele não conseguia acompanhar as cantigas nem os jogos. Seu brinquedo favorito era uma vassoura, que ele usava como cavaleiro; e passava horas montado nela, subindo e descendo o morro em frente à minha casa, divertindo-se com admiráveis gargalhadas. No entanto, passado algum tempo, o barulho dele começou a me incomodar; e precisei pedir que encontrasse outro lugar para suas brincadeiras. Riki se curvou em postura de submissão e partiu — arrastando sua vassoura com tristeza. Sempre dócil, sempre perfeitamente inofensivo — desde que não o deixassem brincar com fogo —, ele raras vezes dava motivos para reclamação. Sua relação com o dia a dia de nossa rua era quase idêntica à de uma galinha ou cachorro; e quando ele enfim desapareceu, não cheguei a dar por falta. Meses e mais meses passaram até que um acontecimento qualquer me trouxesse a lembrança dele.

— Que fim levou Riki? — perguntei ao velho lenhador que abastece nosso vilarejo. Havia me lembrado de que Riki muitas vezes o ajudava a carregar os feixes de lenha.

— Riki-Baka? — perguntou o velho homem. — Ah, o pobre do Riki morreu... coitado! Sim, faz quase um ano, e foi de repente; os médicos disseram que era alguma doença no cérebro. Agora corre uma história muito estranha sobre ele.

“Quando Riki morreu, sua mãe escreveu seu nome, ‘Riki-Baka’, na palma da mão esquerda dele — grafando ‘Riki’ com o ideograma chinês, e ‘Baka’ em *kana*.^[1] E ela rezou repetidas vezes por ele — orações para que ele pudesse renascer numa condição mais feliz.

“Agora, há cerca de três meses, na honrada residência de Nanigashi-sama, em Kōjimachi, um garoto nasceu com ideogramas inscritos na palma da mão esquerda; e estavam perfeitamente legíveis: ‘Riki-Baka’!

“Assim, as pessoas daquela casa souberam que o nascimento só poderia ter ocorrido em resposta às orações de alguém; e mandaram mensageiros perguntar por toda parte. Até que, finalmente, um feirante deu a dica de que costumava existir um menino simples, chamado Riki-Baka, que vivia no bairro Ushigome, e que havia morrido no outono anterior; e então enviaram dois criados à procura da mãe de Riki.

“Os criados encontraram a mãe e lhe contaram do ocorrido; e ela ficou numa felicidade que dava gosto — pois a casa de Nanigashi era muito rica e famosa. Mas os criados disseram que a família de Nanigashi-sama ficou furiosa ao ver a palavra ‘baka’ inscrita na mão da criança.

“E os criados lhe perguntaram onde estava enterrado seu filho.

“E ela lhes disse que ele estava no cemitério de Zendōji.

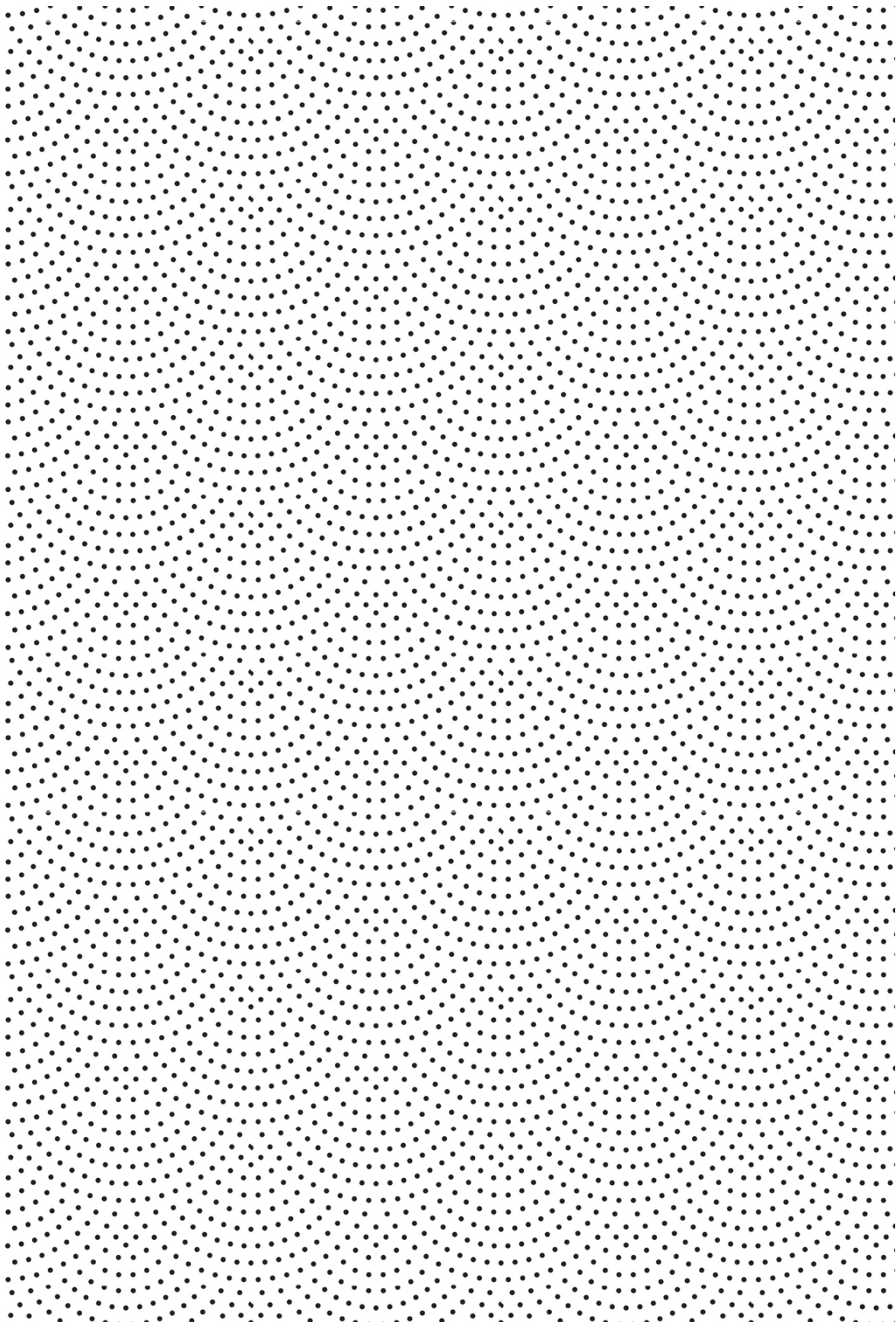
“Então os criados pediram que por favor ela lhes desse um pouco da argila do túmulo dele.

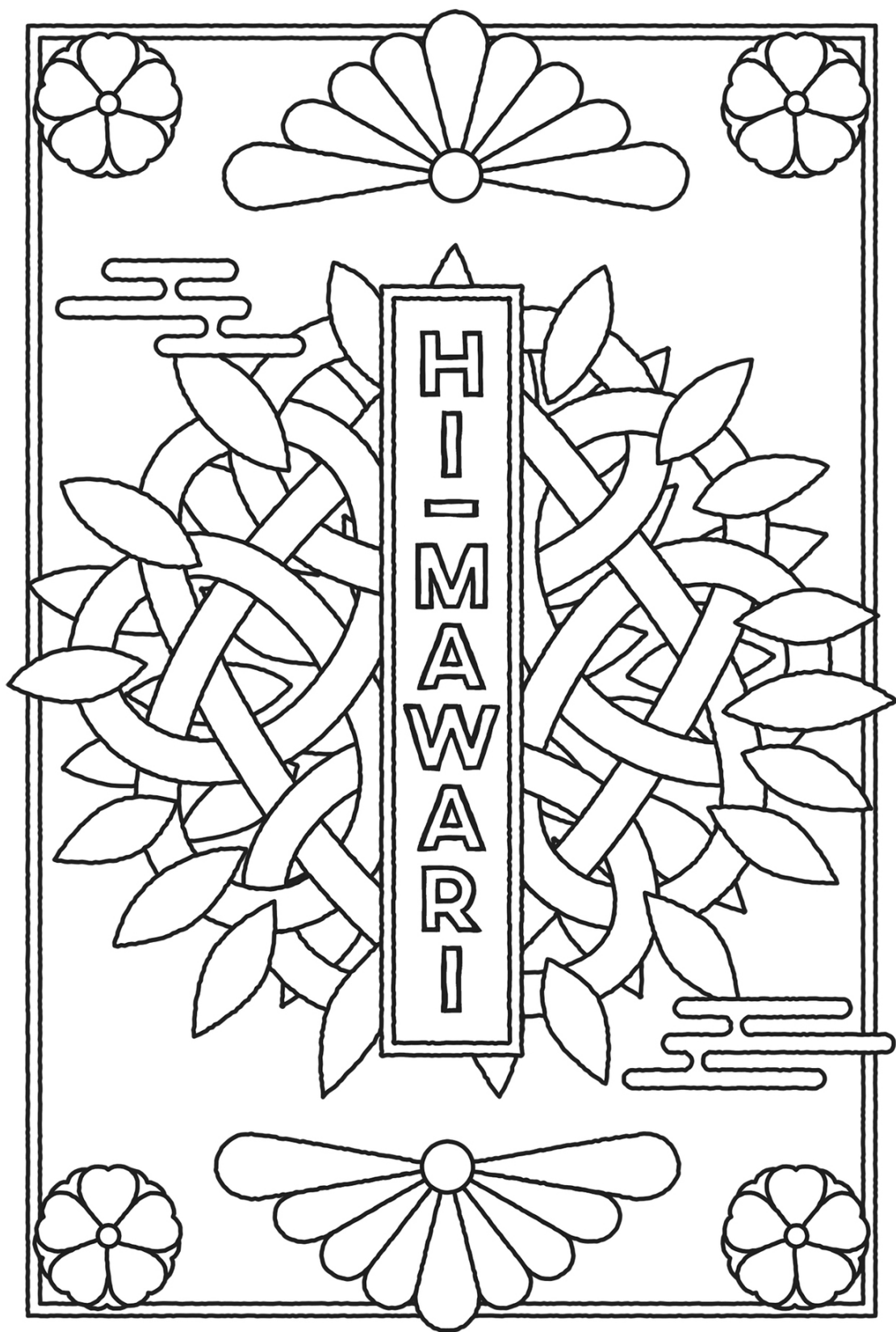
“Então ela foi com eles até o templo Zendōji e lhes mostrou o túmulo de Riki; e eles pegaram um tanto da argila do túmulo e a levaram, embrulhada num *furoshiki*...^[2] E deram à mãe de Riki um pouco de dinheiro — dez ienes...”

— Mas o que eles queriam com a argila? — perguntei.

— Bem — disse o velho —, você entende que não seria correto deixar a criança crescer com aquele nome na mão. E não existe outro

jeito de apagar ideogramas que surgem dessa maneira no corpo de uma criança: *É preciso esfregar a pele com a argila retirada do túmulo onde está o corpo do nascimento anterior.*





NO MORRO CHEIO DE ÁRVORES ATRÁS DA CASA, Robert e eu procuramos círculos de fadas. Ele tem oito anos, é uma criança graciosa e muito esperta; eu acabei de fazer sete — e idolatro Robert. É um dia de agosto ensolarado, glorioso; e o ar quente carrega um aroma doce e penetrante de resina.

Não encontramos círculos de fadas, mas um bom tanto de pinhas caídas na grama... Conto para Robert a velha história galesa do homem que adormeceu, sem saber, dentro de um círculo de fadas, e então ficou desaparecido por sete anos; e, depois de ser liberto por seus amigos, parou de falar e de comer.

— Eles só comem as pontas das agulhas, sabia? — disse Robert.

— Eles quem? — perguntei.

— Os *goblins* — ele respondeu.

Fico mudo, tamanho o espanto e a admiração diante dessa descoberta... Mas Robert de repente grita:

— Olha ali um harpista! Está indo na direção da casa!

E nós corremos morro abaixo para ouvir a harpa... Mas que harpista era aquele! Não era como os menestréis caquéticos dos livros ilustrados. Era um viajante de pele morena, parrudo e desgrenhado, com olhos pretos e desafiadores sob sobrancelhas pretas e franzidas. Estava mais para pedreiro do que bardo — e suas roupas eram de veludo canelado!

— Será que ele vai cantar em galês? — sussurrou Robert.

Estou decepcionado demais para comentar. O harpista apoia a harpa — instrumento enorme — em nossa soleira, faz soar todas as cordas com uma passada de seus dedos imundos, limpa a garganta de

um pigarro e começa: “Acredite, se todas as jovens graças admiráveis,/ Que, hoje, com tanto gosto eu vejo...”.^[1]

O sotaque, a postura, a voz me encham de uma repulsa para a qual não tenho palavras — são como um golpe de vulgaridade terrível. Tenho vontade de gritar: “Que direito você tem de cantar essa canção?!”. Pois já a escutei dos lábios do ser mais doce e adorável do meu pequeno mundo; e que esse homem grosseiro e rude ouse cantá-la me ofende, como se zombasse de mim — é uma espécie de insolência que me atinge. Mas por um instante apenas! Com as sílabas de *to-day*, aquela voz grave e sinistra deságua numa sutileza trêmula e indescritível; em seguida, ela se transforma maravilhosamente e suaviza em tons sonoros e ricos como o baixo de um grande órgão, enquanto experimento uma sensação diferente de qualquer outra que já tenha conhecido, e me deixa com um nó na garganta... Que feitiço é esse que ele conhece? Que segredo ele descobriu — esse viandante carrancudo? Ah, será que alguém mais no mundo é capaz de cantar como ele?... E a forma do cantor tremeluz e começa a ficar turva; e a casa, e o gramado, e todas as coisas visíveis estremecem e nadam à minha frente. E tenho um medo instintivo desse homem — quase o detesto; e me sinto vermelho de raiva e vergonha por ele ser capaz de me comover a tal ponto...

— Ele te fez chorar — diz Robert, com compaixão, o que só me deixa mais confuso, enquanto o harpista se afasta, seis centavos mais rico que antes, e sem dizer obrigado... — Mas acredito que ele seja um cigano. Os ciganos são gente ruim e, além disso, são todos bruxos... vamos voltar para o bosque.

Subimos mais uma vez até onde estão as pinhas, nos acoramos na grama salpicada de sol e olhamos no horizonte a cidade e o mar. Mas não brincamos como antes: o feitiço do bruxo pesa sobre nós.

— Talvez ele seja um *goblin* — eu enfim arrisco. — Quem sabe uma fada?

— Não — diz Robert —, apenas um cigano. Mas isso é quase tão ruim. Eles roubam crianças, sabia?...

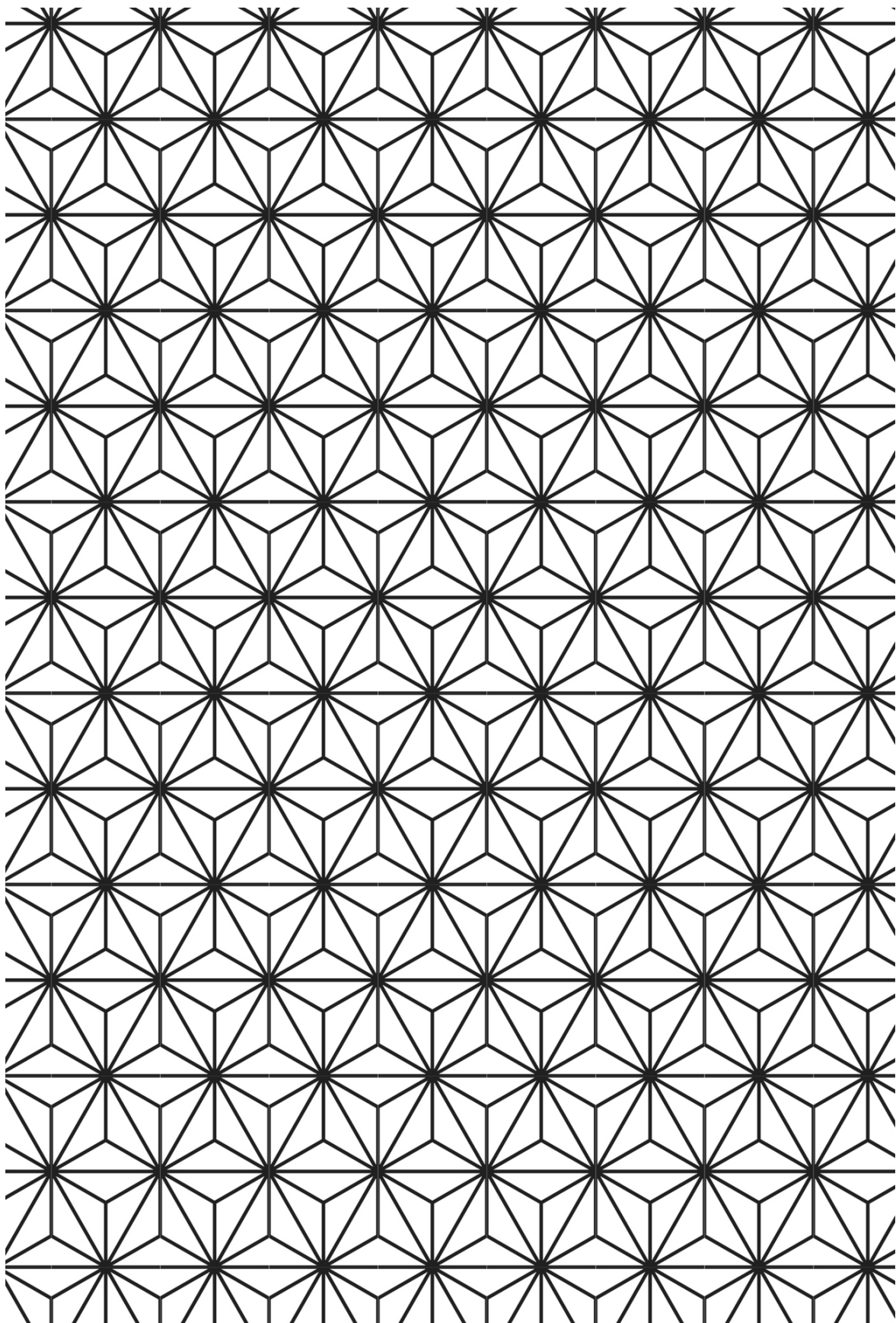
— O que faremos se ele vier até aqui? — deixo escapar, tomado de pavor diante da solidão em que nos encontramos.

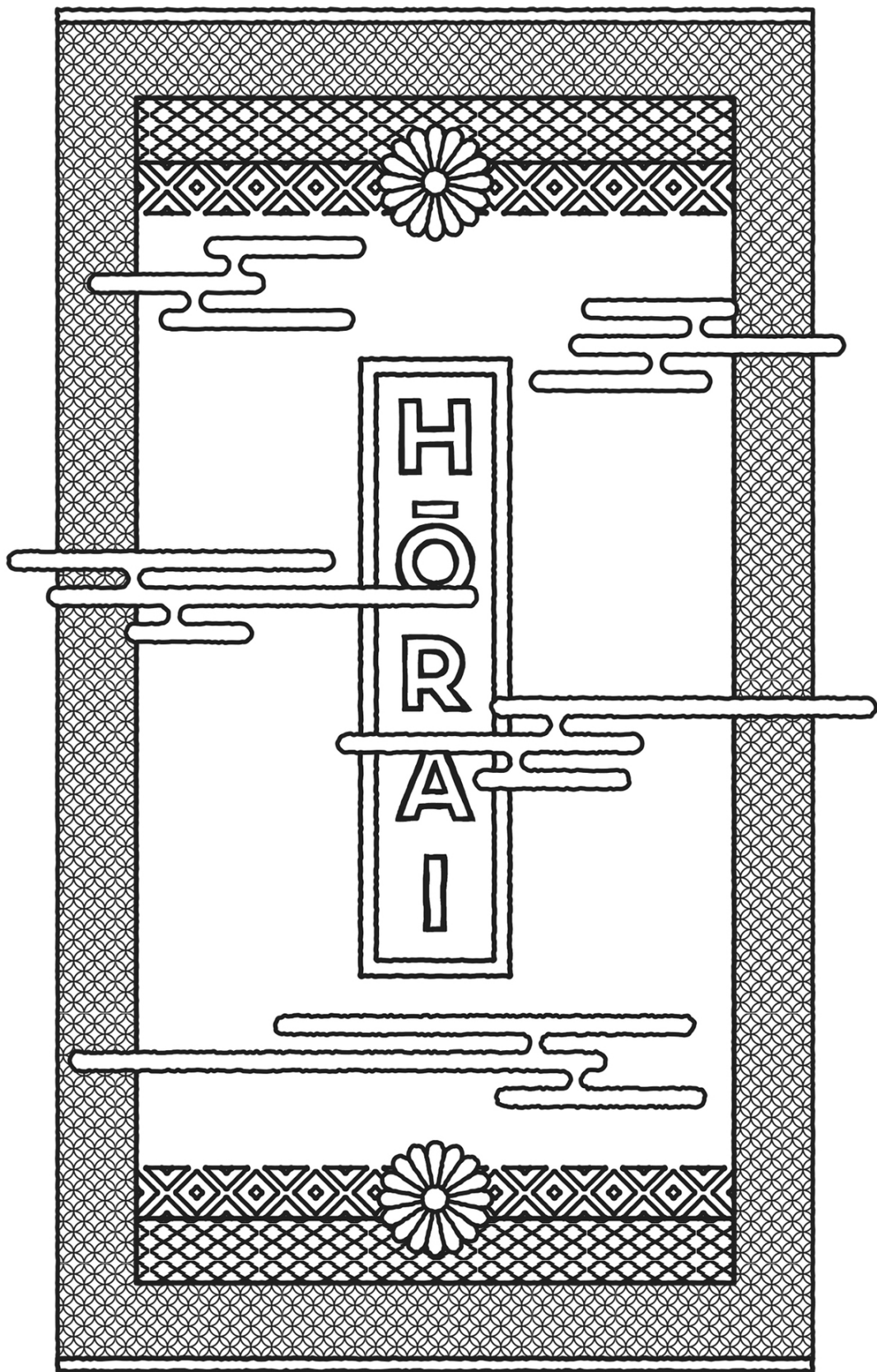
— Ah, ele jamais ousaria — responde Robert. — Não à luz do dia, sabe.

[Ontem mesmo, próximo ao vilarejo de Takata, vi uma flor que os japoneses chamam por um nome quase idêntico ao que ela tem em inglês: *Hi-mawari*, “A que gira com o sol”; e a voz daquele harpista viajante atravessou num instante de susto o espaço de quarenta anos:

*Como o girassol gira em torno de seu deus, quando ele se põe,
E mostra a mesma cara que mostrara quando ele nasceu.* [2]

Mais uma vez, vi as sombras salpicadas de raios de sol naquele morro distante do País de Gales; e Robert de novo a meu lado, com seu rosto feminino e seus cachos dourados. Estávamos procurando círculos de fadas... Mas tudo isso existiu, e há muito Robert deve ter sofrido uma transformação marinha, tornando-se algo estranho e interessante... [3]
Maior amor que este não há: que um homem abra mão da própria vida por um amigo...]





A VISÃO AZUL DO MAIS FUNDO perdida no mais alto — céu e mar misturados na mesma névoa de luz. É um dia de primavera, e ainda é manhã.

Céu e mar e nada mais. Um imenso índigo... Em primeiro plano, as ondas refletem uma luz prateada, e a espuma desenha linhas que giram e giram. Mas um pouco além não se vê nenhum movimento, não se vê coisa alguma além de cor: o azul quente e indistinto das águas é alargado até se dissolver no azul do ar. O horizonte não existe: tudo é só distância que se lança no espaço — a curva infinita se desenha à nossa frente e se dobra em arco imenso sobre nós — quanto mais alto, mais azulado é o azul. Mas muito longe, no azul-médio, você vê os contornos quase imperceptíveis das torres de um castelo, com telhados que parecem luas crescentes — é a sombra de um esplendor estranho e antigo, iluminado por um sol tão suave quanto o da memória.

Isso que estou tentando descrever é um *kakemono* — ou uma pintura japonesa feita em seda, pendurada na parede do meu quarto; seu nome é *Shinkiro*, que significa “miragem”. Mas as formas da miragem são inconfundíveis. Ali estão os portais cintilantes de Hōrai, a abençoada; e aqueles são os muitos telhados do Castelo do Rei-Dragão; e o estilo deles (embora traçado pelo pincel japonês contemporâneo) é o estilo chinês de dois mil e cem anos atrás...

Muito é dito a respeito desse lugar nos livros chineses dessa época:

Em Hōrai, não há morte nem dor; e nunca é inverno. As flores jamais secam, as frutas nunca faltam; e se algum dia um homem provar dessas frutas, mesmo que seja uma única vez, ele nunca mais

sentirá sede nem fome. Em Hōrai crescem as plantas encantadas *Sorin-shi* e *Riku-gō-aoi*, e *Ban-kon-tō*, que curam toda espécie de doença; e cresce também a grama mágica *Yō-shin-shi*, que reaviva os mortos; e essa grama mágica é regada por uma água das fadas, e um só gole basta para ter a juventude eterna. O povo de Hōrai come arroz em tigelinhas minúsculas; mas a quantidade de arroz que há nelas não diminui — pouco importa o quanto se coma — até se ficar satisfeito. E o povo de Hōrai bebe vinho em taças minúsculas; mas ninguém é capaz de esvaziar uma delas — embora bebam até se fartar — até que a doce sonolência do álcool os apanhe.

Tudo isso e muito mais é dito nas lendas da época da dinastia Qin. Mas é difícil crer que aqueles que escreveram as lendas tenham algum dia visto Hōrai, ainda que como miragem. Porque, na verdade, não existe fruta mágica capaz de deixar alguém eternamente satisfeito — nem grama mágica que possa trazer os mortos de volta — nem fonte de água das fadas — nem tigelas nas quais nunca falta arroz — nem taças nas quais nunca falta vinho. Não é verdade que a morte e a dor não entram em Hōrai; tampouco é verdade que lá nunca seja inverno. O inverno de Hōrai é frio, os ventos cortam até os ossos e a neve se amontoa em quantidades colossais sobre os telhados do Rei-Dragão.

E, no entanto, há coisas maravilhosas em Hōrai; e a mais extraordinária não foi mencionada por nenhum dos autores chineses. Refiro-me à atmosfera de Hōrai. Pertence só àquele lugar; e lá, por causa dela, a luz do sol brilha mais *branca* do que qualquer outra luz — é uma luz leitosa que jamais ofusca a visão — é incrivelmente nítida, e, ainda assim, muito suave. É uma atmosfera que não pertence a essa era humana: é de uma antiguidade imensa, tão antiga que me assusta pensar no tempo que ela pode conter; e não é uma mistura de nitrogênio e oxigênio. Ela não é feita de ar, mas de fantasmas — é a substância de quintilhões de gerações de almas combinadas numa só imensa translucidez —, as almas de gente que jamais pensaria nos moldes em que nós pensamos. Qualquer homem mortal que respirar aquela atmosfera carrega para dentro do sangue a eletricidade desses espíritos; e eles mudam suas percepções — reformam suas concepções de espaço e tempo — de modo que ele passa a ver o que eles costumavam ver, e sentir da mesma maneira como eles sentiam, e

pensar como eles costumavam pensar. Essas mudanças na percepção são macias como o sono; e a montanha Hōrai, que se faz perceber dessa maneira, pode então ser descrita assim:

“Como em Hōrai não se conhece a noção de um mal supremo, os corações dos homens jamais envelhecem. E, por terem sempre o coração jovem, as pessoas em Hōrai sorriem desde o nascimento até a morte — exceto quando os deuses lhes enviam alguma dor; seus rostos então permanecem cobertos por véus até que a dor se vá. Todos em Hōrai se amam, e todos confiam uns nos outros, como se fossem membros de um só lar; e a fala das mulheres é como o canto dos pássaros, porque seus corações são leves como as almas dos pássaros; e as mangas das vestes das meninas balançam quando elas brincam, como o adejar de asas amplas e suaves. Em Hōrai, nada se esconde a não ser o luto, porque não há motivo para sentir vergonha; e nada é guardado a sete chaves, porque não poderia haver roubo; e à noite, as portas não precisam ser trancadas, porque não há nada a temer. E porque todas as pessoas são fadas — embora mortais —, todas as coisas em Hōrai, com exceção do Castelo do Rei-Dragão, são pequenas e de uma beleza peculiar; e de fato toda a gente-fada come arroz em tigelinhas minúsculas e bebe vinho em taças minúsculas...”

Pode-se pensar que muito dessa visão se deva à inalação da atmosfera fantasmagórica — mas não é esse o caso. Pois o feitiço dos mortos oferece apenas o encantamento do Ideal, o brilho de uma esperança antiga; mas algo dessa esperança encontra manifestação em muitos corações — está na beleza simples das vidas sem egoísmo — e na doçura da Mulher...

Ventos maléficos do Oeste sopram sobre Hōrai; e, infelizmente, a atmosfera mágica começa a minguar. Ela perdura agora apenas em recortes, em faixas — como aquelas faixas de nuvens que cortam os céus nas paisagens dos pintores japoneses. Sob esses resquícios de um vapor élfico, ainda é possível encontrar Hōrai — mas só ali... Lembre-se de que Hōrai também é chamada de *shinkirō*, e que significa Miragem — a Visão do Intangível. E essa Visão está desaparecendo —

e nunca mais será vista, a não ser nas pinturas e nos poemas e nos sonhos...



Borboletas

1

Quem me dera ter a sorte daquele sábio chinês conhecido na literatura japonesa como “Rōsan”! Pois ele era amado pelos espíritos de duas moças, duas irmãs celestiais que o visitavam a cada dez dias para lhe contar histórias de borboletas. Ora, na China existem histórias maravilhosas de borboletas — histórias fantasmagóricas —, e eu anseio por conhecê-las. Mas jamais serei capaz de ler chinês, nem mesmo japonês; e o pouco de poesia japonesa que consigo, com enorme dificuldade, traduzir, contém tantas alusões às histórias chinesas de borboletas que sinto em meu íntimo o tormento de Tântalo... E, é claro, cético como sou, sei que jamais receberei a honra de ser visitado pelos espíritos de moças.

Anseio por conhecer, por exemplo, na íntegra, a história da mulher chinesa que as borboletas confundiram com uma flor; e multidões delas a perseguiram, de tão bela e perfumada que era. Também gostaria de saber mais a respeito das borboletas do imperador Gensō, ou Ming Hwang, que fez com que escolhessem seus amores por ele... Ele costumava promover festas regadas a vinho em seu jardim admirável; e suas convidadas eram jovens de uma beleza incalculável; as borboletas, mantidas em gaiolas, eram soltas em meio a essas jovens, e elas logo voavam em direção à mais bonita de todas; e,

assim, a preferência imperial recaía sobre a escolhida. Mas a partir do momento em que Gensō Kōtei pôs os olhos em Yōkihi (que os chineses chamavam de Yang-Kwei-Fei), ele parou de aceitar as indicações das borboletas — o que foi uma lástima, pois Yōkihi lhe trouxe grandes tormentos... E, além disso, eu gostaria de saber mais sobre as experiências do sábio chinês, famoso no Japão com o nome de Sōshū, que sonhou ser uma borboleta e, no sonho, teve todas as sensações que teria uma borboleta. Pois seu espírito de fato tinha viajado sob a forma de uma; e, quando acordou, as lembranças e as sensações da existência como borboleta permaneciam tão vívidas em sua mente que ele já não sabia mais agir como um ser humano... Enfim, eu queria conhecer o texto chinês que reconhece oficialmente uma variedade de espécies de borboletas como os espíritos do imperador e seus cortesãos...

A maior parte da literatura japonesa a respeito de borboletas, com exceção da poesia, parece ter origem chinesa; e mesmo aquele velho sentimento estético nacional em torno delas, que encontrou na arte, nas canções e nos costumes japoneses manifestações tão prazerosas, pode ter se desenvolvido originalmente sob ensinamentos chineses. A procedência chinesa decerto explica por que os poetas e pintores japoneses tantas vezes escolhem como *geimyō*, nome artístico ou nomenclatura profissional, nomes como *Chōmu* (“Sonho de borboleta”), *Ichō* (“Borboleta solitária”) etc. E até hoje, as dançarinas assumem *geimyō* como *Chōchana* (“Flor de borboleta”), *Chōchiki* (“Sorte de borboleta”) ou *Chōnosuke* (“Ajuda de borboleta”). Além dos nomes artísticos que remetem às borboletas, ainda são utilizados nomes pessoais (*yobina*) desse tipo — por exemplo, Kochō, ou Chō, que significa “Borboleta”. Em geral, tais nomes são dados apenas às mulheres — muito embora haja algumas exceções estranhas... E aqui devo mencionar que, na província de Mutsu, ainda segue em uso o curioso hábito antiquado de chamar a primogênita de uma família de *Tekona* — palavra de uma beleza peculiar, que

no dialeto Mutsu se refere à borboleta. No período clássico, ela também servia para designar uma mulher bonita...

Também é possível que algumas das crenças japonesas mais esquisitas a respeito de borboletas tenham derivado da cultura chinesa; mas talvez essas crenças sejam ainda anteriores à própria China. A mais interessante, a meu ver, é a de que a alma de uma pessoa *viva* possa viajar sob a forma de borboleta. Essa crença já rendeu certas fantasias encantadoras — como a noção de que, se uma borboleta entra em seu quarto de hóspedes e pousa na tela de bambu, a pessoa que você mais ama virá visitá-lo. Que a borboleta possa ser o espírito de alguém não é motivo para temê-la. No entanto, há situações em que até as borboletas são capazes de provocar medo, como quando aparecem em quantidade abundante; e a historiografia japonesa registra um desses eventos. Quando Taira-no-Masakado estava preparando, em segredo, sua famosa revolta, [1] surgiu em Kyoto uma multidão tão imensa de borboletas que as pessoas tiveram medo — pensaram que aquela aparição seria um mau agouro... É possível que elas tenham sido interpretadas como os espíritos dos milhares de homens destinados a morrer na batalha, e que se levantaram na véspera da guerra por causa de uma misteriosa premonição de morte.

No entanto, nas crenças japonesas, uma borboleta pode ser também a alma de pessoas mortas, e não só das vivas. De fato, é comum que as almas assumam essa forma para proclamar que enfim partem do corpo; e é por essa razão que, quando uma borboleta entra na casa de alguém, ela merece ser tratada com gentileza.

No teatro popular há muitas alusões a essa crença e às derivações esquisitas que a imaginação extrai dela. Por exemplo, existe uma peça bem conhecida chamada *Tonde-deru-Kochō-no-Kanzashi*, ou *A harpa voadora de Kochō*. Kochō é uma mulher muito bonita que tira a própria vida depois de ser falsamente acusada e tratada com crueldade. Seu suposto

vingador busca em vão, e por muito tempo, pelo autor do crime. Mas, finalmente, o grampo do cabelo dela se transforma numa borboleta, e serve de guia para a vingança ao pairar sobre o lugar onde o vilão está escondido.

É claro que aquelas grandes borboletas de papel (*o-chō* e *me-chō*) que constam nas festas de casamento não devem ser interpretadas por esse viés fantasmagórico. São apenas emblemas da alegria de uma união amorosa, e da esperança de que os recém-casados possam atravessar a vida juntos como uma dupla de borboletas que sobrevoa com leveza um jardim agradável — e ora voa mais alto, ora mais baixo, mas jamais deixa a distância entre eles crescer demais.

2

Uma pequena seleção de *hokku* ajuda a ilustrar o interesse japonês pelas questões estéticas desse tema. Alguns são apenas imagens — esboços mínimos e coloridos de dezessete sílabas; outros não passam de pequenas fantasias, ou são sugestivos e graciosos; o que o leitor encontra é variação. É possível que não se afeioe muito aos versos. O gosto pela poesia japonesa de cunho epigramático é do tipo que precisa ser adquirido lentamente; e é apenas aos poucos, e por meio de um estudo paciente, que as possibilidades dessa forma de composição podem ser avaliadas com justiça. A crítica apressada já chegou a declarar que qualquer tentativa de se dizer algo sério a respeito desses poemas de dezessete sílabas “seria absurda”. Mas o que diriam, então, do famoso verso de Crashaw sobre o milagre da festa de casamento em Cana?

Nympha pudica Deum vidit, et erubuit. [\[2\]](#)

Catorze sílabas. Só isso — e a imortalidade. Ora, com dezessete sílabas, os japoneses já escreveram coisas tão maravilhosas quanto essa — aliás, muito mais maravilhosas —, e não só uma ou duas vezes, mas talvez mil vezes... Porém, nos *hokku* a seguir não há nada de maravilhoso, e eles foram selecionados por motivos extraliterários:

Nugi-kakuru
Haori sugata no
Kochō kana!

[Como um *haori* sendo despido — essa é a forma da borboleta!]
[\[3\]](#)

Torisashi no
Sao no jama suru,
Kochō kana!

[Ah, a borboleta continua atrapalhando o bastão do apanhador de pássaros!]
[\[4\]](#)

Tsurigane ni
Tomarite nemuru
Kochō kana!

[Pousada no sino do templo, a borboleta dorme!]

Neru-uchi mo
Asobu-yume wo ya —
Kusa no chō!

[Mesmo quando dorme, ela sonha que brinca — ai, a borboleta do capim!]
[\[5\]](#)

Oki, Oki yo!
Waga tomo ni sen,

Neru-kochō!

[Acorda! Acorda! Farei de você minha amiga, borboleta adormecida!]^[6]

*Kago no tori
Chō wo urayamu
Metsuki kana!*

[Ah, a expressão triste nos olhos daquele pássaro engaiolado! — tem inveja da borboleta!]

*Chō tonde —
Kaze naki ni to mo
Miezari ki!*

[Embora não parecesse ventar muito, o revoar das borboletas —!]^[7]

*Rakkwa eda ni
Kaeru to mireba —
Kochō ana!*

[Quando vi a flor caída retornar ao galho — não! era apenas uma borboleta!]^[8]

*Chiru-hana ni —
Karusa arasou
Kochō kana!*

[Como a borboleta se empenha em competir em leveza com as flores caindo!]^[9]

*Chōchō ya!
Onna no michi no
Ato ya saki!*

[Veja aquela borboleta no caminho da mulher — ora voa atrás dela, ora à frente!]

Chōchō ya!
Hana-nusubito wo
Tsukete-yuku!

[Rá! A borboleta! Ela persegue a pessoa que roubou as flores!]

Aki no chō
Tomo nakereba ya;
Hito ni tsuku.

[Pobre borboleta do outono! Quando abandonada pelo companheiro (*de sua espécie*), voa atrás do homem (ou de um “*ser humano*”).]

Owarete mo,
Isoganu furi no
Chōcho kana!

[Ah, a borboleta! Mesmo quando foge, não aparenta ter pressa]

Chō wa mina
Jiu-shichi-hachi no
Sugata kana!

[Quanto às borboletas, elas sempre parecem ter por volta de dezessete ou dezoito anos!][\[10\]](#)

Chō tobu ya —
Kono yo no urami
Naki yō ni!

[O modo como a borboleta se porta — é como se não houvesse inimigo (*ou inveja*) no mundo!]

*Chō tobu ya,
Kono yo ni nozomi
Nai yō ni!*

[Ai, a borboleta! Ela se exhibe como se não houvesse mais o que desejar no estado atual da existência!]

*Nami no hana ni
Tomari kanetaru,
Kochō kana!*

[Descobriu o quão difícil é pousar nas flores (*de espuma*) das ondas — pobre borboleta!]

*Mutsumashi ya!
Umare-kawaraba
Nobe no chō.*

[Se (em nossa próxima existência) nascêssemos como borboletas na charneca, quem sabe seríamos felizes juntos.] [\[11\]](#)

*Nadeshiko ni
Chōchō shiroshi —
Tare no kon?* [\[12\]](#)

[Sob a flor rosa há uma borboleta branca: de quem será o espírito?]

*Ichī-nichi no
Tsuma to miekeri —
Chō futatsu.*

[A esposa de um dia enfim apareceu — um par de borboletas.]

*Kite wa mau,
Futari shidzuka no
Kochō kana!*

[Aproximam-se dançando; mas quando enfim se encontram, aquietam-se, as borboletas!]

Chō wo ou
Kokoro-mochitashi
Itsumademo!

[Quem me dera tivesse para sempre o coração (*desejo*) para correr atrás das borboletas!]^[13]

Além desses espécimes da poesia lepidóptera, descobri na prosa japonesa um caso esquisito a respeito desse tópico. O original se encontra num livro antigo e curioso, *Mushi-Isame* [Advertências de insetos], e aqui ofereço uma tradução livre. É um texto em forma de discurso para uma borboleta. Mas, na realidade, é uma alegoria didática, que aponta para o sentido moral da escalada e queda social:

“Agora, sob o sol da primavera, os ventos são suaves, e as flores desabrocham em tons de rosa, e a grama é macia, e os corações humanos estão contentes. As borboletas voam com alegria por toda parte: e tanta gente aqui e ali compõe versos chineses ou japoneses sobre elas.

“E é essa a estação, ó Borboleta, que lhe é de luminosa prosperidade: não há nada no mundo mais belo do que sua beleza nesse momento. Por esse motivo, todos os insetos a admiram e invejam — em meio a eles não há um sequer que não experimente esse sentimento. Essa inveja, porém, não se restringe a eles: os homens também a sentem, e também a admiram. Sōshū, da China, assumiu sua forma num sonho; Sakoku, do Japão, tomou sua forma ao morrer, e então voltou como fantasma. Mas essa inveja tampouco se restringe aos homens e aos insetos: até mesmo os seres sem alma mudam de forma para imitar a sua. Veja a grama de cevada, que se transforma em borboleta.”^[14]

“E por tudo isso, você se enche de orgulho e pensa consigo: ‘Não há nada acima de mim nesse mundo!’. Ai, posso adivinhar o que você traz no coração: está satisfeita demais consigo mesma. É por isso que se deixa levar com tanta facilidade por qualquer ventinho; é por isso que jamais fica parada, é por isso que está sempre pensando: ‘Ninguém no mundo tem tanta sorte quanto eu’.

“Mas agora tente se lembrar de sua história. Vale a pena recordá-la, pois ela também tem um lado vulgar. Como, vulgar? Bom, depois de você nascer, passou muito tempo até que você pudesse celebrar sua forma. No início, você não passava de um inseto de repolho, uma minhoca peluda; e era tão pobre que sequer tinha dinheiro para comprar um vestido que cobrisse sua nudez; e, no todo, sua aparência era repulsiva. Naquela época, sua visão provocava horror a todos. De fato, você tinha motivos de sobra para sentir vergonha; e de tanta vergonha, você foi coletando velhos gravetos e detritos para se esconder sob eles, e então fez um casulo como esconderijo, e o pendurou num galho — e então todos apontavam para você e gritavam: ‘Inseto de capa de chuva!’ (*Mino-mushi*).^[15] E ao longo desse período de sua vida, seus pecados eram lamentáveis. Você e seus companheiros se reuniam em meio às tenras e verdes folhas das belas cerejeiras e produziam uma extraordinária feiura, que feria os olhos esperançosos das pessoas que vinham de longe admirar a beleza daquelas árvores. E você tem culpa por ações ainda mais odiosas. Você conhecia os homens e mulheres paupérrimos que cultivavam o *daikon*^[16] em seus campos — sabia como eles trabalhavam arduamente sob o sol escaldante até que seus corações se enchessem de amargura por tanta dedicação ao *daikon*; e você convenceu seus companheiros a seguirem-na e a se juntarem sob as folhas daqueles *daikon* e dos outros vegetais plantados por aqueles pobres homens. Por cobiça você destruiu aquelas folhas e as abocanhou até deformá-las em todo tipo de feiura, sem se

importar com o trabalho daquela pobre gente... Sim, era esse o tipo de criatura que você era, e eram essas as suas ações.

“E agora que tem uma forma harmoniosa, você despreza seus velhos companheiros, os insetos; e, se porventura acontece de encontrar algum deles, você finge que não os conhece [literalmente, ‘Você faz cara de Não-sei-de-nada’]. Agora você só quer saber de ser amiga de gente rica e louvada... Ah, esqueceu dos tempos passados, não é?

“É verdade que muitas pessoas esqueceram o passado, Borboleta, e se encantam com a aparência de sua forma graciosa e suas asas brancas, e é verdade que escrevem versos chineses e japoneses sobre você. A donzela bem-nascida, que nem queria olhar para você em sua forma anterior, agora se deleita em observá-la, e anseia por tê-la pousando em seu pente, e estende seu gracioso leque na esperança de que você se acomode nele. Mas isso me faz lembrar de uma antiga história chinesa a seu respeito, que de bonita não tem nada.

“Na era do imperador Gensō, havia no Palácio Imperial centenas e milhares de belas mulheres — tantas que um homem julgaria difícil eleger a mais bonita. Então todas essas moças atraentes foram reunidas num só lugar, e te soltaram em meio a elas, para que você voasse livremente; e decretou-se que a moça em cujo pente você escolhesse pousar seria augustamente convocada ao Aposento Imperial. Naquela época, só podia haver uma Imperatriz — o que era uma boa lei —; por sua causa, porém, o imperador Gensō provocou um grande estrago no país. Embora devesse haver pessoas de coração puro em meio àquelas muitas mulheres bonitas, você, que tem a mente leviana e frívola, só teve olhos para a beleza, e então se dirigiu àquela mais bela em aparência. E, assim, muitas das presentes não pensaram mais como se portar bem como mulheres, e passaram a estudar como se fazerem espetaculares aos olhos dos homens. E acabou que o imperador Gensō morreu uma morte penosa — tudo por você ter uma mente leviana e fútil. De fato, podemos conhecer seu caráter verdadeiro por sua conduta em outros casos. Existem árvores, como a azinheira e

o pinheiro, cujas folhas não esmaecem nem caem, mas permanecem sempre verdes; são árvores de coração firme, de caráter sólido. Mas para você elas são rígidas e formais; e você odeia vê-las e jamais as visita. Só frequenta as cerejeiras, o *kaido*,^[17] a peônia, as rosas amarelas: porque elas têm flores chamativas, e você se esforça para agradá-las. Vou deixar bem claro: essa conduta não lhe cai bem. É verdade que essas árvores têm flores de boa aparência; mas não dão frutos que possam satisfazer a fome, e só demonstram gratidão por aqueles que apreciam luxos e chamarizes. E é por esse motivo que se deleitam com suas asas flutuantes e sua forma delicada; é por isso que te recebem bem.

“Agora, nessa primavera, quando estiver se divertindo a voar pelos jardins dos ricos ou a planar sobre as belíssimas alamedas de cerejeiras em flor, diga para si mesma: ‘Ninguém no mundo tem tanto prazer como eu, nem amigos tão excelentes. E, a despeito do que possam dizer, amo acima de todas a peônia, e a rosa amarela, quase dourada, é querida por mim, e obedeço a qualquer comando seu; é disso que me orgulho e é com isso que me deleito’... Pode ser. Mas a estação opulenta e elegante das flores é brevíssima: logo elas murcham e caem. E assim, no calor do verão, só haverá folhas verdes; e logo os ventos do outono sopram, e mesmo as folhas caem como chuva, *parari-parari*. E você terá o destino dos desafortunados do provérbio *Tanomi ki no shita ni ame furu* [Até mesmo sob a árvore em que me abriguei, a chuva vaza e cai]. E então vai buscar seu velho amigo — a larva do besouro, que come raízes — e implorar que ele a deixe voltar à sua antiga toca; mas então você terá asas e não conseguirá entrar por causa delas, e não haverá lugar no céu ou na terra que a abrigue, e todo o capim terá secado, e você não encontrará nem uma gota de orvalho para molhar a boca, e só lhe restará deitar e morrer. Tudo devido a seu coração leviano e frívolo — que fim lamentável!”

3

A maior parte das histórias japonesas parecem ter, como disse, origem chinesa. Mas trago uma que talvez seja originária do Japão; parece-me valer a pena contá-la por haver pessoas que não acreditam que o “amor romântico” existe no Extremo Oriente.

Atrás do cemitério do templo de Sōzanji, nos arredores da capital, houve por muito tempo uma casinha solitária, habitada por um velho chamado Takahama. Todos gostavam dele na região, por causa de seu jeito amigável; mas quase todos também o achavam um pouco desajustado. O que se espera de um homem — a menos que faça os votos monásticos do budismo — é que ele case e crie família. Mas Takahama não conhecera o chamado da religião; e ninguém podia convencê-lo a se casar. Ninguém lembrava de ele já ter iniciado uma relação amorosa com qualquer mulher. Por mais de cinquenta anos, ele viveu inteiramente só.

Veio o verão e ele adoeceu, e soube que não lhe restava muito tempo de vida. Mandou chamar sua cunhada, que era viúva, e o filho único dela, um rapaz de cerca de vinte anos, a quem Takahama era muito apegado. Os dois logo vieram e fizeram tudo o que estava ao alcance deles para amainar as últimas horas do velho homem.

Numa tarde abafada, enquanto a viúva e seu filho zelavam ao pé de sua cama, Takahama adormeceu. Na mesma hora, uma borboleta branca e muito grande entrou no quarto e pousou sobre o travesseiro do homem doente. O sobrinho a espantou com um leque; na mesma hora ela voltou ao travesseiro, só para ser afugentada de novo, e então voltar uma terceira vez. O sobrinho logo a perseguiu até o jardim, e jardim afora, até um portão aberto, e finalmente até o cemitério do templo vizinho. Mas ela continuou voando diante dele como se recusasse ser afastada, e agia de modo tão esquisito que ele começou a se

perguntar se aquilo era de fato uma borboleta ou um *ma*.^[18] Ele mais uma vez a perseguiu, seguindo-a cemitério adentro, até que a viu voar na direção de um túmulo — o túmulo de uma mulher. Ali ela desapareceu, sem deixar rastro. Em vão ele a procurou. Então examinou a lápide. Sobre a pedra, ele leu o nome de uma pessoa, “Akiko”, ao lado de um sobrenome desconhecido, e uma inscrição que dizia que ela havia morrido aos dezoito anos. Pelo visto, aquele túmulo fora erguido cerca de cinquenta anos antes, e já crescia musgo sobre ele. Mas vinha sendo cuidado: alguém tinha deixado flores frescas, e no reservatório havia água fresca.

Ao voltar para o quarto do homem doente, o jovem se surpreendeu com a notícia de que ele havia deixado de respirar. A morte lhe sobreveio enquanto dormia, sem provocar nenhuma dor; e no rosto morto havia um sorriso.

O jovem rapaz contou à mãe o que vira no cemitério.

— Ah! — exclamou a viúva — Então só pode ter sido Akiko!...

— Mas quem era Akiko? — perguntou o sobrinho.

A viúva respondeu:

— Quando seu bom tio era jovem, ele ficou noivo de uma moça encantadora, Akiko, filha de um vizinho. Akiko morreu tísica, pouco antes do dia em que se casariam; e o noivo prometido enlutou-se profundamente. Depois do enterro, ele jurou nunca mais casar; e construiu esta pequena casinha perto do cemitério, para sempre poder visitar seu túmulo. Tudo isso aconteceu há mais de cinquenta anos. E em cada dia desses cinquenta anos, fosse verão ou inverno, seu tio foi ao cemitério, rezou diante do túmulo, limpou-o e deixou oferendas. Mas ele não gostava que tocassem nesse assunto; e ele mesmo jamais falava a respeito disso... Então, finalmente, Akiko veio buscá-lo: a borboleta branca era a alma dela.

Quase esqueci de mencionar uma antiga dança japonesa chamada “dança da borboleta” (*Kochō-Mai*), que costumava ser bailada no Palácio Imperial, com jovens vestidas de borboleta. Não sei dizer se ela ainda é vez por outra praticada nos dias de hoje. Diz-se que é difícilíssima de aprender. São necessárias seis bailarinas para realizá-la da maneira correta; e elas devem se mover segundo um protocolo determinado — obedecendo a regras tradicionais para cada passo, pose ou gesto —, e giram umas em torno das outras muito lentamente, ao som de tamboretes de mão e grandes tambores, pequenas e grandes flautas, e flautas de pã desconhecidas no Ocidente.

Mosquitos

Preocupado com minha própria segurança, andei lendo o livro *Mosquitos*, do dr. Howard. Os mosquitos me perseguem. Existem diversas espécies no meu bairro, mas apenas uma é um tormento verdadeiro — uma criaturinha minúscula e afiada, coberta de manchas e listras prateadas. Sua picada é dolorida como um choque elétrico, seu mero zumbido é de um tom lancinante que antecipa a dor iminente — da mesma maneira como um determinado aroma sugere um determinado gosto. Parece-me que esse mosquito em muito se assemelha àquele que dr. Howard classifica como *Stegomyia fasciata*, ou *Culex fasciatus*, e seus hábitos são quase idênticos aos do *Stegomyia*. Por exemplo: ele é diurno, e não noturno, e é no período da tarde que provoca maior tormenta. Descobri que eles vêm de um cemitério budista — extremamente antigo — nos fundos do meu quintal.

O volume do dr. Howard reza que, para um bairro se ver livre de mosquitos, basta derramar um pouco de petróleo ou querosene na água parada em que eles se reproduzem. O óleo deve ser aplicado uma vez por semana, “a uma proporção de 45 mililitros a cada dois metros quadrados de superfície de água, e uma quantidade proporcional em qualquer outra superfície menor”... Mas, por gentileza, considerem as condições do *meu* bairro!

Já contei que meus perseguidores vêm do cemitério budista. Diante de cada túmulo daquele velho cemitério há um receptáculo com água, uma cisterna chamada *mizutame*. Na maior parte dos casos, tal *mizutame* não passa de uma cavidade

retangular burilada no largo pedestal que suporta o monumento; diante de túmulos mais dispendiosos, porém, desprovidos desse pedestal-tanque, põe-se ali um tanque maior, recortado de um só bloco de pedra e decorado seja com o emblema daquela família, seja com gravações simbólicas. Já no caso dos túmulos das classes mais humildes, igualmente desprovidos de *mizutame*, há copos ou outros recipientes para a água — porque é necessário dar água aos mortos. É preciso também oferecer-lhes flores; e, diante de cada túmulo, é possível encontrar um par de copos de bambu, ou outros vasos com flores; e neles, é claro, há água. No cemitério, existe também um poço que fornece água para os túmulos. Toda vez que um parente ou amigo visita um morto, ele enche de água fresca os tanques e copos. Agora, num cemitério antigo como esse há milhares de *mizutame*, e dezenas de milhares de vasos com flores — é impossível trocar a água de todos todo dia. Ela fica estagnada e habitada. É difícil que os tanques mais fundos sequem — a chuva em Tóquio é forte o bastante para mantê-los parcialmente cheios durante nove meses por ano.

Enfim, é nesses tanques e vasos com flores que nascem meus inimigos: eles emergem aos milhões da água dos mortos — e, segundo a doutrina budista, é possível que alguns sejam a reencarnação de algum desses mortos, cujos erros de suas vidas anteriores os condenaram a voltar na condição de *Jiki-ketsu-gaki*, ou *pretas* bebedores de sangue... Seja como for, é tamanha a maldade do *Culex fasciatus* que ela legitima qualquer suspeita de que uma alma humana perversa tenha sido comprimida naquele ínfimo corpo choroso...

Voltando, então, ao assunto do querosene: é possível exterminar os mosquitos de qualquer local cobrindo com querosene a superfície de toda água parada que houver. As larvas tentarão subir para respirar e morrerão; e as fêmeas adultas sucumbirão ao se aproximar da água para tentar depositar seu enxame de ovos. E li, no livro do dr. Howard, que nos Estados Unidos o custo real para livrar de todos os

mosquitos uma pequena cidade de 50 mil habitantes não passa de trezentos dólares!

Eu me pergunto o que se diria caso o governo da cidade de Tóquio — que chega a ser agressivo em suas medidas progressistas e científicas — de repente ordenasse que todas as superfícies contendo água nos cemitérios budistas fossem cobertas, a intervalos regulares, por uma camada de querosene! Como uma religião que proíbe eliminar qualquer vida — até mesmo vidas invisíveis — poderia aceitar uma medida como essa? A piedade filial jamais sonharia consentir. E imagine o custo — em termos de tempo e trabalho — de uma vez por semana verter querosene nos milhões de *mizutame*, e dezenas de milhões de vasos de bambu dos cemitérios de Tóquio!... Impossível. Para livrar a cidade dos mosquitos, seria necessário demolir os cemitérios antigos; e isso significa derrubar os templos budistas que eles abrigam; e significa que muitos dos jardins encantadores sumiriam, com seus laguinhos de flores de lótus, e seus monumentos inscritos em sânscrito, e suas pontes singelas e bosques sagrados e budas estranhamente sorridentes! Enfim, o extermínio do *Culex fasciatus* seria a destruição de toda a poesia dessa religião ancestral — é com certeza um preço alto demais a ser pago...

Além disso, quando chegar minha vez, eu gostaria de ser guardado num antigo cemitério budista — assim, os fantasmas que me fizerem companhia também serão antigos, e não serão dados a modas e mudanças e à desintegração da era Meiji. O velho cemitério atrás de casa seria um lugar adequado. Tudo ali é belo, de uma beleza sobretudo esquisita e surpreendente; cada árvore e cada pedra foram moldadas por algum ideal muito, muito antigo, que não existe mais na mente de nenhuma pessoa viva; nem as sombras dele pertencem à nossa época, a esse sol, mas sim a um mundo esquecido, que jamais ouviu falar de máquinas a vapor, ou eletricidade, ou magnetismo, ou... querosene! Além disso, no badalo daquele grande sino há um eco singular, que desperta sentimentos estranhos e alheios a

tudo o que é moderno em mim, a ponto do som débil e seco, lá longe, me deixar apavorado — e maravilhado. Não há uma só vez que eu escute seu chamado crescente e não sinta surgir um ímpeto e um revolver das partes mais abismais de meu espírito — uma sensação como a das memórias que lutam para subir até a luz, para além do apagamento de milhões e milhões de mortes e de nascimentos. Espero permanecer onde eu possa ouvir aquele sino... E, considerando a possibilidade de ser condenado à condição de *Jiki-ketsu-gaki*, gostaria de ter a oportunidade de renascer dentro de um copo de bambu qualquer, com flores; ou, então em um *mizutame*, de onde possa emergir com suavidade para cantar minha canção aguda e pungente. E morder algumas pessoas que conheço.

Formigas

1

Este céu que amanheceu depois da tempestade da noite é de um azul puro e reluzente. O ar — que ar delicioso! — está impregnado de aromas doces e amadeirados, vindos dos inúmeros galhos de pinheiros arrancados e varridos pelo vendaval. Do bambuzal vizinho chega a mim o chamado do pássaro que assovia o “Sūtra do Lótus”; e a terra está perfeitamente quieta, graças ao vento sul. Depois da longa espera, o verão enfim chegou: as borboletas de cores tipicamente japonesas esvoaçam por toda parte; as cigarras cantam; as vespas zunem; os pernilongos dançam ao sol; e as formigas se ocupam em consertar suas moradas danificadas... Penso num poema japonês:

*Yuku e naki:
Ari no sumai ya!
Go-getsu ame.*

[Agora, a pobre criatura não tem para onde ir!... Ai, coitadas das casas das formigas nessas chuvas do quinto mês!]

Mas aquelas formigas pretas e gordas do meu quintal parecem prescindir da minha compaixão. De alguma forma inimaginável, enquanto enormes árvores foram arrancadas do

solo, e casas inteiras foram desmanteladas pelo vento, e estradas sumiram sob as águas, as formigas resistiram à tempestade. E, no entanto, antes do tufão, elas não tomaram nenhuma precaução visível além de fechar os portões de sua cidade subterrânea. O espetáculo desse trabalho árduo e vitorioso me inspira a tentar escrever um ensaio sobre as formigas.

Teria preferido introduzir essa investigação com algum texto da literatura antiga japonesa — alguma coisa sentimental ou metafísica. Mas tudo que meus amigos japoneses puderam encontrar sobre esse assunto, à exceção de um ou outro versinho de pouco interesse, era chinês. E esse material chinês se resume sobretudo a histórias estranhas; e uma delas me pareceu fazer sentido citar — *faute de mieux*.^[1]

Na província de Taishū, na China, havia um homem pio que todos os dias, por muitos anos, adorava com fervor uma determinada deusa. Certa manhã, enquanto se ocupava dos ritos devocionais, uma linda mulher, vestida de amarelo, lhe apareceu em seu quarto. O homem, surpreso, lhe perguntou o que ela queria, e por que entrara sem ser anunciada. Ela respondeu:

— Eu não sou uma mulher: sou a deusa que você há tanto tempo e tão fielmente adora; e vim para lhe provar que sua devoção não tem sido em vão... Você está familiarizado com a linguagem das formigas?

O adorador respondeu:

— Não passo de um sujeito ignorante e de berço humilde: não sou um erudito, nem ao menos compreendo a linguagem dos homens superiores.

Ao ouvir essas palavras, a deusa sorriu e tirou do decote uma caixinha como aquelas de carregar incensos. Ela a abriu, nela mergulhou o dedo e dali tirou uma espécie de cera com a qual ungiu as orelhas do homem.

— Agora — ela falou — saia em busca de formigas; ao encontrá-las, se incline até a altura delas e preste atenção na conversa. Você será capaz de compreendê-las; e uma das coisas que você ouvir lhe trará vantagens... Apenas não se esqueça de que não deve assustar nem incomodar as formigas.

E então a deusa desapareceu.

O homem saiu de imediato em busca das formigas. Mal atravessou a porta, viu duas formigas sobre uma das pedras que sustentavam um dos pilares da casa. Ele se inclinou e escutou; assombrado, percebeu que podia ouvi-las falar, e que entendia o que diziam.

— Vamos procurar um lugar mais quente — propôs uma das formigas.

— Por que mais quente? — perguntou a outra. — O que há de errado com este?

— É muito úmido e frio aqui embaixo — disse a primeira. — Há um grande tesouro enterrado aqui, e o sol não consegue esquentar a terra que o cobre.

Então as duas seguiram seu caminho juntas, e o ouvinte correu para pegar uma pá.

Ao cavar em torno do pilar, ele logo encontrou uma enorme quantidade de grandes jarros cheios de moedas de ouro. A descoberta desse tesouro fez dele um homem muito rico.

Depois disso, ele muitas vezes tentou ouvir a conversa das formigas, mas nunca mais pôde escutar o que diziam. O unguento da deusa só lhe havia aberto os ouvidos para aquela linguagem por um único dia.

Assim como o devoto chinês, eu também devo confessar que sou um sujeito muito ignorante e naturalmente incapaz de ouvir a conversa das formigas. Mas a Fada da Ciência às vezes toca meus ouvidos e olhos com sua varinha; e, então, por um breve período, sou capaz de ouvir o inaudível e perceber o imperceptível.

2

Em determinados círculos, é considerado uma perversidade dizer que os não cristãos chegaram a cultivar uma civilização eticamente superior à nossa; por esse mesmo motivo, é possível que algumas pessoas não gostem do que direi a respeito das formigas. Mas existem homens incomparavelmente mais sábios do que eu jamais poderia sonhar em ser, que pensam sobre insetos e civilizações sem recorrer às bênçãos do cristianismo; e encontro apoio para o que direi nos comentários do prof. David Sharp na nova edição de *The Cambridge Natural History* [Coleção Cambridge de História natural]:^[2]

A observação tem revelado os mais notáveis fenômenos na vida desses insetos. De fato, é difícil escapar à conclusão de que, em muitos aspectos, as formigas, mais do que nós, atingiram uma perfeição na arte de viver em sociedade; e chegaram antes da nossa espécie à descoberta de certas artes e ofícios que facilitam amplamente a vida social.

Imagino que poucas pessoas bem informadas discordem dessa constatação objetiva feita por um especialista no assunto. Nos dias de hoje, quem confia na ciência não deve ser sentimental com relação a formigas ou abelhas; mas ninguém hesitaria em reconhecer que, no que diz respeito à evolução social, esses insetos parecem ter avançado “para além do homem”. Herbert Spencer, a quem não se imputariam tendências românticas, diz ainda mais do que o prof. Sharp: ele nos mostra que as formigas são *ética* e economicamente mais avançadas do que a humanidade, de maneira muito concreta — de fato, suas vidas são inteiramente voltadas em sua totalidade para fins altruístas. É um tanto desnecessário o adendo que o prof. Sharp fornece para seu elogio à formiga, com a seguinte observação cautelosa: “As competências da formiga não são

como as do homem. Ela se dedica ao bem-estar da espécie, e não ao do indivíduo, que é sacrificado ou especializado em prol da comunidade”.

A implicação óbvia disso para os humanos está provavelmente correta: qualquer estado social onde as melhorias individuais são postas de lado em nome do bem-estar comum deixa muito a desejar. Pois o homem evoluiu imperfeitamente; e a sociedade humana tem muito a ganhar com um aumento da individuação. Mas, em relação aos insetos sociais, a crítica implícita no adendo fica aberta a questionamentos. “As melhorias do indivíduo”, diz Herbert Spencer, “consistem em melhor adaptá-lo à cooperação social, o que conduz à prosperidade social e, portanto, levam também à manutenção da raça.” Em outras palavras, o valor do indivíduo só pode ser dado com relação à sociedade; assim, se é bom ou ruim o sacrifício do indivíduo em prol da sociedade é uma coisa que necessariamente depende do que a sociedade pode ganhar ou perder se seus membros se individualizarem mais... Porém, como veremos, as condições da sociedade das formigas que mais merecem nossa atenção dizem respeito à ética; e elas estão além de qualquer crítica humana, já que realizam aquele ideal da evolução moral descrito pelo sr. Spencer como “um estado em que o egoísmo e o altruísmo estão a tal ponto conciliados que um se transforma no outro”. Ou seja, um estado em que a única possibilidade de prazer reside na ação desinteressada. Ou, para citar mais uma vez o sr. Spencer, as atividades da sociedade dos insetos “são aquelas que postergam o bem-estar individual em prol do bem-estar da comunidade de modo tão completo que a vida individual parece receber apenas os cuidados mínimos necessários para que possa dar atenção à vida social... o indivíduo só recebe a comida e o descanso necessários para manter o vigor”.

Gostaria que o leitor soubesse que as formigas são horticultoras e agricultoras; que são hábeis no cultivo de cogumelos; que domesticaram, até onde se sabe, 584 tipos de animais diferentes; que cavam túneis em rochas sólidas; que sabem se proteger de mudanças climáticas que podem ser prejudiciais à saúde de sua prole; que, comparadas aos outros insetos, são incrivelmente longevas — os membros das espécies mais evoluídas chegam a viver por muitos anos.

Mas não quero falar desses assuntos. É da retidão medonha, da terrível moralidade da formiga que quero falar.^[3] Nossos mais temíveis ideais de boa conduta são ultrapassados pela ética da formiga em — já que o progresso se mede pelo tempo — coisa de milhões de anos! Refiro-me aqui ao tipo mais elevado de formiga, e não, é claro, a toda a família delas. Cerca de duzentas espécies já são conhecidas, e exibem graus variadíssimos de evolução na organização social. Certos fenômenos sociais de grande importância biológica, e igualmente importantes pela estranha relação que têm com o campo da ética, podem ser estudados com algum proveito apenas nas sociedades mais avançadas desse inseto.

Depois de tudo o que já se escreveu nos últimos anos sobre a probabilidade de as formigas viverem experiências valiosas no decorrer de suas longas existências, imagino que poucos negariam que elas possuem personalidades individuais. A inteligência que essa criaturinha demonstra ao superar situações difíceis, novíssimas para ela, e sua adaptabilidade diante de condições que lhes são estrangeiras por completo comprovam a existência de um pensamento individual poderoso. No entanto, é certo que a formiga não possui uma individualidade capaz de se manifestar numa direção puramente egoísta, e estou usando esse termo, “egoísta”, em seu sentido mais convencional. É impossível imaginar uma formiga avarenta ou lasciva — uma formiga capaz de cometer qualquer pecado capital, ou até mesmo um pecado perdoável. E também

é impossível imaginar uma formiga romântica, ideóloga, poética ou dada a especulações metafísicas. Não há mente humana capaz de atingir o grau de descomplicação da mente da formiga; nenhuma mente humana, no estado em que hoje se encontra, seria capaz de cultivar hábitos tão imaculadamente pragmáticos como os da formiga. Mas essa praticidade superlativa não abre brechas para os enganos morais. Talvez seja difícil comprovar que as formigas não comungam de noções religiosas. Mas fato é que, para elas, a religião seria inútil. Um ser incapaz de lapsos morais não precisa de “guias espirituais”.

É apenas de maneira vaga que podemos compreender o caráter da sociedade das formigas, e a natureza da moralidade formicular; para fazê-lo, devemos conceber um estado ainda inatingível para nossa moral e sociedade. Imaginemos, então, um mundo onde as pessoas trabalham furiosamente, sem parar — e todas são, aparentemente, mulheres. Nenhuma delas pode ser persuadida ou sequer ludibriada a ponto de pegar um átomo de comida além do necessário para manter sua força; e nenhuma dorme um segundo a mais do que o necessário para manter o sistema nervoso funcionando. E devido a essa maneira peculiar como são constituídas, qualquer autoindulgência desnecessária provocaria nelas um desajuste em sua função.

O trabalho diário que essas trabalhadoras empreendem consiste em construir estradas e pontes, cortar lenha, realizar construções arquitetônicas de inúmeros tipos, além de horticultura e agricultura, alimentar e cuidar de uma centena de variedades de animais domésticos, manufaturar produtos químicos de diferentes tipos, armazenar e conservar incontáveis bens alimentícios, cuidar dos filhos da espécie. Todo esse trabalho é feito pelo bem comum — não há cidadã entre as formigas capaz de imaginar que possa haver qualquer “propriedade” para além da *res publica*; e o único objetivo do bem comum é nutrir e treinar os mais jovens, que, na enorme

maioria, são mulheres. O período de infância é longo; por muito tempo as crianças, além de totalmente dependentes, sequer têm forma. E são tão delicadas em todos os aspectos que precisam ser protegidas com muito zelo de qualquer mínima mudança de temperatura. A sorte é que suas cuidadoras compreendem as leis da saúde: cada uma conhece tudo o que é preciso saber a respeito de ventilação, desinfecção, escoamento, umidade e o perigo de germes — que talvez sejam, inclusive, visíveis a seus olhos míopes do mesmo modo como são visíveis para nós sob microscópios. De fato, o conhecimento de todos os assuntos de higiene nelas é tão arraigado que nenhuma das cuidadoras comete enganos quanto às condições sanitárias de seu bairro.

Apesar desse trabalho perpétuo, não existe trabalhadora com a aparência desleixada: cada uma se asseia com rigor, limpando-se várias vezes ao dia. E, como elas nascem com os mais lindos pentes e escovas embutidos em seus pulsos, não gastam tempo se deslocando para a toalete. Além de se manterem minuciosamente limpas, elas também devem conservar suas casas e jardins imaculados, por causa das crianças. É preciso haver algo da magnitude de um terremoto, uma erupção, inundação ou uma guerra desenfreada para que a rotina diária de tirar pó, varrer, esfregar e desinfetar seja interrompida.

4

Agora, vejamos alguns fatos mais estranhos.

Esse mundo de tarefas incessantes não é um mero mundo vestal. Embora seja verdade que algumas vezes os machos apareçam, é apenas em certas estações que isso acontece, e eles não têm qualquer relação nem com as trabalhadoras nem com o trabalho. Nenhum macho ousaria se dirigir a uma delas — exceto, talvez, em caso de perigo extraordinário. E nenhuma

trabalhadora pensaria em falar com um macho — pois os machos, nesse mundo raro, são seres inferiores, que não sabem lutar nem trabalhar, e cuja presença é tolerada apenas como um mal necessário. Uma classe especial de fêmeas — as Mães Eleitas da raça — se dignam a interagir com os machos, durante brevíssimos períodos e apenas em algumas estações. Mas as Mães Eleitas não trabalham; elas *precisam* aceitar os maridos. Uma trabalhadora nem sonharia em permanecer na companhia dos machos — não apenas porque isso representaria uma frivolidade e perda de tempo, tampouco porque todas as trabalhadoras nutrem pelos machos um desprezo absoluto, mas sim porque as trabalhadoras são incapazes de acasalar. Algumas, é fato, são capazes de realizar partenogênese e dão à luz crianças sem pai. Mas em geral a trabalhadora é de fato fêmea simplesmente por causa de seus instintos morais: ela possui toda a ternura, toda a paciência e a prudência que nós chamamos de qualidades “maternais”; mas seu sexo desapareceu, como o sexo da Filha do Dragão, na lenda budista.

Para se defender dos predadores — ou inimigos do Estado — as trabalhadoras são munidas de armamentos; e, além disso, há ainda um grande aparato militar que as protege. As soldadas são tão maiores que as trabalhadoras (pelo menos em algumas comunidades) que é difícil acreditar, à primeira vista, que as duas pertençam à mesma espécie. Não é de todo raro encontrar soldadas cem vezes maiores do que as trabalhadoras que elas protegem. E são todas amazonas — para ser mais exato, metade mulheres. Trabalham com vigor — mas como foram formadas sobretudo para a luta e o carregamento de peso, são mais úteis nas situações em que é preciso ter força, e não habilidade.

[O porquê de as fêmeas, e não os machos, terem sido especializadas pela evolução para serem soldadas e trabalhadoras é uma questão mais complexa do que parece, à

qual tenho plena convicção de não ser capaz de responder. Mas deve ter sido uma solução da economia da natureza. Em muitas das diferentes formas de vida, as fêmeas são superiores aos machos em tamanho e energia; talvez, no caso das formigas, a grande reserva de energia vital que as fêmeas por completo possuíam, na origem, pode ter servido, com mais rapidez e eficácia, para se desenvolverem em uma casta especial de lutadoras. Toda aquela energia que, no caso das fêmeas férteis, seria dispendida na geração da vida, parece ter sido desviada para a evolução de um poder de agressividade ou de trabalho.]

Há pouquíssimas fêmeas por completo entre as formigas — as Mães Eleitas; e elas são tratadas como rainhas. O tempo todo são servidas, e com tanta reverência que raras vezes chegam a ter motivos para manifestar desejos. Não existe nada com que tenham de se preocupar — além do dever de gerar descendentes. Dia e noite, recebem todo e qualquer tipo de cuidado. Apenas elas, de toda a colônia, são alimentadas em abundância e com opulência: em razão dos descendentes, devem comer, beber e descansar feito realeza; e sua especialização fisiológica permite que se satisfaçam ad libitum. Quase não saem, e, se o fazem, são acompanhadas por uma escolta poderosa, porque não se pode admitir o risco de se cansarem ou enfrentarem perigos desnecessários. É provável que não sintam vontade de sair. Todas as atividades da espécie giram em torno delas: toda a inteligência, esforço e parcimônia são direcionados exclusivamente ao bem-estar dessas mães e de seus filhos.

Por fim, e em último lugar, estão os maridos dessas mães — o mal necessário —, os machos. Aparecem apenas em certas estações, como já mencionado; e têm a vida muito breve. Alguns nem podem se gabar de serem descendentes da nobreza, ainda que destinados ao casamento nobre — pois não são filhos da realeza, mas de mães virgens, nascidos de partenogênese e, por esse motivo, seres inferiores, frutos de um atavismo misterioso. Seja como for, a comunidade só tolera alguns poucos machos — apenas o suficiente para servir de maridos às

Mães Eleitas, e mesmo esses morrem logo após cumprirem seu dever. Nesse mundo extraordinário, o sentido da Lei da Natureza é idêntico ao ensinamento de Ruskin, segundo o qual uma vida desprovida de esforços é criminosa; e, como os machos são inúteis para o trabalho e para a luta, sua existência possui apenas um valor passageiro. Não é que cheguem a ser sacrificados — como a vítima asteca eleita para as festividades de Tezcatlipoca, a quem se permite uma lua de mel de vinte dias antes de ter o coração arrancado. Mas, como o sacrificado, a formiga-macho também depara com a maior desventura em seu momento de maior fortuna. Imagine um jovem criado sabendo que é seu destino ser o noivo de uma rainha por uma só noite — e que, passado esse encontro, ele não terá mais razão moral para viver. O casamento, para ele — para cada um desses machos —, é sinônimo de morte certa, e ele nem sequer pode ter a esperança de que a jovem viúva lamentará sua morte. Ela viverá gerações a mais do que ele...!

5

Mas tudo isso não passa de um preâmbulo para o verdadeiro “Romance do mundo dos insetos”.

A descoberta mais impactante de todas sobre essa espantosa civilização é, de longe, a supressão absoluta do sexo. Ele desaparece por completo na maioria dos indivíduos de algumas das formas mais avançadas da vida formicular. Em quase todas as sociedades superiores, a vida sexual das formigas parece existir apenas na medida em que é absolutamente necessária para a propagação da espécie. Mas esse fato biológico por si só é menos inquietante do que sua implicação ética — *pois essa supressão ou limitação da faculdade sexual parece ser voluntária!* Ou, no mínimo, é voluntária se considerarmos a espécie como um todo. Hoje, acredita-se que essas maravilhosas criaturas aprenderam como desenvolver ou

impedir o desenvolvimento do sexo em seus jovens por meio de um determinado tipo de nutrição. Foram capazes de controlar com sucesso absoluto aquele que costuma ser tido como o mais poderoso e ingovernável dos instintos. E essa restrição rigorosa de qualquer vida sexual que não a estritamente necessária para garantir a permanência da espécie é apenas uma (embora seja a mais espantosa) das muitas economias vitais da formiga. Toda aptidão para o prazer egoísta — no sentido comum do termo “egoísta” — foi também reprimida por meio de modificações fisiológicas. Não resta satisfação possível de qualquer um dos apetites naturais, exceto na medida em que essa satisfação possa beneficiar direta ou indiretamente a espécie; até as necessidades indispensáveis como o sono e a alimentação só podem ser garantidas na medida exata da manutenção saudável das atividades. O indivíduo só pode existir, agir e pensar em prol do bem comum; e a comunidade se vangloria por ser capaz de recusar, até onde a lei cósmica permite, que o Amor ou a Fome a governem.

Muitos de nós fomos criados com a certeza de que, sem alguma espécie de crença religiosa — sem a esperança de recompensas ou o medo de punições futuras —, não pode haver civilização. Fomos ensinados a pensar que, na ausência de leis embasadas em ideias morais, e na ausência de uma polícia eficaz em impor essas leis, quase todos agiriam em benefício próprio, em prejuízo do grupo. Os fortes destruiriam os mais fracos; a piedade e a compaixão desapareceriam; e todo o tecido social seria desmanchado... Esses ensinamentos revelam o quanto a natureza humana é imperfeita; e contêm certas verdades evidentes. Mas os primeiros a proclamar essa verdade, há milhares e milhares de anos, jamais imaginaram que pudesse existir uma forma de existência social em que o egoísmo é *naturalmente* impossível. Coube à Natureza não religiosa nos fornecer provas concretas de que é possível existir uma sociedade em que o prazer de agir com benevolência desbanca a ideia de um dever; uma sociedade em que a

moralidade instintiva prescinde de qualquer código de ética; uma sociedade em que todo e qualquer membro nasce tão desprovido de egoísmo, tão energicamente bom, que qualquer ensinamento moral, até mesmo para os mais jovens, não passaria de perda de tempo.

O evolucionista diria que esses fatos sugerem, é claro, que o valor de nossa mais elevada moral é passageiro; e que algo melhor que a virtude, melhor que a gentileza, melhor que a abnegação (no sentido que esses termos têm no presente) poderia, sob condições específicas, vir a substituí-los. Ele se vê obrigado a encarar a questão de que um mundo sem conceitos morais pode ser melhor do que um mundo onde a conduta é regrada por esses conceitos. Ele chegará a se perguntar se a existência de mandamentos religiosos, leis morais e modelos de ética em nossa sociedade não comprova que estamos ainda num estágio primitivo de evolução social. E é natural que essas perguntas acarretem outra: será que a humanidade é capaz de atingir, neste mundo, condições éticas ainda mais elevadas do que essas que podemos idealizar? Nesse estado, tudo o que hoje entendemos como um mal atrofiaria até sumir, e tudo o que chamamos de virtude seria transmutado em instinto — um estado de altruísmo em que os conceitos e códigos éticos seriam tão dispensáveis como nas sociedades das formigas superiores.

Os gigantes do pensamento moderno se debruçaram sobre essa questão; e os maiores dentre eles responderam que isso seria, em parte, possível. Herbert Spencer acreditava que a humanidade poderia alcançar um estado de civilização comparável, em sua ética, ao das formigas:

Se, em meio às criaturas de uma ordem inferior, encontramos casos em que a constituição natural é de tal maneira modificada a ponto de atividades altruístas serem indistinguíveis das egoístas, é irresistível supor que algo paralelo pudesse surgir entre os seres humanos, sob

condições análogas. Os insetos sociais nos fornecem exemplos muito pertinentes: mostram-nos, de fato, a que maravilhoso grau a vida de um indivíduo pode ganhar sentido na subserviência à vida de outros indivíduos [...] Não podemos pressupor que a formiga ou a abelha possuem o conceito do “dever”, ao menos não no sentido que atribuímos ao termo; tampouco podemos dizer que esses insetos se submetem a sacrifícios constantes, não no sentido que nós entendemos [...] [Os fatos] nos mostram que está dentro de nossas capacidades de organização produzir uma natureza que persiga fins altruístas com a mesma energia — ou até mais energia — com que perseguimos, em outros casos, fins egoístas. E mostraram, nos exemplos dados, que certos fins altruístas foram perseguidos com finalidades que foram, por um outro viés, egoístas. Para que as necessidades da organização sejam satisfeitas, essas ações que visam ao bem comum *devem* ser realizadas [...]

Está bem longe de ser verdade que, no futuro, nós viveremos em uma condição em que o interesse próprio será submetido a todo instante ao interesse dos outros; pelo contrário, no futuro, agir em benefício alheio acabará sendo uma fonte de prazer tão grande que suplantará o prazer derivado das gratificações egoístas... No fim, chegaremos a um estágio em que o egoísmo e o altruísmo estarão de tal modo conciliados que acabarão por se fundir.

6

É evidente que essas previsões não implicam que a natureza humana vá algum dia sofrer mudanças fisiológicas como as especializações que diferenciam as várias castas das sociedades dos insetos. Não estamos sendo convidados a imaginar um estágio futuro da humanidade em que a atividade da maior parte das pessoas se resume a ser quase-fêmeas, trabalhadoras

ou amazonas, que trabalham arduamente em prol de uma minoria ociosa de Mães Eleitas. Nem mesmo o sr. Spencer arriscou detalhar em seu capítulo “A população humana no futuro” quais seriam as modificações físicas necessárias para a produção de uma moralidade mais elevada — embora sua declaração mais geral sobre o aperfeiçoamento do sistema nervoso e a redução drástica da fertilidade humana sugira que esse grau de evolução moral exija mudanças físicas robustas. Se é legítimo acreditar que a humanidade pode vir a ter um futuro no qual o prazer do benefício mútuo trará à vida suas maiores alegrias, quando olhamos para os fatos da biologia dos insetos não seria válido imaginar outras transformações, tanto físicas como morais, para as quais já temos provas suficientes de serem possíveis em termos evolutivos? Não sei. Sou um adorador devoto de Herbert Spencer, e o tenho como o maior filósofo que já houve na face da Terra; e escrevendo algo contrário a seus ensinamentos, detestaria que o leitor imaginasse que levanto argumentos inspirados pela Filosofia Sintética.^[4] Assim, assumo toda responsabilidade pelas reflexões a seguir; se eu errar, que o pecado caia apenas sobre minha cabeça.

Imagino que as transformações morais previstas pelo sr. Spencer só seriam possíveis em decorrência de certas mudanças fisiológicas, e a um custo terrível. As condições éticas que as sociedades dos insetos sustentam só puderam ser alcançadas após milhões de anos de esforço e desespero contínuos diante das mais atrozidades insuficiências. É possível que a raça humana ainda tenha de enfrentar uma escassez igualmente impiedosa, e o sr. Spencer já expôs que o momento de maior sofrimento humano ainda está por vir, e que ele será concomitante ao período de máxima pressão demográfica. Entre outras consequências da exposição prolongada a fatores alarmantes, entendo que a humanidade terá um aumento notável de inteligência e empatia: e que esse aumento da

inteligência só será possível à custa da fertilidade humana. Mas essa perda de poder reprodutivo não será suficiente, dizem, para garantir as melhores condições sociais: será apenas o bastante para aliviar a pressão demográfica que terá sido a principal causa do sofrimento humano. Estaremos mais próximos de um estágio de perfeito equilíbrio social, mas a humanidade jamais o alcançará de fato —

A menos que se descubra algum meio de resolver os problemas econômicos, como fizeram os insetos sociais ao suprimirem a vida sexual.

Supondo que se descobrisse esse meio, e que a raça humana decidisse interromper o desenvolvimento sexual na maior parte de seus jovens — a fim de transferir para o desenvolvimento de atividades mais elevadas as forças que, no estado atual, são exigidas pela vida sexual —, não seria o resultado disso um estágio final de polimorfismo, como no caso das formigas? E, nesse cenário, a Raça Vindoura não seria representada por tipos superiores, frutos da evolução feminina, e não masculina, e que caminham para se tornarem uma maioria de seres pertencentes a sexo nenhum?

Se considerarmos a quantidade de pessoas que, mesmo hoje e por motivos inteiramente não egoístas (sem mencionar os religiosos), se sentenciam ao celibato, não seria improvável que uma humanidade mais evoluída sacrificasse alegremente grande parte de sua vida sexual em nome do bem comum, sobretudo tendo ganhos específicos em vista. Um dos principais — se imaginarmos que a humanidade seria capaz de controlar a própria vida sexual naturalmente, como fazem as formigas — seria um aumento abundante da longevidade. Os exemplares mais elevados dessa humanidade que terá superado o sexo seriam capazes de realizar o sonho de viver mil anos.

No momento presente, a vida já nos parece curta demais para o trabalho que temos; e, com os progressos cada vez mais velozes das novas descobertas e a incessante expansão do

conhecimento, encontraremos cada vez mais motivos para lamentar a brevidade da existência. É extremamente improvável que a ciência um dia descubra o elixir dos alquimistas. Nenhum de nós engana os poderes cósmicos. Cada vantagem que nos concedem é sempre paga em preço cheio: a lei eterna é que tudo tem um custo. Talvez a humanidade descubra que o custo de uma vida longa é pago à maneira das formigas. Talvez, em algum planeta mais antigo, esse preço já tenha sido pago, e o poder de engendrar filhos tenha sido restrito a uma casta diferenciada morfologicamente — de maneiras inimagináveis — do resto da espécie...

7

Mas além de os fatos da biologia dos insetos terem muito a sugerir quanto aos rumos futuros da evolução humana, não seriam esses fatos também sugestivos de algo da maior importância a respeito das relações entre a ética e a lei do cosmos? Ao que parece, a evolução máxima não é concedida às criaturas capazes de tudo aquilo que a experiência humana em todas as eras sempre condenou. Ao que parece, não existe nada tão possante quanto a força do altruísmo. E o poder supremo jamais acatará a crueldade ou a lascívia. É possível que os deuses não existam; mas as forças físicas que moldam e dissolvem todas as formas da vida parecem ser muito mais exigentes do que os deuses. É impossível comprovar que, no movimento das estrelas, haja qualquer “tendência dramática”; e, no entanto, os processos cósmicos parecem afirmar que todo sistema de ética humana fundamentalmente contrário ao egoísmo tem seu valor.

Notas

PREFÁCIO: A VIDA ESTRANHA DE LAFCADIO HEARN

[1] Agradeço a Luis Campagnoli, Fábio Bonillo, Leda Cartum e Miguel Nassif pelas leituras e conversas.

[2] Lafcadio Hearn apud Elizabeth Bisland, *The Life and Letters of Lafcadio Hearn*, v. 2. Boston/ Nova York: Houghton, Mifflin & Co., 1906.

[3] Id., apud Elizabeth Bisland, *The Life and Letters of Lafcadio Hearn*, v. 1. Boston/ Nova York: Houghton, Mifflin & Co., 1906.

[4] Id., apud Paul Murray, *A Fantastic Journey: The Life and Literature of Lafcadio Hearn*. Nova York: Routledge, 2016.

[5] *Creole* é usado no mesmo sentido que *criollo* nos países da América hispânica, diferente da acepção mais comum para “crioulo” no Brasil. O termo designa os cidadãos nascidos na América que têm ascendência espanhola ou francesa; também se refere às culturas dessas pessoas, que podem ser brancas ou negras, das classes sociais mais altas ou baixas. Nova Orleans era, e ainda é, um polo de cultura *creole*.

[6] Elizabeth Bisland, v. 1, op. cit.

[7] Ibid.

[8] Setsuko Koizumi, *Reminiscences of Lafcadio Hearn* [1918]. Trad. de Paul Kiyoshi Hisada e Frederick Johnson. Nebraska: University of

Nebraska-Lincoln, 2022.

[9] Ibid.

[10] Ibid.

[11] Lafcadio Hearn, “Violent Cremation”. In: *Enquirer*, Cincinnati, 7 nov. 1874.

[12] Gerardo Mello Mourão, “A geopoética de Euclides”. In: *A invenção do saber*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

[13] Harold C. Goddard, *The Meaning of Shakespeare*. Chicago: University of Chicago Press, 1951.

[14] Bilhete sem data. In: Milton Bronner (Org.), *Letters from the Raven: Being the Correspondence of Lafcadio Hearn with Henry Watkin*. Nova York: Brentano’s, 1907.

[15] Elizabeth Bisland, v. 1, op. cit.

[16] Ibid.

[17] Carta de Basil Hall Chamberlain apud Elizabeth Bisland, v.1, op. cit.

[18] Bilhete sem data. In: Milton Bronner (Org.), op. cit.

[19] Lafcadio Hearn, *Chita: A Memory of Last Island*. Nova York/Londres: Harper & Brothers, 1889.

[20] Elizabeth Bisland, v. 1, op. cit.

[21] Ibid.

[22] Gustave Flaubert, *The Temptation of Saint Anthony*. Trad. de Lafcadio Hearn [1897]. Nova York: Modern Library, 2002.

[23] Lafcadio Hearn, *Gombo Zhèbes: Little Dictionary of Creole Proverbs*. Nova York: Will H. Coleman, 1885.

[24] Id., *La Cuisine Creole: A Collection of Culinary Recipes from Leading Chefs and Noted Creole Housewives, Who Have Made New Orleans Famous for its Cuisine* [1885]. Cincinnati: Cincinnati & Hamilton County Public Library, 1922. A autora deste prefácio recomenda a receita para ketchup de cogumelos e a “sobremesa para uma pessoa delicada”.

[25] Id., *Youma: The Story of a West-Indian Slave*. Nova York: Harper & Brothers, 1809.

[26] Rudyard Kipling, “The Changelings” [1926]. Londres: Hodder and Stoughton, 1940.

[27] Roger Pulvers, *The Dream of Lafcadio Hearn: A Novel, with an Introduction*. Kumamoto: Kurodahan Press, 2011.

[28] Lafcadio Hearn apud Christopher Benfey, *The Great Wave: Gilded Age Misfits, Japanese Eccentrics, and the Opening of Old Japan*. Nova York: Random House, 2004.

[29] Elizabeth Bisland, v. 1, op. cit.

[30] Agradeço a Fábio Bonillo por me apresentar à figura de Wenceslau de Moraes (1854-1929), escritor e viajante considerado uma espécie de Lafcadio Hearn português, por suas passagens pela China e pelo Japão.

[31] Lafcadio Hearn, “Strangeness and Charm”. In: *Japan: An Attempt at Interpretation*. Nova York: Grosset & Dunlap, 1924.

[32] Elizabeth Bisland, v. 2, op. cit.

[33] Setsuko Koizumi, op. cit.

A HISTÓRIA DE MIMI-NASHI HÔICHI

[1] Ver meu *Kottō*, para uma descrição desses curiosos caranguejos. (Todas as notas são do autor, salvo indicação contrária.)

[2] Ou Shimonoseki. A cidade também é conhecida pelo nome de Bakkan.

[3] Espécie de alaúde de quatro cordas, a *biwa* é usada sobretudo como acompanhamento da declamação musical. Antigamente, os menestrelis profissionais que recitavam o *Heike-Monogatari* e outras histórias trágicas eram chamados de *biwa-hōshi*, ou monge alaudista. A origem dessa denominação não é clara; é possível que se refira ao fato de que os monges alaudistas, bem como os cegos que lavam cabelos, tinham a cabeça raspada, como monges budistas. A *biwa* é tocada com *bachi*, uma espécie de palheta que costuma ser feita de chifre.

[4] Senhor de terras, no Japão pré-moderno. (N.T.)

[5] Termo respeitoso que os samurais empregavam para chamar os guardas em serviço, a fim de que admitissem a entrada de um senhor pelo portão.

[6] Ou se poderia traduzir a frase como: “A piedade dessa parte é a mais profunda”. A expressão japonesa para “piedade” é, no texto original, *awaré*.

[7] Nii-no-Ama (“freira de segundo grau”) é o título budista de Taira-no-Tokiko, avó do imperador bebê. (N.T.)

[8] “Viajar à paisana” é o sentido da frase original — “realizando uma viagem augusta sob disfarce” (*shinobi no go-ryokō*).

[9] A versão menor do Prajna-Paramita-Hridaya-Sutra recebe esse nome em japonês. Tanto o sutra maior quanto o menor, o Prajna-Paramita (“Sabedoria transcendental”), foram traduzidos pelo falecido prof. Max Müller e podem ser encontrados no volume 49 do *Sacred Books of the East* [Livros sagrados do Oriente] (“Buddhist Mahâyâna Sûtras”). A respeito do uso mágico do texto, como descrito na história, vale notar que o tema do sutra é a Doutrina do Esvaziamento das Formas, ou seja, o caráter irreal de todos os fenômenos ou númenos... “A forma é o vazio, e o vazio, a forma. O vazio não difere da forma; a forma não difere do vazio. O que é a forma? É isso o vazio. O que é o vazio? É isso a forma. Não existem olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo nem mente... Mas quando o invólucro da consciência é aniquilado, então ele [o *buscador*] se torna livre de qualquer medo e além do alcance das mudanças, para desfrutar do último Nirvana.”

OSHIDORI

[1] Desde tempos imemoriais, no Extremo Oriente essas aves são vistas como emblema do afeto conjugal.

[2] O terceiro verso tem um duplo sentido que provoca páthos; pois as sílabas que compõem o nome *Akanuma* (“Charco vermelho”) podem ser lidas também como *akanu-ma*, que significa “o momento de nossa relação inseparável (ou prazerosa)”. Então o poema poderia igualmente ser traduzido como: “Quando o dia começou a falhar/ Eu o convidei a me acompanhar/ Agora, passado o momento

de nossa feliz relação/ Que tristeza é dormir sozinha na sombra das correntezas!”. O *makomo* é uma espécie de junco grande, utilizado na confecção de cestos.

A HISTÓRIA DE O-TEI

[1] O termo budista *zokumyō* (nome profano) refere-se ao nome pessoal, conferido quando a pessoa nasce, e é diferente do *kaimyō* (“nome póstumo”) ou *homyō* (“nome de Lei”), atribuído depois da morte — trata-se de apelações póstumas inscritas sobre o túmulo ou tábua mortuária no templo local. Se quiser saber mais sobre esses nomes, ver meu ensaio “The Literature of the Dead” [A literatura dos mortos] em *Exotics and Retrospectives* [Exotismos e retrospectivas].

[2] Altar doméstico do budismo.

DIPLOMACIA

[1] Casa ou propriedade de um *daimyō*. (N.T)

[2] Um ritual *Segaki* é um serviço especial do budismo, realizado em nome de seres que parecem ter passado para a condição de *gaki* (*pretas*), espíritos famintos. Para um breve relato desse serviço, ver meu texto *Japanese Miscellany* [Miscelâneas japonesas].

SOBRE UM ESPELHO E UM SINO

[1] Referência ao poema “Sister Helen”, de Dante Gabriel Rossetti. (N.T.)

[2] Entre uma hora e três horas da madrugada. (N.T)

JKININKI

[1] “Um *goblin* comedor de gente.” O narrador japonês também oferece o termo em sânscrito, *Râkshasa*, palavra tão vaga quanto *jikininki*, já que existem diversos tipos de *Râkshasas*. A palavra *jikininki* parece aqui ter o mesmo significado de um dos *Baramon-Rasetsu-Gaki*, que compõe a vigésima sexta classe de *pretas* elencados nos antigos livros budistas.

[2] “Pedra de cinco círculos [ou cinco zonas].” Monumento funerário que consiste em cinco partes sobrepostas — cada uma de um formato —, simbolizando os cinco elementos místicos: éter, ar, fogo, água e terra.

MUJINA

[1] Em japonês, texugo ou guaxinim, também usado para se referir a um tipo de *yokai*. (N.T.)

[2] O-*jochū* (“moça honrada”) é uma forma de tratamento respeitosa, empregada ao se dirigir a uma jovem desconhecida.

[3] Soba é um tipo de macarrão comprido, preparado com trigo sarraceno.

ROKUROKUBI

[1] A era Eikyō durou de 1429 a 1441.

[2] Veste dos monges budistas, usada por cima das outras roupas.

[3] Uma espécie de pequeno fogareiro, construído no chão de um aposento. O *ro* costuma ser uma abertura rasa e quadrada, forrada de metal e cheia até a metade de cinzas, sobre as quais se acende o carvão.

[4] Presente ou lembrança dada aos amigos ou ao lar no retorno de uma viagem. Normalmente, é claro, um *miyage* é alguma coisa típica do lugar a que se viajou — esse é o sentido do gracejo de Kwairyō.

UM SEGREDO QUE MORRE

[1] A Hora do Rato (*Ne-no-Kobu*), segundo o antigo método japonês de contar as horas, era a primeira hora. Corresponde ao momento entre a meia-noite e duas da manhã, segundo nossa contagem; as antigas horas japonesas equivalem a duas horas modernas.

[2] *Kaimyō*, o nome póstumo dos budistas, ou nome religioso, dado aos mortos. O sentido da palavra é “sila”. (Ver meu ensaio “The Literature of the Dead” [A literatura dos mortos], em *Exotics and Retrospectives*.)

YUKI-ONNA

[1] Modo de dizer que se tratava de uma área de cerca de 1,8 metro quadrado.

[2] Este nome, que significa “neve”, não é raro. Sobre os nomes japoneses femininos, ver meu artigo que consta do volume *Shadowings* [Sombreamentos].

A HISTÓRIA DE AOYAGI

[1] O nome significa “salgueiro verde”; embora raro, ainda é utilizado.

[2] O poema pode ser lido de duas formas e algumas das frases têm um duplo sentido. Mas a arte de sua construção exige bastante tempo para ser explicada, e pouco interessa ao leitor ocidental. O

sentido que Tomotada desejou passar pode ser exprimido da seguinte maneira: “Enquanto viajava para visitar minha mãe, conheci um ser adorável como uma flor; e por causa dessa pessoa adorável, acabei passando o dia aqui... Bela moça, por que você enrubesce com a cor da aurora antes da hora do dia raiar? Será que é porque você me ama?”.

[3] Outra leitura é possível, mas essa é a que oferece o significado da *resposta* pretendida.

[4] Ou, ao menos, é o que o narrador japonês nos leva a crer — embora os versos traduzidos pareçam banais. Tentei oferecer apenas o sentido geral deles: uma tradução literária efetiva exigiria mais erudição.

JIU-ROKU-ZAKURA

[1] Não conte mentiras / Cerejeiras do décimo sexto dia / Começam a florir! (N.T.)

O SONHO DE AKINOSUKE

[1] O nome “Tokoyo” é indefinido. A depender do contexto, pode se referir a qualquer região desconhecida — ou *àquela* região desconhecida da qual nenhum viajante retorna — ou ao Mundo das Fadas dos contos orientais, o Reino de Hōrai. O termo “*kokuō*” refere-se ao governante de um país — portanto, ao rei. A frase original, *Tokoyo no Kokuō*, pode ser traduzida aqui como “governante de Hōrai”, ou “o rei do Mundo das Fadas”.

[2] A última frase, segundo o antigo costume, deveria ser proferida simultaneamente por ambos os vassalos. Todos esses ritos cerimoniais podem ser analisados ainda hoje no teatro japonês.

[3] Esse era o nome dado ao estrado ou trono em que um príncipe feudal ou governante sentava. O termo significa “grande assento”.

RIKI-BAKA

[1] Sistemas de escrita silábicos do japonês, diferentes do kanji, que é a escrita em ideogramas derivados do sistema chinês. (N.T.)

[2] Uma faixa quadrada de algodão, ou outro tecido, usada como embalagem para carregar pequenos pacotes.

HI-MAWARI

[1] “*Believe me, if all those endearing young charms/ which I gaze on so fondly today*”, canção tradicional irlandesa que remonta ao século 18, com letra do poeta Thomas Moore. (N.T.)

[2] “*As the sunflower turns on her god, when he sets,/ The same look that she turned when he rose*”, continuação da canção mencionada anteriormente. (N.T.)

[3] No original, o autor cita um famoso trecho da canção de Ariel, da peça *A tempestade*, de Shakespeare: “*Robert must long ago have suffered a sea-change into something rich and strange*”; remeto à tradução de José Francisco Botelho (*A tempestade*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2022). Na peça, os versos referem-se às mudanças que acometem uma vítima de naufrágio (cf. Ato 1, cena 2). (N.T.)

ESTUDOS SOBRE INSETOS

BORBOLETAS

[1] Taira-no-Masakado (?-940), aristocrata e samurai que liderou uma rebelião contra o governo de Kyoto. (N.T.)

[2] “A ninfa pudica seu Deus viu, e enrubesceu.” (Ou, de modo mais coloquial: “A água pudica viu seu Deus, e enrubesceu”.) O duplo sentido de *nympha* desse verso — usado pelos poetas clássicos

tanto para se referir a fontes quanto à divindade das fontes ou nascentes — remete aos duplos sentidos graciosos com os quais os poetas japoneses brincam.

[3] É mais comum ser escrito como *nugi-kakeru*, que significa “tirar e pendurar” ou “começar a tirar”, como no poema. Com menos rigor, mas talvez mais efeito, os versos poderiam ser traduzidos assim: “Como uma mulher que se despe do *haori* — essa é a aparência da borboleta”. É preciso ter visto alguma vez essa veste japonesa para poder valorizar a comparação. O *haori* é uma espécie de casaco de seda — qual uma capa com mangas — usado por ambos os sexos; mas o poema sugere o *haori* de uma mulher, que costuma ser de uma cor ou material mais rico. As mangas são largas, e o forro normalmente é de uma seda de cor bastante chamativa, ou, muitas vezes, de várias cores belamente combinadas. Ao tirar o *haori*, o forro brilhante é exposto, e nesse instante o esplendor de seu movimento pode ser comparado à aparência de uma borboleta voando.

[4] O bastão do apanhador de pássaros é coberto de visgo; e os versos sugerem que a borboleta está impedindo o homem de usar seu bastão, porque insiste em se intrometer — e, assim, os pássaros podem receber seu aviso ao ver que ela acaba colada ao bastão. *Jama suru* significa “impedir” ou “prevenir”.

[5] Mesmo quando ela descansa, podem-se ver as asas da borboleta tremendo de tempos em tempos — como se a criatura sonhasse com o voo.

[6] Pequeno poema de Bashō, o maior compositor de *hokku* do Japão. Os versos procuram sugerir o sentimento de alegria da primavera.

[7] “Um dia sem vento”; mas o duplo negativo no japonês não sugere necessariamente um positivo, como para nós. O sentido é que, embora não haja vento, o movimento de voo das borboletas indica, pelo menos ao olhar, que há uma brisa forte soprando.

[8] Em alusão ao ditado budista: *Rakkwa eda ni kaerazu; ha-kyō futatabi terasazu* (A flor caída não retorna ao galho; o espelho quebrado não volta a refletir). Assim diz o ditado: “E no entanto me pareceu ter visto uma flor caída retornar ao galho... não: era apenas uma borboleta”.

[9] Provável alusão ao movimento esvoaçante e leve das pétalas da cerejeira quando caem.

[10] Ou seja, o encanto de seus movimentos remete ao encanto das jovens bem arrumadas, de vestidos com mangas longas e esvoaçantes... Um antigo ditado japonês afirma que até mesmo o Mal é bonito aos dezoito anos: *Oni mo jiuhachi azami no hana*: Até mesmo um diabo aos dezoito, flor-de-cardo.

[11] Ou talvez se pudesse traduzir melhor esses versos como: “Felizes juntos, você diz? Sim — se pudéssemos renascer como borboletas do campo em alguma vida futura: aí, quem sabe, concordávamos!”. O poema foi escrito pelo famoso poeta Issa, quando se divorciou da mulher.

[12] Ou, *Tare no tama?*

[13] “O coração de perseguir borboletas é o que desejo sempre ter”, isto é: que eu pudesse sempre encontrar prazer nas coisas mais simples, como uma criança alegre.

[14] Um velho equívoco popular — provavelmente importado da China.

[15] Nome sugerido pela semelhança entre a cobertura artificial da larva e o *mino*, ou capa de chuva de palha, usada pelos camponeses no Japão. Não sei se a tradução de dicionário [para o inglês], “*basket-worm*” [*Thyridopteryx ephemeraeformis*], é correta; mas a larva comumente chamada de *minomushi* de fato constrói para si mesma algo bastante parecido com o casulo da *basket-worm*.

[16] Nabo comprido, frequentemente usado em conservas. (N.T.)

[17] *Pyrus spectabilis*, espécie de pera. (N.T.)

[18] Espírito maligno.

FORMIGAS

[1] “Na falta de melhores”, em francês no original. (N.T.)

[2] Hearn refere-se à edição de 1899 da série. O sexto volume contém o artigo de David Sharp, importante entomólogo britânico,

especialista em besouros (escreveu inclusive sobre algumas espécies japonesas), além de defensor das ideias de Herbert Spencer, de quem era amigo próximo. (N.T.)

[3] É interessante que a palavra japonesa para formiga, *ari*, seja representada por um ideograma formado pelo caractere para “inseto” combinado ao caractere que significa “retidão moral”, “decoro” (*giri*). Então o ideograma chinês significa, de fato “o inseto da retidão”.

[4] Isto é, inspirados pelo próprio Herbert Spencer. (N. T.)



F. Gutekunst Studio, 1889

LAFCADIO HEARN foi um dos maiores intérpretes da cultura japonesa no Ocidente. Filho de mãe grega e pai irlandês, nasceu em 1850, no contexto da colonização britânica, numa família rica que empobreceu de repente. Nos Estados Unidos, foi escritor e jornalista. Perseguidor do contato com o outro mundo, estabeleceu-se de vez no Japão, onde se tornou Yakumo Koizumi, nome que carregou até a morte, em 1904.

Copyright da tradução © 2023 Editora Fósforo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida, arquivada ou transmitida de nenhuma forma ou por nenhum meio sem a permissão expressa e por escrito da Editora Fósforo.

Título original: *Kwaidan – Ghost Stories and Strange Tales of Old Japan*

EDITORA Eloah Pina

EDIÇÃO Maria Emília Bender

ASSISTENTES EDITORIAIS Cristiane Alves Avelar e João Gabriel Telles

PREPARAÇÃO Julia de Souza

REVISÃO Thaisa Burani e Andrea Souza

DIRETORA DE ARTE Julia Monteiro

CAPA E ILUSTRAÇÕES Pedro Inoue

PROJETO GRÁFICO Alles Blau

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA Página Viva

VERSÃO DIGITAL Marina Pastore

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Hearn, Lafcadio, 1850-1904

Kwaidan [livro eletrônico] : histórias de fantasma e outros contos estranhos do Japão antigo / Lafcadio Hearn ; tradução Sofia Nestrovski. -- São Paulo : Fósforo, 2023.
ePub

Título original: Kwaidan

ISBN 978-65-84568-65-5

1. Contos japoneses 2. Fantasmas 3. Japão - Cultura 4.
Sobrenatural na literatura I. Título.

23-163534

CDD-895.635

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura japonesa 895.635

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB-8/8415



Editora Fósforo

Rua 24 de Maio, 270/276

10º andar, salas 1 e 2 — República

01041-001 — São Paulo, SP, Brasil

Tel: (11) 3224.2055

contato@fosforoeditora.com.br

www.fosforoeditora.com.br



O lugar

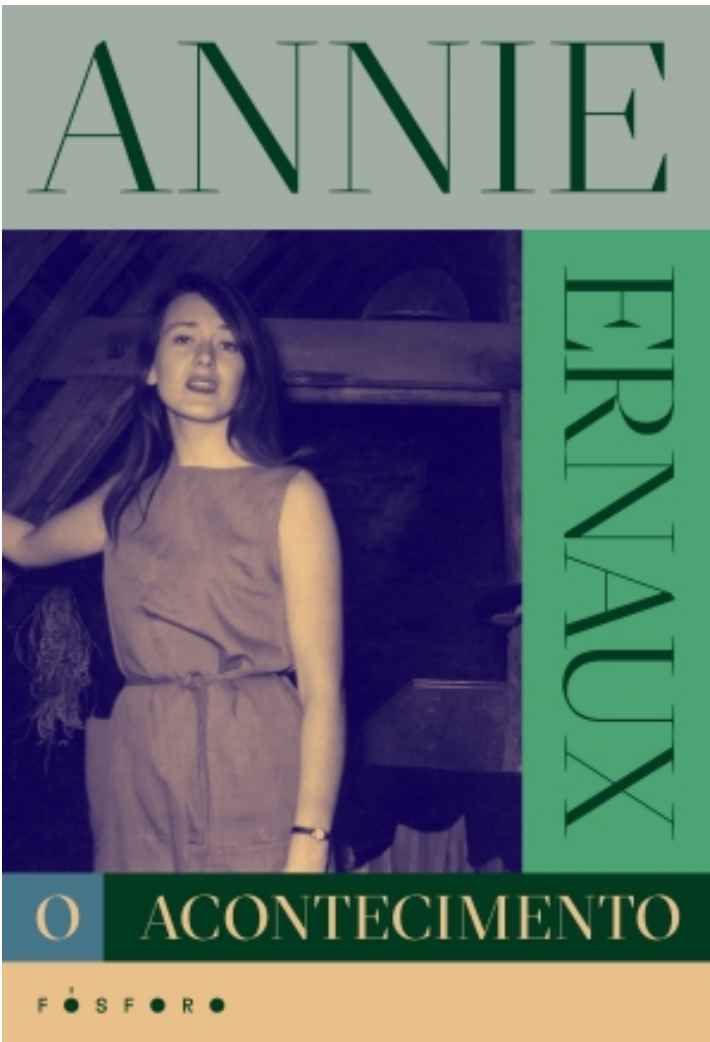
Ernaux, Annie
9786589733034
72 páginas

[Compre agora e leia](#)

Livro que lançou Annie Ernaux à fama, O lugar, inédito no Brasil, estabelece as bases para o projeto literário que Ernaux levaria

adiante por três décadas de consagração crítica e sucesso de público. Nesta autossociobiografia, uma das mais importantes escritoras vivas da França se debruça sobre a vida do próprio pai para esmiuçar relações familiares e de classe, numa mistura entre história pessoal e sociologia que décadas mais tarde serviria de inspiração declarada a expoentes da auto ficção mundial e grandes nomes da literatura francesa como Édouard Louis e Didier Eribon. O resultado é um clássico moderno profundamente humano e original.

[Compre agora e leia](#)



O Acontecimento

Ernaux, Annie
9786589733782
80 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em 1963, Annie Ernaux, então uma estudante de 23 anos, engravida do namorado que acabara de conhecer. Sem poder

contar com o apoio dele ou da própria família numa época em que o aborto era ilegal na França, ela vive praticamente sozinha o acontecimento que tenta destrinchar neste livro quarenta anos depois, quando já é uma das principais escritoras de seu país. Com a ajuda de entradas de seu diário e de memórias há muito guardadas, Ernaux reconstrói seu périplo solitário para realizar um aborto clandestino. Ao refletir sobre a onipresença da lei e seu imperativo sobre o corpo feminino, Ernaux nos apresenta mais uma face da mescla indissociável do íntimo e do coletivo tão característica de todo o seu percurso literário. Quando por fim encontra uma "fazedora de anjos" disposta a realizar o serviço, a jovem acaba na ala de emergência de um hospital. Anos se passam sem que ela tenha coragem de revisitar o episódio. Em sua relação radical com a escrita, porém, Ernaux encontra o caminho para falar publicamente de seu aborto e fazer da literatura uma profissão de fé, que comove pela honestidade cortante: "o verdadeiro objetivo da minha vida talvez seja apenas este: que meu corpo, minhas sensações e meus pensamentos se tornem escrita, isto é, algo inteligível e geral, minha existência completamente dissolvida na cabeça e na vida dos outros".

[Compre agora e leia](#)



O Jovem

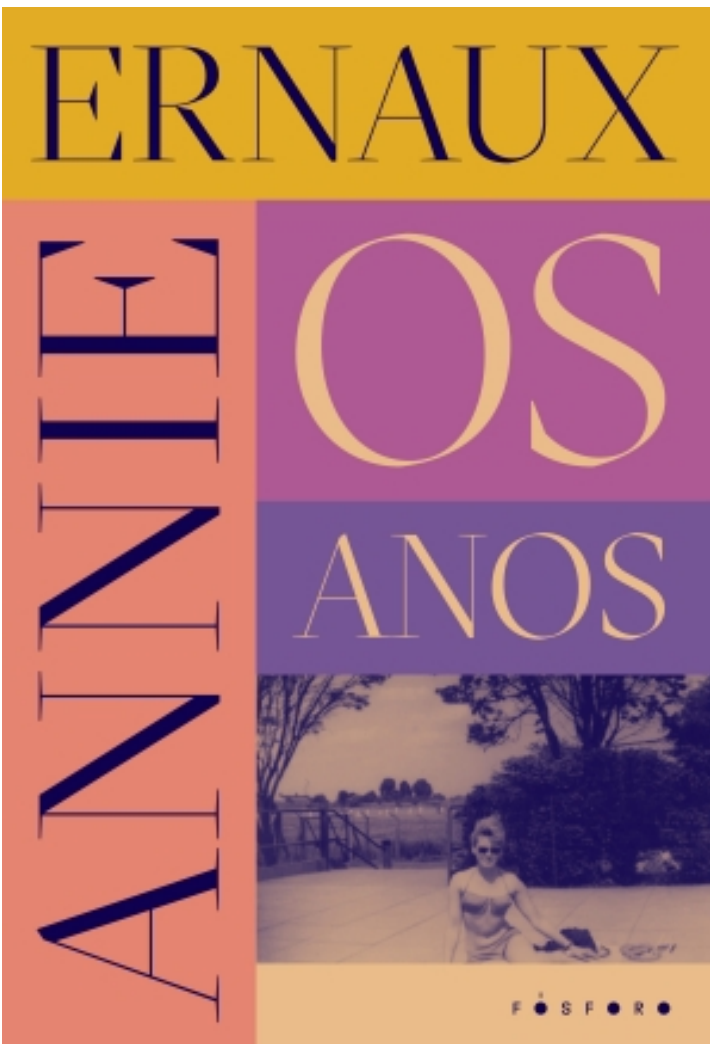
Ernaux, Annie
9786584568181
56 páginas

[Compre agora e leia](#)

Se a capacidade de dizer muito com poucas palavras é um traço característico de Annie Ernaux, ela parece ter atingido um dos

pontos mais altos de sua produção literária em *O jovem*. Nas breves páginas deste livro magistral, a vencedora do Prêmio Nobel de 2022 dá conta de uma miríade de temas e afetos ao rememorar o relacionamento que teve, aos 54 anos, com um estudante trinta anos mais novo. Como de costume, Ernaux nunca fala de uma só coisa ao escrever. Para além da diferença de idade dos amantes, estão presentes em *O jovem* reflexões sobre o desejo feminino, o relacionamento entre pessoas de classes sociais diversas, a passagem do tempo, a memória — individual e coletiva —, a escrita e o papel da mulher na sociedade francesa dos anos 1990, que pouco difere da nossa em certos aspectos. Absorta pelo romance, Ernaux descreve: "Meu corpo não tinha mais idade. Era necessário o olhar pesado e reprovador de clientes ao nosso lado num restaurante para que eu me desse conta desse corpo. Olhar que, longe de me envergonhar, reforçava minha determinação de não esconder meu relacionamento com um homem 'que poderia ser meu filho', enquanto qualquer sujeito de cinquenta anos podia se exibir com uma moça que claramente não era sua filha sem nenhuma reprovação". Quando reflete sobre o papel do jovem em sua vida, Ernaux se dá conta de que não é tanto pelo que trouxe de novo, mas justamente pela repetição, que ele deixou sua marca: essa dimensão filosófica dos relacionamentos — que já havia sido citada pela autora em *Os anos* com o nome de "sensação palimpsesto" — é destrinchada aqui com a maestria de uma escritora para quem a passagem do tempo acrescenta novas camadas àquilo que ela tem a dizer e à qualidade de sua escrita.

[Compre agora e leia](#)



Os anos

Ernaux, Annie
9786589733157
224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Uma das principais escritoras francesas da atualidade, Annie Ernaux, empreende neste livro a ambiciosa e bem-sucedida tarefa

de escrever uma autobiografia impessoal. Com ousadia e precisão estilística, ela lança mão de um sujeito coletivo e indeterminado, que ocupa o lugar do eu para dar luz a um novo gênero literário, no qual recordações pessoais se mesclam à grande História, numa evocação do tempo única. Nascida em 1940, em uma pequena cidade no interior da França, Ernaux pertence a uma geração que veio ao mundo tarde demais para se lembrar da guerra, mas que foi receptora imediata das recordações e mitologias familiares daquele tempo. Uma geração que nasceu cedo demais para estar à frente de Maio de 68, mas que ainda assim viu naquelas manifestações a possibilidade dos mais jovens de uma liberdade que por pouco não pode gozar. Finalista do International Booker Prize e vencedor dos prêmios Renaudot na França e Strega na Itália, *Os anos* é uma meditação filosófica poderosa e uma saborosa crônica de seu tempo. Pela prosa original de Ernaux, vemos passar seis décadas de acontecimentos, entre eles a Guerra da Argélia, a revolução dos costumes, o nascimento da sociedade de consumo, as principais eleições presidenciais francesas, a virada do milênio, o 11 de Setembro e as inovações tecnológicas, signo sob o qual vivemos até hoje.

[Compre agora e leia](#)



A Vergonha

Ernaux, Annie
9786584568259
88 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Meu pai tentou matar minha mãe num domingo de junho, no começo da tarde." Com a linguagem cortante e desprovida de

sentimentalismos pela qual ficou conhecida, Annie Ernaux inicia mais um capítulo do seu projeto literário, dedicado a investigar a própria existência em sua dimensão social. Ao se debruçar sobre um episódio de violência doméstica do pai contra a mãe quando tinha doze anos, a escritora põe em curso o doloroso processo de rememoração de uma experiência traumática, ao mesmo tempo que identifica nesse incidente a gênese de um sentimento que passaria a acompanhá-la para o resto da vida. "Era normal sentir vergonha", escreve Ernaux. O episódio de violência inaugura na escritora uma hiperconsciência de si e da própria família que, anos mais tarde, quando já reconhecida pelo sucesso de *O lugar*, destrincha neste livro ao reconstruir com precisão quase científica a vida na cidade de Y., bem como os usos e os costumes de sua classe social. No esforço de situar o incidente que encerra sua infância no contexto da história mundial, Ernaux visita os arquivos da cidade de Rouen em busca das notícias de jornal de 1952, em uma cena que os leitores já iniciados em sua obra identificarão como embrionária de *Os anos*, considerado por muitos seu maior livro. Como de costume, Ernaux entremeia a narrativa factual a reflexões sobre a escrita e o ato de traduzir em palavras um trauma que jamais ousara acessar. Marco importante de sua trajetória, é em *A vergonha* que pela primeira vez aparecem as indagações acerca da memória e da historicidade de nossas existências: "Naturalmente não procuro fazer uma narrativa, pois ela produziria uma realidade em vez de buscar uma. [...] Em suma, gostaria de ser etnóloga de mim mesma". Ao vasculhar a si e o passado familiar, Ernaux renova a linguagem do incômodo da inferioridade de classe, comovendo uma vez mais seus leitores com seus dizeres marcantes: "A vergonha se tornou, para mim, um modo de vida. No fim das contas, já nem percebia sua presença, ela estava em meu próprio corpo".

[Compre agora e leia](#)